



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Câmpus de Marília

RITA DE CASSIA THOMAZ

As massas e a personalidade autoritária: a contribuição da
psicanálise nos estudos de Adorno sobre o fascismo

Marília

2025

RITA DE CASSIA THOMAZ

As massas e a personalidade autoritária: a contribuição da psicanálise nos estudos de Adorno sobre o fascismo

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Marília, como parte das exigências para a obtenção do título de Doutora em Educação.

Linha de pesquisa: Filosofia e História da Educação

Orientador: Sinésio Ferraz Bueno

Marília

2025

T465m

Thomaz, Rita de Cassia

As massas e a personalidade autoritária : a contribuição da psicanálise nos estudos de Adorno sobre o fascismo / Rita de Cassia

Thomaz. -- Marília, 2025

115 p.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP),
Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília

Orientador: Sinésio Ferraz Bueno

1. Formação cultural. 2. Educação. 3. Psicanálise. 4. Psicologia de massa. 5. Emancipação. I. Título.

RITA DE CASSIA THOMAZ

**As massas e a personalidade autoritária: a
contribuição da psicanálise nos estudos de Adorno sobre o
fascismo**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp), como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Educação.

Linha de pesquisa: Filosofia e História da Educação

Banca Examinadora

Prof. Dr. Sinésio Ferraz Bueno
UNESP - Câmpus de Marília
Orientador

Prof. Dr. Alonso Bezerra de Carvalho
UNESP - Câmpus de Marília

Prof^a. Dr^a. Ana Paula de Ávila Gomide
Universidade Federal de Uberlândia - UFU

Prof. Dr. João Vicente Hadich Ferreira
Universidade Estadual do Norte do Paraná - UENP

Prof^a. Dr^a. Renata Peres Barbosa
Universidade Federal do Paraná - UFPR

Marília, 13 de fevereiro de 2025.

*Aos meus pais, Sebastiana e Gumerindo,
que fizeram imenso esforço para que seus
filhos pudessem estudar. Vocês são
eternos em minha memória.*

AGRADECIMENTOS

A minha família, que me deu amor e coragem.

À Piaf, por seu amor e valentia, ela foi uma companhia essencial, desde a preparação para o processo seletivo do doutorado até o dia da defesa. Obrigada!

À Ikki, uma luz, que ilumina a minha vida todos os dias. Você me conecta com a plenitude, a potência e a força da natureza. Eu cuido de você e você cuida de mim, meu anjo!

Aos meus amigos, por me inspirarem e me motivarem a seguir, apesar de todos os obstáculos.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Unesp/Marília; bem como aos professores (as) e funcionários (as).

Ao professor Sinésio Ferraz Bueno, por sua gentileza, delicadeza, escuta e apoio ao longo dos quatro anos de curso. Toda a autonomia que me propiciou no processo de orientação possibilitou um espaço de desenvolvimento e crescimento.

Aos meus caros estudantes, em meio aos desafios da educação, nossa convivência foi rica em encantamento, afeto e aprendizagem. Gratidão!

Aos examinadores, Alonso Bezerra de Carvalho e João Vicente Hadich Ferreira, por suas contribuições no exame de qualificação e na defesa. Ana Paula de Ávila Gomide e Renata Peres Barbosa, pelos apontamentos e participação na defesa da tese. A leitura e o olhar atencioso que cada um de vocês dedicou ao meu trabalho tornou essa jornada significativa.

“Sem dúvida, somente a humanidade redimida poderá
apropriar-se totalmente do seu passado”

Walter Benjamin (1987, p. 223)

RESUMO

O século XX foi marcado por um acentuado progresso técnico-científico, pela disputa imperialista e por duas guerras mundiais. Nesse contexto bélico e de transformação das formas de reprodução do capital, coube a Adorno pensar os reflexos de todos esses fenômenos para a constituição da individualidade. Na *Dialética do Esclarecimento*, Adorno e Horkheimer (1985) tratam como equivalentes as modificações que ocorrem nas pessoas e nas empresas e que são fundamentais para o desenvolvimento econômico. Do mesmo modo que as pequenas lojas sucumbem diante do surgimento das lojas de departamento, o aparelho psíquico deixa de ser administrado desde o interior, pelo ego, e, então, seu controle passa a ser exercido desde o exterior, visto que o ritmo idêntico da produção mecanizada impõe os padrões de comportamento, desde as repetitivas atividades que o indivíduo desenvolve em seu trabalho até a hora de lazer, que é tomada pelos produtos da indústria cultural. Nos estudos realizados por Adorno sobre o fascismo, a psicologia de massa freudiana tem centralidade, pois auxilia na compreensão dos mecanismos de gratificação pulsional que conduzem o indivíduo isolado e enfraquecido para a massa fascista. Freud (2021) dá ênfase ao vínculo libidinal que une os seguidores em torno do líder, à medida que cada um deles coloca essa figura onipotente no lugar de seu ideal do ego. Os conceitos da psicanálise são utilizados por Adorno para compreender o enfraquecimento do indivíduo na sociedade contemporânea e o modo que as feridas impostas a ele, no processo de autoconservação, são ao mesmo tempo redirecionadas de maneira destrutiva ao out-group. Com efeito, o processo de formação cultural é violento e administrado; as pulsões eróticas e destrutivas estão a serviço da dominação no longo ciclo que une progresso e barbárie. Para Adorno, em consonância com os demais pensadores da Teoria Crítica, cada época produz o tipo de personalidade apropriado aos fins da dominação. No exílio norte-americano, durante a expansão nazista, o autor esteve reunido com outros pesquisadores a fim de aprofundar o estudo das tendências da personalidade autoritária, marcada pela submissão, por um ego fraco e por um pensamento ligado as dimensões de poder. A partir da apropriação que Adorno (2015; 2019) faz da psicanálise, nosso objetivo é estudar de que maneira os conceitos freudianos foram utilizados no estudo do fascismo e como as reflexões de Adorno sobre o campo formativo podem trazer luz para os atuais desafios da educação, no que diz respeito ao processo de isolamento e massificação, que no século XXI estão associados aos novos produtos culturais, como internet e celulares, e às novas formas de socialização.

Palavras-chave: Formação cultural; educação; Psicanálise; psicologia de massa; emancipação.

ABSTRACT

The 20th century was marked by marked technical-scientific progress, imperialist disputes and two world wars. In this warlike context and transformation of the forms of reproduction of capital, it was up to Adorno to think about the consequences of all these characteristics for the constitution of individuality. In the *Dialectic of Enlightenment*, Adorno and Horkheimer (1985) treat as equivalent the changes that occur in men and companies and that are fundamental for economic development. In the same way that small stores succumb to the emergence of department stores, the psychic apparatus is no longer controlled from the inside, by the ego, and, then, its control begins to be exercised from the outside, since the identical rhythm of Mechanized production imposes standards of behavior, from the repetitive activities that the individual carries out in their work to the leisure time, which is taken over by the cultural industry. In Adorno's studies on fascism, Freudian mass psychology are central, as they help to understand the mechanisms of instinctual gratification that lead the isolated and weakened individual to the fascist mass. Freud (2021) emphasizes the libidinal bond that one of the followers has around the leader, as each of them places this omnipotent figure in the place of their ego ideal. The concepts of psychoanalysis are used by Adorno to understand the weakening of the individual in contemporary society and the way in which the wounds imposed on him, in the process of self-preservation, are at the same time redirected in a destructive way towards the out-group. In effect, the process of cultural formation is violent and administered; erotic and destructive drives are at the service of domination in the long cycle that unites progress and barbarism. For Adorno, in line with other thinkers of Critical Theory, each era produces the type of personality appropriate to the purposes of domination. In North American exile, during Nazi expansion, the author met with other researchers in order to deepen the study of the tendencies of the authoritarian personality, marked by submission, a weak ego and thoughts linked to the dimensions of power. Based on Adorno's (2015; 2019) appropriation of psychoanalysis, our objective is to study how Freudian concepts were used in the study of fascism and how Adorno's reflections on the formative field can bring light to the current challenges of education, with regard to the process of isolation and massification, which in the 21st century are associated with new cultural products, such as the internet and cell phones, and new forms of socialization.

Keywords: Cultural formation; education; psychoanalysis; mass psychology; emancipation.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. O RECURSO À PSICANÁLISE NO PENSAMENTO DE ADORNO.....	16
1.1. O interesse pela psicanálise.....	18
1.2. A análise de Adorno sobre o fascismo: o nazismo sobrevive como fantasma ou como disposição.....	27
1.3. O antissemitismo: tudo o que representa a diferença tem de tremer.....	35
1.4. Psicologia das massas, propaganda e liderança fascistas: apelo e mobilização.....	49
2. A PERSONALIDADE AUTORITÁRIA - A CONSTITUIÇÃO DA INDIVIDUALIDADE NO CAPITALISMO, O CLIMA CULTURAL GERAL E A PATOLOGIA SOCIAL.....	59
2.1. O estudo da personalidade autoritária.....	62
2.2. Metodologia da pesquisa.....	64
2.3. Uma patologia social.....	72
2.4. A mentalidade antissemita.....	76
2.5. O clima cultural geral: ignorância e confusão.....	81
3. O SIGNIFICADO DA ANÁLISE DO FASCISMO PARA O CAMPO FORMATIVO.....	87
3.1. A crise da família e da formação.....	87
3.2. Ser inteligente é cuidar de si.....	92
3.3. Educação contra a barbárie.....	96
3.4. Emancipação e liderança democrática.....	102
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	107
REFERÊNCIAS.....	112

INTRODUÇÃO

A força da palavra emancipação surgiu na minha trajetória no momento em que minha mãe preparou-me para entrar numa instituição de ensino. Assim como fez com os meus irmãos mais velhos, ela me explicou que possivelmente eu enfrentaria algumas situações desagradáveis com meus colegas na escola, disse que eles poderiam fazer brincadeiras inoportunas por conta da cor da minha pele. Para cada um dos seus filhos, minha mãe passou uma série de orientações sobre o que fazer em ocasiões que sofrêssemos racismo. Particularmente, eu nunca respondia ou revidava. De acordo com minhas recordações, as provocações só diminuíram no Ensino Médio, quando tive que mudar de escola, porque naquela que eu estudei durante todo o Ensino Fundamental não havia o Ensino Médio. Então, aos 15 anos, quando mudei para a nova escola, eu finalmente podia andar pelos corredores e ir ao intervalo com minhas colegas sem o medo de ser ridicularizada e ofendida. Ali, os estudantes pareciam não estar incomodados com a minha existência e eu passava despercebida. Diante de tal mudança, sentia um alívio e uma liberdade imensos nessa fase.

Por muitos anos eu vivi assombrada por aqueles dedos apontados para mim, pelo racismo vivenciado na escola e pelas maldades dos meus colegas. Mas sempre senti um encantamento pelos livros, pelo aprendizado e pelos meus professores. Parte da minha relação positiva com a escola e com o ensino pode ser explicada pela minha história, que é parecida com a de muitos estudantes das décadas de 1980 e 1990. Visto que para os nossos pais o ingresso e a manutenção dos filhos na escola gerava uma expectativa de transformação econômica, eles tinham uma meta de proporcionar aos filhos a oportunidade de estudar que eles próprios não tiveram. Dessa maneira, aprendi a associar a escola e o aprendizado com a ideia de transformação, “as coisas poderiam melhorar, se terminássemos os estudos”. De fato, alcancei muito mais do que meus pais sonhavam, isto é, o Ensino Médio, uma vez que consegui ingressar na universidade em 2002. Fui aprovada no vestibular da Unesp para cursar História no câmpus de Assis, naquela ocasião a força da palavra emancipação, que me acompanhava desde a infância, se juntou à ideia de emancipação¹. No primeiro ano, comecei a buscar ideias para um projeto de pesquisa que deveria desenvolver, atividade atrelada ao recebimento da bolsa BAE, Bolsa de auxílio ao estudante, que recebi durante três anos do

¹ Em nosso trabalho a emancipação é utilizada conforme a acepção kantiana, ou seja, a saída da menoridade e a possibilidade de servir-se do seu próprio entendimento (Kant, 1985).

curso. No quarto e último ano, minha pesquisa de iniciação científica, *A perspectiva histórica do ponto de vista psicanalítico, através das interpretações de Freud e Marcuse*, foi financiada pela FAPESP.

Afirmo que a força e a ideia de emancipação se uniram pois meu interesse pelo tema da dominação em Marx e da repressão em Freud conversava com a minha trajetória. No mestrado continuei explorando a aproximação entre materialismo histórico e psicanálise. Eis que em 2009 defendi a dissertação com o título *Reich e Marcuse: uma teoria do material e do subjetivo na história*, cujo objetivo era investigar de que maneira Reich e Marcuse realizaram a aproximação das teorias de Marx e Freud e como se apropriaram do referencial da psicanálise a fim de realizar a análise de determinados fenômenos sociais e históricos.

Ao final do mestrado, comecei a atuar como professora da rede pública estadual paulista, a carreira docente e todos os desafios trazidos em seu exercício trouxeram diversas dúvidas, inquietações, indagações, aprendizados, alegrias e a constante luta por emancipação. A pesquisa de doutorado reúne os meus interesses de pesquisas anteriores e os questionamentos provenientes dos quinze anos de minha prática docente. Algumas das perguntas que orientam o presente trabalho se relacionam com a minha experiência docente na escola pública, dentre elas, destaco: De que maneira um espaço arcaico, baseado em relações hierárquicas e autoritárias pode conduzir à emancipação dos estudantes? Para quê serve a escola no século XXI? Qual o papel do professor, diante de uma política educacional orientada pelos interesses do mercado?² Como romper com certos hábitos dentro da cultura escolar que tornam os professores inimigos dos estudantes? De que forma podemos romper com esse ciclo de desigualdade no país, se as diferenças fundamentais começam na oferta de um ensino de qualidade para os ricos e uma educação precária para os pobres?³

Em 1967, no debate *Educação - para quê?*, Adorno (2022) apresentou a sua concepção de educação e nela podemos observar de que maneira os interesses impostos para a educação desde o exterior da escola provocam uma tensão em relação aos objetivos educacionais e a prática pedagógica. Para o autor, a educação não deve almejar simplesmente

² Na atualidade, as políticas educacionais no Brasil são predominantemente orientadas pela ótica neoliberal. Os interesses econômicos que os neoliberais visam alcançar através da gestão das políticas educacionais podem ser definidos nos seguintes termos: “[...] consideram a educação um negócio e acreditam na liberdade individual de escolha. Para eles, o estudante de escola pública deveria também, como consumidor, ter a possibilidade de escolha em relação à sua educação. Acreditam que o investimento em educação deve gerar lucros, criar futuros profissionais competitivos e novos consumidores para a economia” (Loures e Sampaio, 2020, p. 221)

³ Sobre a ampliação da desigualdade a partir da escola, conferir: ALGEBAILLE, Eveline. Escola pública e pobreza no Brasil: a ampliação para menos. Rio de Janeiro: Ed. Lamparina, Faperj. 2009.

a modelagem de pessoas nem a mera transmissão de conhecimentos, mas sim a produção de uma consciência verdadeira. Contudo, esse debate e outros textos que estão reunidos no livro *Educação e Emancipação* (2022) discutem a dificuldade da emancipação, ou seja, da saída do sujeito de sua menoridade, diante das formas de socialização do capitalismo tardio. A realidade da sociedade de massa é que a necessidade de autoconservação força as pessoas à heteronomia. Como salienta Adorno (2019) no estudo da personalidade autoritária, ser inteligente é cuidar de si, de suas próprias vantagens. A questão é que não se trata de indivíduos capazes de autodeterminação, mas de pessoas que se identificam com a ordem totalitária e agem a favor dessa ordem. Como explica Marcuse (2001, p. 71): “As massas coordenadas não anseiam por uma nova ordem, mas por uma maior participação na ordem vigente”.

Essa limitação do indivíduo isolado e convencido de sua impotência dentro da sociedade capitalista foi essencial para o fortalecimento do fascismo, visto que diante de sua violenta integração social, marcada pela menoridade, as pessoas estavam predispostas a não desejarem uma nova ordem, sua consciência estava bloqueada para a transformação. Assim, a liderança fascista e a propaganda fascista trataram de manipular as pessoas a partir de suas necessidades psicológicas. Segundo Adorno, uma das características da abordagem psicológica da propaganda fascista é a seguinte: “Trata-se de uma propaganda *personalizada*, essencialmente não objetiva” (Adorno, 2015, p. 138). Essa abordagem se relaciona com a confusão e ignorância demonstrada pelas pessoas que participaram do estudo da personalidade autoritária. O que aponta para o processo de semiformação, quer dizer, uma formação que serve mais ao propósito de modelar as pessoas, do que desenvolver a consciência verdadeira.

Nossa proposta de estudar a utilização e a apropriação que Adorno faz de certos conceitos da psicanálise para estudar o fascismo, nos auxilia na compreensão do entrelaçamento entre progresso e barbárie (Adorno, Horkheimer, 1985), que confirma uma tendência da educação na atualidade: “Nunca fomos tão educados e, no entanto, nunca fomos tão privados de formação” (Catini, 2019, p. 33). O fascismo requer uma atitude desesperada, acompanhada de ações irrefletidas⁴. No contexto atual, de fortalecimento da extrema direita no mundo, nossa pesquisa busca compreender as motivações inconscientes e as gratificações psíquicas que explicam a adesão dos indivíduos ao movimento fascista. Diante dessa

⁴ Como explica Eco (2019), a irracionalidade do fascismo depende do culto da ação pela ação: “A ação é bela em si e, portanto, deve ser realizada antes de e sem nenhuma reflexão” (Eco, 2019, p. 47).

perspectiva, apresentamos os objetivos e a justificativa do presente estudo. O objetivo geral é estudar de que modo as categorias psicanalíticas foram utilizadas por Adorno no estudo do fascismo. Como objetivos específicos, definimos: a) Caracterizar a apropriação dos conceitos psicanalíticos realizada por Adorno; b) Estudar as tendências gerais da personalidade autoritária e os mecanismos psicológicos que explicam o êxito da propaganda e da liderança fascistas e c) Analisar de que maneira a concepção de Adorno sobre a constituição da individualidade na época contemporânea pode contribuir para o debate educacional.

Consideramos que a pesquisa se justifica perante o cenário de violência na constituição da individualidade, tema tratado por Freud (2022) e por Adorno e Horkheimer (1985), portanto, é possível reconhecer a atualidade dos pensamentos desses autores para refletirmos a respeito da irracionalidade que observamos no processo social, que atinge as escolas em diferentes dimensões. Dentre elas podemos mencionar: a violência de um processo educacional excludente que fortalece as desigualdades a partir da diferenciação do ensino destinado para crianças ricas e pobres; a precarização do trabalho de professores tanto em instituições públicas quanto privadas⁵, acompanhadas pelo controle e cerceamento de suas práticas e ideias⁶, e, por fim, a violência física dentro do ambiente escolar.

Para a realização da pesquisa, partimos da análise dos trabalhos de Adorno que versam sobre a temática do declínio do indivíduo, o apelo da propaganda fascista, a personalidade autoritária, a formação cultural contemporânea e palestras e debates que ele proferiu acerca do campo formativo. Destacamos as referências centrais em que encontramos essas temáticas: *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos* (1985), *Teoria Freudiana e o padrão da propaganda fascista* (2015), *Antissemitismo e propaganda fascista* (2015), *Estudos sobre a personalidade autoritária* (2019) e *Educação e Emancipação* (2022). Além delas, os principais trabalhos de Freud para o desenvolvimento de nossa pesquisa são: *Psicologia das massas e análise do Eu* (2022) e *O mal-estar na cultura* (2021).

⁵ Sampaio e Marin (2004) apontam para a crescente precarização do trabalho do professor em nosso país “Consideramos que problemas ligados à precarização do trabalho escolar não são recentes no país, mas constantes e crescentes, e cercam as condições de formação e de trabalho dos professores, as condições materiais de sustentação do atendimento escolar e da organização do ensino, a definição de rumos e de abrangência do ensino secundário e outras dimensões da escolarização, processo esse sempre precário, na dependência das prioridades em torno das políticas públicas” (Sampaio; Marin, 2004, p. 1204).

⁶ Nesse ponto, podemos mencionar a atuação do movimento Escola sem partido, que é um movimento organizado pela sociedade civil, a ideia do programa existe desde 2004 com a criação de um site que incentiva os pais a fazerem denúncias contra os professores do seus filhos, no caso de “doutrinação ideológica”. Posteriormente, diversos projetos de lei foram surgindo com essa denominação ou outras semelhantes.

O primeiro capítulo está dedicado a pensar a maneira como as formas de socialização da sociedade contemporânea, ligadas ao modelo de produção capitalista e industrial, estão pautadas no controle do indivíduo a partir da violência⁷. Nos cabe refletir sobre os sacrifícios que as pessoas tendem a realizar em nome da autoconservação e o quanto tais sacrifícios são incompatíveis com o progresso técnico e científico alcançado pela sociedade industrial. Na narrativa desenvolvida na *Dialética do Esclarecimento* é possível destacar de que maneira os autores utilizam o referencial teórico da psicanálise a fim de demonstrar que a repressão instintiva é uma variável histórica. E que os indivíduos são remodelados de acordo com os interesses dominantes, o aparelho psíquico sofreu alterações ao longo do desenvolvimento do sistema capitalista, assim como as empresas e as máquinas (Adorno; Horkheimer, 1985). Nesse capítulo tratamos da associação entre esse declínio do indivíduo e a sua suscetibilidade em aderir aos movimentos fascistas. Para tanto, nosso estudo se concentrou nos trabalhos que Adorno realizou em torno da psicologia de massa freudiana, do apelo da propaganda fascista e da caracterização do líder e do agitador fascista.

No segundo capítulo, analisamos como a psicanálise auxilia no estudo da formação da personalidade, pois a partir da apropriação que Adorno faz do conceito de ferida é possível perceber que a violência desferida contra o indivíduo é responsável pela constituição de uma personalidade circunscrita aos fenômenos contemporâneos, entre eles, a inaptidão para a experiência e a paralisia da reflexão. O estudo sobre a personalidade autoritária, uma pesquisa empírica e teórica, descreve como tal personalidade apresenta tendências gerais que estão ligadas ao processo de adaptação numa sociedade totalitária, que exige a contribuição cega dos indivíduos ao aparato social repressor. Uma organização social que força a padronização de comportamento e produz indivíduos conformados e submissos, que pensam conforme as dimensões de poder, habituados a violência em nome da autoconservação. Pessoas inclinadas a redirecionar a sua violência contra os grupos que eles discriminam, principalmente por considerarem tais grupos uma ameaça à ordem vigente. O estudo da personalidade autoritária aponta para um funcionamento paranoico do indivíduo, que não compreende a realidade e que

⁷ Como sublinha Lapoujade (2015), sabemos que a violência circula por todo o campo social sob as mais variadas formas, a partir disso, o autor distingue dois aspectos da violência: “De um lado, a violência enquanto exercício de uma relação de força, força física ou mental, a violência enquanto relações entre corpos (em todos os sentidos da palavra corpo, não apenas corpo físico, mas corpo social ou corpo coletivo). Esse aspecto diz respeito ao poder e às relações entre poderes. Mas há necessariamente um segundo aspecto: pois essas relações são sempre codificadas, submetidas a regras ou normas que distribuem esses poderes e essas relações de força num campo social dado” (Lapoujade, 2015, p. 79). Essa segunda dimensão apontada pelo autor se relaciona com o domínio técnico e científico e o consequente controle e manipulação da subjetividade que os detentores do poder exercem sobre a maioria da população.

em certo ponto apresenta uma ruptura com ela, devido à falta de percepção e de sua irracionalidade. Como ele não alcança a realidade, apenas projeta o que existe em seu interior.

No terceiro capítulo, buscamos compreender o significado da análise do fascismo para o campo formativo. Os textos de Adorno reunidos em *Educação e Emancipação* (2022) dão ênfase para a relação entre a barbárie da civilização e a constituição da individualidade. O violento processo de adaptação no capitalismo tardio implica na estereotipia do pensamento, na incapacidade de identificação e na inaptidão para a experiência. Nesse sentido, a incompreensão diante das complexidades econômicas, políticas e sociais leva as pessoas a desenvolverem “técnicas de orientação no escuro” (Adorno, 2019), estratégia que lhes fornece certa segurança intelectual. Entretanto, no campo político isso pode favorecer a atuação de lideranças políticas anti-democráticas, do tipo fascista, que utilizam de suas técnicas de manipulação e da psicologia de massa. Então, a adesão das pessoas a essas plataformas políticas é realizada devido a preponderância do apelo e manipulação de mecanismos psicológicos em prejuízo da abordagem das questões objetivas. Uma vez que Adorno (2022) assume a sua concepção de educação como a produção de uma consciência verdadeira, e mediante o entendimento de que a época contemporânea “glorifica a heteronomia”, tal concepção de educação constitui uma exigência política para o autor.

1. O RECURSO À PSICANÁLISE NO PENSAMENTO DE ADORNO

No primeiro capítulo, abordaremos o tema da recepção e apropriação da psicanálise por Adorno. Nosso interesse é analisar de que maneira o pensamento de Freud ofereceu subsídios para a análise do fascismo. Para isso, investigaremos quais os conceitos da psicanálise tornaram-se fundamentais para compreender a irracionalidade que é característica dos regimes autoritários de tipo fascista. Assim, baseados na emblemática obra de Adorno e Horkheimer, a *Dialética do Esclarecimento* (1989) e na tese contida nela - de que a época moderna contém ao mesmo tempo a promessa de emancipação humana e a negação de tal promessa, procuramos dar relevo para aquilo que os autores chamam de declínio do indivíduo⁸, com o propósito de compreender de que maneira os limites do Esclarecimento favoreceram o surgimento de personalidades com fortes tendências autoritárias.

Nessa perspectiva, a história do capitalismo no século XX registra a diminuição das possibilidades de emancipação em meio ao aumento do poderio dos impérios e dos monopólios e de um processo de formação cultural marcado pela correlação entre autoconservação e heteronomia. Os autores retratam tal processo na *Dialética do Esclarecimento*, e, com o auxílio da psicanálise, descrevem o fenômeno da expropriação da psicologia individual realizado na sociedade totalitária. De acordo com Adorno e Horkheimer

⁸ Horkheimer e Adorno (1973) afirmam que desde o princípio o conceito de indivíduo procurou designar algo concreto, fechado e autossuficiente. A começar por Descartes, “o conceito de autonomia do eu passou a motivar reflexões filosóficas, redundando na afirmação da primazia do “Eu sou” e do “Eu penso” (Horkheimer; Adorno, 1973, p. 45). Posteriormente, outros pensadores conceberam o eu independente dos sujeitos concretos, Kant o entendeu como percepção transcendente e autonomia moral, Fichte como eu absoluto e Husserl como consciência pura. Os frankfurtianos, por sua vez, pensaram o conceito de indivíduo a partir da mediação social e interação dialética. Para eles: “A vida humana é essencialmente e não por mera casualidade, convivência. Com esta afirmação, põe-se em dúvida o conceito de indivíduo como unidade social fundamental. Se o homem, na própria base de sua existência, é para os outros, que são seus semelhantes, e se unicamente por eles é o que é, então a sua definição última não é a de uma indivisibilidade e unicidade primárias, mas, outrossim, a de uma participação e comunicação necessárias com os outros” (Horkheimer; Adorno, 1973, p. 47). Dito isso, o declínio do indivíduo pode ser compreendido a partir de uma concepção de modernidade cuja promessa é o individualismo e a liberdade do ser humano, mas, contraditoriamente, se constitui como alienação e isolamento das pessoas. Nesse ponto, cabe mencionar a incapacidade das pessoas em se identificarem umas com as outras, ao mesmo tempo que aumenta a identificação dessas pessoas com a totalidade opressora. Como sublinha Adorno (2008b, p. 147): “No que tange à sociedade, a condição absoluta atribuída ao indivíduo indica a passagem da mediação universal da relação social - que como troca sempre inclui um limite ao interesse que nele se realiza em cada caso - para a dominação universal, da qual se apossam os mais fortes”. No lugar de indivíduos autônomos, temos a subserviência das pessoas diante das leis do mercado, o ser humano se esgota na medida em que luta pela sua autoconservação. Ou, nas palavras de Adorno (2018b, p. 146), “a crua realidade material que prende o humano na desumanidade”.

(1989), se outrora, em fases anteriores da organização capitalista, o ego realizava o papel de mediação entre as exigências pulsionais do id e a moralidade representada pelo superego, na cultura de massas a consciência se encontra exteriorizada, a decisão individual depende muito mais de agentes externos do que da autodeterminação individual. Como desdobramento, no que se refere aos fatores subjetivos da análise do fascismo, as técnicas da propaganda fascista e da liderança fascista obtêm êxito no apelo psicológico que dirigem para esse ego debilitado.

Para desenvolver a nossa análise, o capítulo foi dividido em quatro partes, a primeira delas aborda o contexto histórico e o panorama intelectual em que Adorno estava inserido na primeira metade do século XX. Inicialmente, indicamos as motivações dos primeiros autores marxistas que aproximaram as teorias de Marx e Freud, a partir deste ponto, procuramos estabelecer a diferença entre a problemática estudada pelos freudo-marxistas nas décadas de 1920 e 1930 - a falência do proletariado como classe revolucionária - daquela estudada por Adorno e Horkheimer no exílio na década de 1940 - o enfraquecimento do indivíduo perante a cultura de massas. Em seguida, discutimos algumas particularidades que levaram a escolha da psicanálise como referencial teórico por Adorno.

Na segunda parte, tratamos da relação primordial, tanto para Adorno quanto para Horkheimer, entre fascismo e capitalismo, para isso, a análise foi realizada a partir da *Dialética do Esclarecimento* (1989). Procuramos explorar o tema do sofrimento, que para Freud é uma condição da civilização e para Adorno surge essencialmente como consequência de determinados modelos de organização social. Como desdobramento do que foi exposto nessa parte, sobretudo no que tange ao caráter totalitário da dominação, a terceira parte está dedicada ao tema do antissemitismo. Uma vez que a própria essência da cultura de massas é a indiferenciação dos indivíduos, o judeu é eleito como inimigo exatamente porque ele é o símbolo da diferença. Esse é o argumento que encontramos em *Elementos de Antissemitismo: limites do Esclarecimento* (1989).

Na parte final, investigaremos os elementos da psicologia das massas que fornecem a base para paranoias desse tipo. Portanto, a quarta parte está dedicada ao estudo do apelo e da manipulação realizados pela propaganda e pela liderança fascista, a fim de esclarecer de que maneira as técnicas utilizadas por ambas fornecem a gratificação pulsional responsável pela adesão do indivíduo ao movimento fascista. Para isso, as principais referências utilizadas são *Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista* (2015) de Adorno e *Psicologia das massas e análise do Eu* (2021) de Freud.

1.1. O interesse pela psicanálise

A tarefa de estudar o pensamento de Adorno requer a compreensão do contexto no qual ele estava inserido. Para o estudo do fascismo, é necessário pensar nas transformações da Europa na virada para o século XX, que culminaram nas duas grandes guerras, a de 1914 e a de 1939. Nesse cenário de disputa imperialista, são formadas as alianças que se enfrentaram nas guerras. Além disso, o período entreguerras é marcado pela crise do capitalismo e pela ascensão dos regimes autoritários em diversos países da Europa. Somado a configuração geopolítica, temos o cenário intelectual no qual Adorno estava imerso, primeiro na Alemanha e depois nos Estados Unidos, durante o exílio. Podemos sublinhar que nos dois continentes as colaborações de Adorno para o Instituto de Pesquisas Sociais também são fundamentais para a compreensão da recepção da psicanálise e para o estudo do fascismo.

No que se refere à formação inicial de Adorno, conforme Jay (1988), ele entrou na universidade em 1921 e “devoraria cursos de filosofia, sociologia, psicologia e música para formar-se apenas três anos depois, em 1924, aos vinte e um anos de idade, com um doutorado em filosofia” (Jay, 1988, p. 27). Em relação ao Instituto de Pesquisas Sociais⁹, Jay sublinha que mesmo tendo publicado através dele somente em 1932, “Adorno já se encontrava sob sua órbita intelectual no final dos anos 20” (Jay, 1988, p. 29). Portanto, podemos afirmar que o pensamento de Adorno é produto de seus interesses particulares e de sua interação constante com o Instituto.

Tal aspecto nos direciona para o motivo do interesse dos pesquisadores desse Instituto nos fatores subjetivos da análise social. E nesse ponto, Rouanet (1989) observa que o trabalho do Instituto só pode ser compreendido se confrontado com o movimento freudo-marxista. A respeito da aproximação teórica entre materialismo histórico e psicanálise, Rouanet (1989, p. 13) afirma que as “primeiras tentativas de integrar o pensamento de Freud e Marx tiveram

⁹ A ideia de um instituto de pesquisa que fosse independente financeiramente partiu de Félix J. Weil, que recebeu o apoio de Friedrich Pollock e Horkheimer para a sua criação. A doação financeira inicial partiu do pai de Felix, Hermann Weil. De acordo com Jay (2008, p. 41): “Desde seus primórdios, a independência foi entendida como um pré-requisito necessário à tarefa de inovação teórica e de pesquisa social irrestrita”. Mesmo diante dessa necessidade de independência intelectual e financeira, os fundadores achavam prudente se filiar à Universidade de Frankfurt. Conforme a explicação de Jay (2008), a ideia de uma escola específica só foi desenvolvida quando eles foram obrigados a sair de Frankfurt. O termo “Escola de Frankfurt” só foi utilizado em 1950, com o retorno do Instituto ao seu país de origem. Assim como Jay, utilizaremos o termo para nos referir ao grupo de Frankfurt depois de 1933.

como pano de fundo dois marcos históricos - a revolução bolchevista, em 1917, e a chegada de Hitler ao poder, em 1933”. Havia nesses eventos um elemento que confrontava a teoria marxista e que colocava a ênfase no elemento subjetivo. Ou seja, mesmo diante do atraso econômico da Rússia e da pequena importância de seu proletariado, o país conduziu o processo revolucionário. Em contrapartida, o proletariado alemão que já havia se constituído, foi capaz de uma inflexão à direita, mesmo diante da crise econômica.

Embora os dois grupos, dos freudo-marxistas e do Instituto de Pesquisas Sociais, compartilhassem o interesse pela psicanálise por um desdobramento das investigações cuja fundamentação era marxista, Rouanet (1989) chama a atenção para o seguinte fato: no caso do Instituto, a transformação histórica levou a alteração do objeto de pesquisa, que passou da questão operária e sua consciência de classe para o indivíduo isolado na cultura de massa. Conforme o autor, inicialmente, os dois grupos partiram da mesma pergunta, no entanto, mais tarde a pergunta do grupo de Adorno e Horkheimer se modificou. Nesses termos, de acordo com Rouanet, a pergunta comum aos dois grupos era: “Como é possível que a classe operária pense e aja contra os seus próprios interesses?”. Enquanto a nova pergunta dos frankfurtianos ficou assim: “Como é possível que a maioria da população, nos países industrializados do Leste e do Oeste, pense e aja num sentido favorável ao sistema que a oprime” (Rouanet, 1989, p. 70).

A esse respeito, Rouanet indica que a mudança da pergunta se deve ao contexto histórico: a primeira, coincide com a grande depressão e a segunda, “com o pleno emprego relativo dos Estados Unidos durante a guerra e com a sociedade da abundância do pós-guerra imediato” (Rouanet, 1989, p. 70). O problema que se apresenta, então, não se resume apenas a entender os motivos do fracasso da revolução socialista em países desenvolvidos e industrializados, mas, restava compreender como a classe proletária ao invés de atingir um estado de consciência de sua exploração sob o capitalismo, caminha numa direção oposta, no sentido de estar cada vez mais conformada e adequada às condições sociais de dominação.

Nesses termos, no lugar de uma classe revolucionária está o indivíduo enfraquecido. E a propósito, na cultura de massas a dominação se torna cada vez mais profunda e consistente. Pois a fase do capitalismo de monopólio pressupõe a concentração cada vez maior do capital e a consequente ampliação da dominação, em dois sentidos, o de abranger cada vez mais indivíduos e de maneira mais duradoura. Isso significa que cada transformação na forma de circulação, produção e reprodução do capital requer uma alteração igual nas formas de

controle dos indivíduos. Da mesma forma que as empresas são remodeladas e expropriadas, a vida psíquica dos indivíduos deve passar por semelhante processo.

A racionalidade econômica, esse princípio tão enaltecido do menor meio, continua incessantemente a remodelar as últimas unidades da economia: tanto a empresa quanto os homens. A forma mais evoluída a cada momento torna-se a forma dominante. Assim, a antiga loja especializada foi expropriada pela loja de departamentos. [...] Com a pequena empresa psicológica, isto é, com o indivíduo, as coisas não se passam diferentemente” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 167).

Desse modo, o que os autores apontam é a expropriação do aparelho psíquico do indivíduo como um modo mais aprimorado de dominação. Tal análise é realizada com a utilização do referencial teórico da psicanálise. Eles apontam que o ego não faria mais o papel de mediação entre as outras duas instâncias psíquicas, id e superego, e o mundo exterior. Ao invés disso, de acordo com Adorno e Horkheimer: “Os sujeitos da economia pulsional são expropriados psicologicamente e sua economia é gerida mais racionalmente pela própria sociedade” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 167).

A seguir, vamos apresentar alguns aspectos que orientam o uso da psicanálise por Adorno e pela Teoria Crítica. Para isso, iniciamos com uma observação de Jay (1988) sobre a relação de Adorno com a psicanálise:

O que levou realmente Adorno aos primeiros escritos de Freud foi a forma pela qual a teoria deste registrava, sem qualquer hesitação, os traumas da existência contemporânea. Dizer a verdade nua e crua já constituía, por si mesmo, uma espécie de resistência à aceitação desses traumas como algo inevitável (Jay, 1988, p. 82).

Podemos considerar que diante de todo horror causado pelas guerras, pelo imperialismo e pelo nazismo, somados à experiência particular de Adorno como exilado, em sua análise social, a psicanálise fornecia uma perspectiva emancipatória. Isso se deve ao fato de que ela contém uma crítica à cultura moderna. Elemento que permite investigar as raízes profundas da “expropriação da psicologia individual” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 167) e, por conseguinte, as possibilidades de sua superação. Na concepção de Adorno, “para Freud, o conceito de psicologia é essencialmente negativo” (Adorno, 2015, p. 186-187). Nessa acepção, de acordo com Lastoria (2017, p. 88), “as tensões presentes nas formulações psicanalíticas apontam para contradições objetivas presentes no âmago de nossa civilização”.

Nesses termos, o interesse de Adorno pela psicanálise se relaciona com a própria essência da teoria crítica como foi formulada por Horkheimer. Isto é, conforme Rouanet (1989), em oposição à teoria tradicional, o autor preconizava a ideia de que a teoria crítica

deveria analisar os fatos a partir de seu caráter dinâmico. De modo que estabelecesse, por princípio, a possibilidade de transformação da realidade. Assim, de acordo com Rouanet: “Para a teoria tradicional, a compreensão se esgota na descrição; para a teoria crítica, compreender inclui a compreensão das leis do movimento do real que está sendo descrito, e, portanto, supõe, sua superação” (Rouanet, 1989, p. 100).

Desse modo, Adorno recupera a questão do sofrimento cultural, estuda as suas raízes, compreende o seu movimento, para a partir disso pensar na possibilidade de superação. Nesse sentido, Adorno parte da crítica da cultura realizada por Freud¹⁰ (2021) para dar conta de explicar a violência que a sociedade exerce sobre as pessoas. A noção de “remodelar” e “expropriar” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 167) a psique reflete o domínio da sociedade capitalista sobre o indivíduo. O ser humano é apenas uma peça na engrenagem, que serve para produção e a reprodução do capital.

Por isso, a violência e o medo permeiam as relações nessa sociedade, que depende da adaptação e do conformismo para se perpetuar. Dessa maneira, a violência e o medo servem como instrumentos para combater a resistência dos indivíduos, o que significa que quanto mais fortes o controle e a dominação, menores serão as ameaças de dissolução do sistema. Com isso, o corpo violentado e enfraquecido garante a ordem estabelecida. Por medo, a pessoa colabora, ela contribui com seu esforço físico e segue as normas sociais. Uma vez que se sente fraca diante de forças sociais tão poderosas, que, entre outras coisas, garantem a sua autopreservação, seu ímpeto é obedecer.

O medo [*Angst*] de ser excluído, a sanção social do comportamento econômico, internalizou-se há muito através de outros tabus, sedimentando-se no indivíduo. Tal medo transformou-se historicamente em segunda natureza - não por acaso “existência” significa no uso linguístico filosoficamente não deteriorado, tanto a existência natural quanto a possibilidade da autopreservação no processo econômico (Adorno, 2015, p. 77).

O processo de expropriação do ego implica numa diminuição da capacidade de resistir e fazer oposição às figuras de autoridade. Para Adorno, essa substituição da autonomia pela submissão é reflexo de uma alteração na estrutura familiar dentro do capitalismo, como veremos mais à frente. Nessa perspectiva, o ego destituído da tarefa de realizar a mediação entre o mundo interior e o exterior, perdeu o domínio de si e o conhecimento da realidade que o cerca; em meio a esse processo, perdeu também bastante de sua função reflexiva. Que

¹⁰ Neste ponto, nos referimos especificamente à crítica contida em *O mal-estar na cultura* (2021).

condições teria de opor resistência, se não tem sequer condições de refletir sobre a sua própria existência? Sobre a dificuldade de opor resistência, Adorno faz a seguinte observação:

Na sociedade desenvolvida de troca, este medo, em face da desproporção entre o poder das instituições e a impotência do indivíduo, universalizou-se de tal maneira que seriam necessárias forças sobre-humanas para se deixar tocar por ele, enquanto ao mesmo tempo, a maquinaria social [*das Getriebe*] reduz incessantemente as forças de resistência em cada indivíduo (Adorno, 2015, p. 78-79).

A esse respeito, Adorno e Horkheimer (1985) enfatizam que o progresso técnico e científico, que pressupõe o domínio e o conhecimento das leis que regem o mundo físico, não resultou na melhoria das condições de existência da humanidade. Ao contrário, o domínio da natureza e o conhecimento científico servem em última instância para que um grupo diminuto de pessoas, que detém o seu poder, subjuguem e domine todas as outras. Nesses termos, em *O mal-estar na cultura* (2021), Freud afirmou que a civilização recompensa ao preço da renúncia instintiva, de modo que não haveria civilização sem sofrimento. Essa tese, diverge da análise materialista de Adorno e Horkheimer que dão relevo ao processo de dominação. Para eles, ainda que o progresso técnico e científico seja capaz de diminuir o sofrimento humano, isso não acontece em decorrência da própria vontade das pessoas, no caso, uma minoria detentora do poder econômico.

Portanto, o processo pelo qual a razão se consubstancia em instrumento de poder servindo ao interesse de poucos é o avesso do Esclarecimento. Pois implica na “desfiguração” e na “remodelagem” do indivíduo e resulta na perda de sua essência como sujeito, capaz de refletir e atuar no mundo de forma autônoma. Então, a dominação se aperfeiçoa e aumenta porque a ciência avançou imitando a natureza e conservando para si o poder sobre as consciências que outrora pertencia somente à religiosidade, na forma de um ser sobrenatural, como os mitos e deuses. Como afirmam Adorno e Horkheimer (1985, p. 18): “O saber que é poder não conhece barreira alguma, nem na escravidão da criatura, nem na complacência em face dos senhores do mundo”.

Nessa perspectiva, Horkheimer analisa a discrepância entre desenvolvimento técnico e científico e desenvolvimento humano no texto *Meios e Fins* (2002). Já no prefácio ele anuncia a desproporção entre o avanço técnico da humanidade e o desenvolvimento humano:

Parece que enquanto o conhecimento técnico expande o horizonte da atividade e do pensamento humanos, a autonomia do homem enquanto indivíduo, a sua capacidade de opor resistência ao crescente mecanismo de manipulação de massas, o seu poder de imaginação e o seu juízo independente sofreram aparentemente uma redução. O

avanço dos recursos técnicos de informação se acompanha de um processo de desumanização (Horkheimer, 2002, p. 7).

De acordo com o autor, a crescente sujeição individual está intimamente relacionada com a predominância da “razão subjetiva” sobre a “razão objetiva” que marca o esclarecimento. Segundo Horkheimer, a primeira faz referência ao próprio “funcionamento abstrato do mecanismo de pensamento” (Horkheimer, 2002, p. 9), enquanto a segunda está contida nos “grandes sistemas filosóficos tradicionais, tais como o de Platão e Aristóteles” (Horkheimer, 2002, p. 10). A razão subjetiva é condicionada ao interesse pessoal e relaciona-se “essencialmente com meios e fins, com a adequação de procedimentos a propósitos mais ou menos tidos como certos e que se presumem auto-explicativos (Horkheimer, 2002, p. 9)”. A noção de razão objetiva, por sua vez, consiste na intenção dos filósofos de alcançar um princípio superior, para além do funcionamento da mente individual. Como explica Horkheimer:

Esses filósofos objetivavam desenvolver um sistema abrangente, ou uma hierarquia, de todos os seres, incluindo os homens e os seus fins. O grau de racionalidade de uma vida humana podia ser determinado segundo a sua harmonização com essa totalidade. A sua estrutura objetiva, e não apenas o homem e os seus propósitos, era o que determinava a avaliação dos pensamentos e das ações individuais. Esse conceito de razão jamais excluiu a razão subjetiva, mas simplesmente considerou-a como a expressão parcial e limitada de uma racionalidade universal, da qual derivavam os critérios de medida de todos os seres e coisas (Horkheimer, 2002, p. 10-11).

Contudo, quando o conteúdo da razão passa a ser determinado por uma decisão subjetiva, esses “critérios de medida de todos os seres e coisas” são desconsiderados e substituídos por outros e, então, o que passa a validar a ação humana é um interesse imediato e particular. Quais seriam esses critérios? Conforme exemplifica Horkheimer (2002, p. 25), “o que seria uma expressão de princípios concretos fundados na razão objetiva; as ideias de justiça, igualdade, felicidade, democracia, propriedade [...]”. Porém, a razão subjetiva não se submete a universalidade de tais ideias, mas se converte em meio para atingir uma finalidade individual. Como afirma o autor:

Tendo cedido em sua autonomia, a razão tornou-se um instrumento. [...] A razão tornou-se algo inteiramente aproveitado no processo social. Seu valor operacional, seu papel no domínio dos homens e da natureza tornou-se o único critério para avaliá-lo (Horkheimer, 2002, p. 26).

Dessa maneira, ideais como a igualdade e a justiça perdem sua relevância, visto que o domínio da natureza e dos seres humanos tornam-se os meios necessários para a reprodução

do capital. Logo, tendo em vista que o capitalismo gera a barbárie e, conseqüentemente, o fascismo, o interesse pela análise psicanalítica se justifica porque os seus conceitos permitem explicar as transformações realizadas no psiquismo individual. Para Adorno, toda a violência social contribui para a formação da individualidade e para o aumento do conformismo e da submissão. O resultado dessa pressão social sobre o indivíduo é o que os freudo-marxistas Reich e Fromm chamavam de caráter. Conforme Rouanet (1989), os autores se basearam “na teoria freudiana do caráter, o qual se constitui a partir de certas fixações, ocorridas na biografia de cada indivíduo, em determinadas etapas do desenvolvimento psicosssexual” (Rouanet, 1989, p. 53-54). Seria aquilo que, mais tarde, Adorno e outros autores chamariam de personalidade. Nesse sentido, o conceito freudiano de ferida é importante para compreender a sua constituição. Em a *Psicanálise revisada*¹¹ Adorno apresenta o conceito de ferida:

O que propriamente motivou Freud a conceber especial peso aos processos individuais na infância é, embora de forma não explícita, o conceito de ferida [*Beschädigung*]. [...] Quem, tal como os revisionistas, critica a sociedade atual, não pode se furtar ao fato de que ela é experienciável em choques, em golpes repentinos e abruptos, condicionados precisamente pela alienação do indivíduo em relação à sociedade [...]. Perpetrar essas feridas é propriamente a forma pela qual a sociedade se impõe ao indivíduo [...]. (Adorno, 2015, p. 48).

Em sua concepção, é preciso partir do princípio de que o indivíduo e a categoria de individualidade “são um produto da sociedade” (Adorno, 2015, p. 52). Portanto, quando Freud estuda o indivíduo em profundidade está investigando a própria sociedade e como ela atua sobre o indivíduo. Nessa direção, eis o que Adorno espera de uma “psicologia social analítica”: ela “teria que descobrir forças sociais determinantes nos mecanismos mais íntimos do indivíduo” (Adorno, 2015, p. 52). Para Rouanet, essa investigação que é capaz de iluminar o todo a partir dos vestígios encontrados no particular é uma característica que a Teoria Crítica partilha com a psicanálise. Pois, para o autor, a psicanálise não serviu apenas como instrumento de reflexão teórica, mas é parte constitutiva da Teoria Crítica. E ambas têm em comum uma metodologia, que é a “crítica imanente”.

¹¹ No trabalho em questão, Adorno analisa a crítica que Horney e outros revisionistas fazem à psicanálise e procura demonstrar que muitas das alegações que fazem sobre a teoria de Freud não são solucionadas pela “psicanálise revisada”. Pelo contrário, muitas vezes os revisionistas fazem aquilo que acusam Freud de fazer. Destacamos um exemplo disso a seguir. “O fato de ela [**Horney**] se orgulhar de seu senso histórico e reprovar a Freud por ter se fixado ingenuamente em métodos próprios às ciências naturais na verdade é projeção [...]” (ADORNO, 2015, p. 46, grifo nosso). Ele afirma que os revisionistas criticam a ênfase da psicanálise nas experiências passadas, ao passo que eles dão enorme importância ao ambiente e acabam por sociologizar a psicanálise com isso.

A esse respeito, Rouanet faz uma distinção entre a crítica transcendente e a crítica imanente:

É uma crítica classificatória, manipuladora, e em última análise irracionalista (**crítica transcendente**), pois desemboca na condenação de toda cultura, desmitificada como sistema de ilusões socialmente necessárias, a serviço da classe dominante. Em contraste, a crítica imanente mergulha no objeto, procurando examinar o conteúdo de verdade, à luz de sua interação com o todo (Rouanet, 1989, p. 103-104, grifo nosso).

Como observa Rouanet, Adorno e Horkheimer optam pela crítica imanente pelo fato de que ela é mais dialética do que a transcendente. No entanto, da mesma maneira que a crítica transcendente tem seu limite por impor-se de cima ao objeto, é necessário reconhecer a insuficiência da crítica imanente, pois como sublinha Rouanet: “para permanecer dialética, tem que se relativizar” (Rouanet, 1989, p. 105).

Sendo assim, a interação que existe na psicanálise entre o indivíduo e a sociedade permite compreender tanto o processo de modificação psíquica do indivíduo quanto a gênese e a estrutura da opressão social. Como é possível perceber no estudo de Adorno e Horkheimer (1985), as feridas que causam a impotência do indivíduo foram aprofundadas pela cultura de massas. Seu processo de opressão é marcado pela indiferenciação dos indivíduos, proporcionado pela “sociedade total, que engloba todas as relações e emoções” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 41). Nela, todas as esferas da vida das pessoas são absorvidas por um mesmo padrão de comportamento, imposto através de cada uma das ações realizadas na sociedade pelo indivíduo: o trabalho, o consumo, o lazer e a participação política.

Organizada de tal modo, conforme os autores, “a cultura contemporânea confere a tudo um ar de semelhança” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 99), ela subordina todos os “setores da produção espiritual” a um fim determinado: “ocupar os sentidos dos homens da saída da fábrica, à noite, até a chegada ao relógio do ponto, na manhã seguinte (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 108). É por meio desta grande teia que os indivíduos regridem, de sujeito para um átomo social. De acordo com Adorno e Horkheimer, os homens são convertidos “em meros seres genéricos, iguais uns aos outros pelo isolamento na coletividade governada pela força” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 41).

Como vimos, a razão subjetiva, conforme a análise de Horkheimer (2002), predominou sobre a razão objetiva ao longo do processo histórico. Ela passou a ser instrumento de dominação, os indivíduos se comportam diante de uma razão instrumental,

que está submetida a interesses particulares, como se ela carregasse em si um critério de validade universal. Segundo a explicação de Adorno e Horkheimer, as “agências de produção em massa e da cultura por ela criada servem para inculcar nos indivíduos os comportamentos normalizados como os únicos naturais, decentes, racionais” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 35). Contudo, na condição de indivíduos mutilados eles não reconhecem a falsidade em que se sustenta a organização social. O que eles ignoram é a realidade descrita pelos autores:

O que não se diz é que o terreno no qual a técnica conquista seu poder sobre a sociedade é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade. A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. Ela é o caráter compulsivo da sociedade alienada em si mesma (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 100).

Nessa perspectiva, Adorno explica que “a dinâmica psicológica é substituída pela adaptação, em parte consciente, em parte regressiva, do indivíduo na sociedade” (Adorno, 2015, p. 124). Ainda, de acordo com o autor, a “brutalidade do exterior, a sociedade total que age uniformemente, bloqueia a diferenciação e se serve do núcleo primitivo do inconsciente” (Adorno, 2015, p. 124). Logo, o que a psicanálise pode explicar é exatamente esse comportamento irracional do indivíduo integrado à massa, marcado pela desproporção entre uma vida exposta à violência e à desfiguração e o consequente comportamento conformista. A esse respeito, de acordo com Adorno:

Como meio do conhecimento social, a psicologia se torna relevante apenas em vista de comportamentos irracionais de indivíduos e sobretudo grupos. Isso certamente é o caso nos movimentos de massa passados e atuais na medida em que os interesses racionais de uma minoria poderosa se impõem contra os interesses racionais de uma maioria, isso não ocorre mais contra tal maioria, mas através dela. A isso se prestam mecanismos psicológicos manipuláveis, precisamente porque os modos de comportamentos necessários à tendência da dominação em tais situações são necessários (Adorno, 2015, p. 128).

A esse respeito, convém salientar que, seja na análise da sociedade ou no caso específico do fascismo, a psicanálise oferece apenas a explicação subjetiva. De acordo com Adorno (2015, p. 128), diante da impotência do indivíduo “a sociedade, bem como a sociologia e a economia que dela se ocupam, tem a primazia na explicação de processos e tendências sociais”. No que diz respeito ao estudo do fascismo, como explica Jay (1988, p. 85), “[...] Adorno sempre se acautelou contra a suposição de que uma explicação puramente psicológica fosse suficiente”.

Nossa intenção no início do capítulo foi expor alguns fatores que motivaram a opção de Adorno e da Teoria Crítica pela psicanálise. A seguir, vamos nos dedicar ao estudo das condições sociais que permitem o surgimento de tendências fascistas.

1.2. A análise de Adorno sobre o fascismo: o nazismo sobrevive como fantasma ou como disposição

Falamos dos estudos de Adorno sobre o fascismo, mas como foi exposto até aqui, a experiência do exílio, vivenciada por muitos intelectuais alemães, conduziu à elaboração de trabalhos em colaboração. Com isso, os trabalhos que analisaremos, são trabalhos que Adorno realizou em parceria ou sozinho. Em nosso primeiro capítulo utilizaremos alguns textos centrais que falam do antissemitismo, da indústria cultural, da propaganda fascista, da massa e da psicologia das massas. Esses textos são: *Elementos do antissemitismo: limites do esclarecimento*, *A indústria cultural: o Esclarecimento como mistificação das massas*¹², *A massa* (1973)¹³, todos em parceria com Horkheimer, *A técnica psicológica das palestras radiofônicas de Martin Luther Thomas* (2008a) e *Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista* (2015).

O estudo sobre o fascismo tem início durante o exílio nos Estados Unidos, momento em que Adorno e outros intelectuais se refugiaram nesse país por conta do regime nazista. A análise que ele e Horkheimer fazem sobre a cultura de massas e a sociedade totalitária empresta um significado específico para a análise do fascismo. Sendo assim, esse cenário confere certos contornos para a investigação sobre a gênese dos regimes autoritários. Visto que, em primeiro lugar, foi possível observar de que modo o isolamento dos indivíduos na sociedade de massa e a indiferenciação entre eles acabava por reduzir a experiência em relação à alteridade. Em segundo lugar, diante da violência da organização social capitalista abriu-se a seguinte perspectiva: o fascismo sobrevive até mesmo na democracia. Fato que o autor sublinha no exílio e em suas análises posteriores, como é o caso da palestra *O que significa elaborar o passado*:

O nazismo sobrevive, e continuamos sem saber se o faz como fantasma daquilo que foi monstruoso a ponto de não sucumbir à própria morte, ou se a disposição pelo indizível continua presente nos homens bem como nas condições que os cercam (ADORNO, 2022, p. 31-32).

¹² Os dois textos são parte integrante da *Dialética do Esclarecimento* (1985).

¹³ O texto integra a coletânea *Temas Básicos da Sociologia* (1973).

Nessa perspectiva, a emergência e a sobrevivência do fascismo estão intimamente relacionadas às narrativas de Freud a respeito da autoridade paterna, como será explorado a seguir. Freud (2010b) estabelece a origem da civilização a partir da utilização do mito do parricídio. Na horda primitiva, os irmãos cansados do domínio despótico do pai se organizaram e o assassinaram. A morte do pai permitiu a introjeção de todos os preceitos da civilização. O evento traumático explica a ideia de civilização para o autor, que defende que ela foi fundada a partir da violência e sobre a repressão. Adorno recupera do mito da origem a noção do sofrimento e da submissão na civilização. Se aqueles indivíduos que impõem sua força sobre os outros a partir da violência conseguem deles a obediência, isso se deve à instauração do superego. A força da autoridade se consolida através dele, pois é a garantia da obediência às normas vigentes.

Em sua análise, Adorno acrescenta ao fundamento da psicanálise um elemento histórico, qual seja, o enfraquecimento do pai, e, conseqüentemente, do superego. Tal mudança tem implicações decisivas na história da subjetividade no período moderno, porque resulta na diminuição da autonomia do sujeito e, por conseguinte, no engrandecimento de outras figuras de autoridade. Para o entendimento da expansão de regimes autoritários no século XX, é uma teoria basilar.

Para Adorno, a autonomia surge no enfrentamento da autoridade. Dessa forma, a imagem do pai, representada nos mitos da horda primitiva e do Édipo, pressupõe o enfrentamento, que foi realizado pelos filhos quando assassinaram o pai nos dois mitos, e deveria ser repetido por cada indivíduo. Contudo, ele analisa que o pai, na passagem do capitalismo liberal para o capitalismo de monopólio, perdeu o seu papel econômico e sua soberania dentro da família. Sobre essa temática, Jay (1988, p. 84) sublinha: “com a erosão da independência econômica do pai no capitalismo monopolista, a criança perdeu a figura poderosa do pai, necessária para a concretização de sua própria capacidade de independentização”.

E, ainda, de acordo com Adorno:

Este fato reflete o declínio da família como unidade econômica autossuficiente, independente, na atual fase do desenvolvimento social. Do mesmo modo que o pai deixa de ser aquele que garante o sustento da vida familiar, também deixa de representar psicologicamente um agente social superior (Adorno, 2008a, p. 27).

Isso trouxe consequências para o processo de independência do indivíduo, uma vez que o confronto com o pai era o primeiro estágio em direção à formação de um ser autônomo. Com efeito, a exclusão dessa experiência primordial de enfrentamento da autoridade conduz à submissão do indivíduo em suas relações posteriores com figuras de autoridade. Esse vazio deixado pela figura paterna é um elemento do “mundo moderno, que apresenta a tendência de produzir aquilo que Adorno e seus colegas chamavam de ‘personalidades autoritárias’” (Jay 1988, p. 84).

Na sociedade total, esse vácuo deixado pela autoridade paterna, que está associado ao processo de diminuição da importância familiar no tocante ao controle social e à adaptação social, é ocupado principalmente pela indústria. Adorno e Horkheimer (1985) abordam essa temática em *A indústria cultural: o Esclarecimento como mistificação das massas*. Os autores argumentam que a cultura se difundiu juntamente com a propriedade burguesa, contudo, “como a real emancipação dos homens não ocorreu ao mesmo tempo que o esclarecimento do espírito, a própria cultura ficou doente” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 162). Com isso, a preponderância da razão subjetiva foi acompanhada pela deterioração da cultura. Então, de acordo com os autores: “A cultura converteu-se totalmente em mercadoria, difundida como uma informação, sem penetrar nos indivíduos dela informados” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 162). Portanto, a relação com os bens culturais se resume ao consumo de mercadorias e não requer reflexão alguma sobre o objeto adquirido: as reações conceituais são rejeitadas “porque são um esforço incômodo e inútil” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 162). O comportamento individual já está imposto desde cima e não há espaço para a reflexão, as relações distanciadas de qualquer reflexão já foram padronizadas pela racionalidade tecnológica. Como indica Marcuse (2001, p. 64): “A autonomia da razão perde o seu significado na mesma medida em que os pensamentos, sentimentos e ações dos homens são moldados pelos requisitos técnicos do aparato que eles mesmos criaram”.

Nesse entendimento, a falta de autodeterminação individual torna as pessoas mais predispostas aos charlatões da política:

Na fase totalitária da dominação, a semicultura chama de volta os charlatões provincianos da política e, com eles, como uma *ultima ratio*, o sistema delirante, e o impõe à maioria dos administrados já amolecidos, de qualquer maneira pela grande indústria e pela indústria cultural” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 163).

A manipulação da liderança política se aproveita do vácuo deixado pela figura paterna, do enfraquecimento do sujeito e do consequente estado de paralisia da reflexão.

Todos esses elementos darão sustentação ao processo de identificação das massas com o líder. No caso do líder fascista, especificamente Hitler, Adorno explica que não havia a intenção deliberada de que sua imagem recordasse a figura paterna, tendo em vista a diminuição da importância econômica e moral do pai. Hitler representava menos um pai do que um irmão. Segundo Adorno:

A imagem de Stalin tem algo do patriarcado oriental, em Mussolini os traços patriarcais são sutis. Em Hitler e em sua imagem coletiva eles estão totalmente ausentes. O próprio Hitler representa muito mais o filho rebelde, neuroticamente **fraco** que vence exatamente por sua fraqueza neurótica. O que **lhe permite** mergulhar inteiramente com seus irmãos no movimento (Adorno, 2008a, p. 27-28, grifo nosso).

É certo que a eficácia das técnicas psicológicas, dependem do conhecimento do grupo ao qual elas se destinam. A liderança e a propaganda fascistas dirigem o seu apelo para as pessoas que já sentem o desamparo social. Assim, a manipulação fascista se aproveita daquilo que existe em potencial na sociedade e o seu êxito se deve sobretudo ao fato de que as pessoas desconhecem as raízes de seu descontentamento e opressão. Por isso, ao invés de vislumbrar a possibilidade de se livrar do aprisionamento que a sociedade impõe, o indivíduo incapaz de reflexão se deixa enredar ainda mais pelo medo e pela violência fascista. Conforme Adorno e Horkheimer (1973, p. 86):

O triunfo ou o fracasso do demagogo não depende apenas da técnica de domínio sobre as massas mas também da possibilidade e capacidade para integrar a massa aos objetivos do mais forte. Além disso, os demagogos semeiam em terreno já cultivado.

Nesse sentido, a liderança fascista explora esse “terreno já cultivado”. Quer dizer, o terreno social permeado pela violência, que primeiro mutila a subjetividade e que age contra toda a diferenciação. Também é parte dessa violência a ameaça que a sociedade total deixa pairar como uma sombra sobre o indivíduo. A ameaça que vem do medo de não pertencer a essa sociedade e que recai sobre as garantias de autopreservação individual. A ideia de realizar qualquer iniciativa pessoal que afete ou que parece ir contra a organização social é afastada pelo temor da punição e da ameaça à própria sobrevivência.

A partir disso, o fascismo se encarrega de reproduzir essa sensação de impotência. De tal modo, a massa é constantemente conduzida para uma atmosfera de insegurança, de terror e de desconfiança. Nesse ponto, a propaganda fascista cumpre um papel fundamental e simplesmente aproveita o terreno explorado inicialmente pela indústria do entretenimento, responsável por acostumar nossos sentidos ao horror, como Adorno e Horkheimer

exemplificam ao mencionar o caso dos desenhos animados. Na atualidade, são bem conhecidas as cenas desses desenhos, nelas, os personagens são submetidos a toda espécie de violência e mutilações, mas sobrevivem e resistem. Portanto, desde a infância, nos acostumamos com o sofrimento dos personagens, pois sabemos que eles devem suportar a dor e a mutilação de seus corpos. Sobre as animações, os autores pontuam:

Na medida em que os filmes de animação fazem mais do que habituar os sentidos ao novo ritmo, eles inculcam em todas as cabeças a antiga verdade de que a condição de vida nesta sociedade é o desgaste contínuo, o esmagamento de toda resistência individual. Assim como o Pato Donald nos cartoons, assim também os desgraçados na vida real recebem a sua sova para que os espectadores possam se acostumar com a que eles próprios recebem (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 114).

No nosso século, as crianças ainda assistem desenhos animados da década de 1940 e estão conectadas à rede mundial de computadores. A internet, uma tecnologia que inicialmente pertencia ao Departamento de Defesa dos Estados Unidos, no contexto da Guerra Fria, na atualidade é um dos principais entretenimentos de crianças, jovens e adultos na maioria dos países do mundo. A publicidade movimenta esse universo online, ditando padrões de comportamento, iguais ou mais violentos do que os meios de comunicação mais antigos, como o rádio e a televisão. As pessoas se sentem bastante motivadas em direcionar o seu ódio para conhecidos e desconhecidos. Há um termo bastante difundido nas redes sociais para esse tipo de comportamento, “hate”. Os “haters” são aqueles que utilizam a internet para xingar, humilhar e ofender as pessoas. É bastante significativo que os “odiadores” encontram um espaço em que podem desferir a violência ao invés de recebê-la, ao menos por um instante. O mais característico é que eles odeiam à distância, sem conhecer, sem saber ao certo o motivo de seu ódio. É essa irracionalidade que permeia as relações sociais ainda hoje. Expressão da vida sem sentido e da ausência de reflexão.

Podemos considerar que os meios de comunicação se modificaram bastante nesse século e, ainda assim, observamos certa continuidade, pois de fato eles persistem em perpetuar o vazio e a falta de sentido. A internet é responsável por veicular padrões de consumo e comportamento. E por isso, também é um espaço permeado pela expectativa de pertencimento. Os que pertencem consomem, eles desejam ser parecidos com os influenciadores digitais, conhecem as “dancinhas” e os “memes”¹⁴. É impossível pensar em

¹⁴ Na televisão e na internet, reconhecemos a força e a influência da indústria cultural, materializada nas celebridades. No passado recente de nosso país, tínhamos as estrelas das telenovelas, que vemos substituídas, na atualidade, pelos *influencers* digitais. Como analisa Bosco (2015, p. 50): “A figura da *celebridade* é precisamente o fetiche da mercadoria transportado para o indivíduo”.

mercado consumidor na atualidade sem fazer referência a internet¹⁵. Sendo assim, dedicamos um momento para fazer essa reflexão sobre a relação entre internet, entretenimento, consumo, adaptação, adequação e violência. Uma vez que um dos debates que tem sido recorrente nos últimos anos diz respeito ao vínculo entre internet e saúde mental.

Como vimos, na sociedade total a violência e o terror são impostos de modo incessante. Não existe tempo livre, nem mesmo o lazer é um momento para o descanso. A violência, sempre real, vem acompanhada do terror, capaz de despertar medos arcaicos, tal artifício é fundamental para fins de dominação e manipulação. A esse respeito, Adorno recupera o tema da violência e da ameaça à sobrevivência na obra de Freud e confere destaque para a relação do ser humano com o sofrimento e com o sentimento de desamparo. Tendo em vista o reconhecimento da fragilidade humana perante o mundo e a necessária luta pela sobrevivência.

Em *O mal-estar na cultura* (2021), Freud apresenta duas ideias que são desenvolvidas e discutidas para pensar a religião: o sentimento oceânico e o sentimento de desamparo, considerando a carta que Romain Rolland lhe escreveu e que fazia referência ao recente trabalho de Freud, *O futuro de uma ilusão*. Na carta, Romain escreveu que lamentava que Freud “não tivesse considerado a verdadeira fonte da religiosidade” (Freud, 2021, p. 305). Tal fonte foi descrita por ele como a “[...] sensação de “eternidade”, um sentimento como o de alguma coisa sem fronteiras, sem barreiras, “oceânico”, por assim dizer” (Freud, 2021, p. 306). Para responder a esta carta, visto que Freud não conseguia encontrar ou reconhecer tal sentimento, decidiu buscar as origens fisiológicas dele.

Na hipótese que formula, tal sentimento está ligado ao período anterior da delimitação do ego, ou seja, uma época na qual o bebê não reconhece e não distingue ainda o que lhe pertence e o que provém do mundo exterior, os objetos. Freud (2021) usa o exemplo da amamentação para esclarecer como isso muda progressivamente. O bebê começa a ter percepção de que o seio não é parte dele quando é privado da satisfação do alimento. Percebe, depois, que esse objeto retorna para ele diante de seu choro. Dessa forma, o que Freud designa

¹⁵ Há algo novo nos modos de sociabilidade gerados pela internet que torna o controle dessa rede de comunicação ainda mais pernicioso. A esse respeito, temos a seguinte análise de Novaes (2015) sobre as novas redes e as formas de controle associadas a elas: “Controle tão mais perverso quando sabemos que ele é exercido e desejado voluntariamente. Novas formas de controle [...] produzidas por nós mesmos a cada momento através do celular, do GPS e dos componentes eletrônicos adicionados ao nosso próprio corpo. O totalitarismo desses novos meios sabe quem somos, onde estamos, o que fazemos, para onde vamos. Eis um mundo que, ao anunciar a emancipação e autonomia do homem, fabrica principalmente controle e homens-massa, verdadeiros *buracos negros* que engolem a política, a ordem social, a cultura [...]” (Novaes, 2015, p. 21).

por “sentimento oceânico” é aquela antiga percepção de que o ego não tinha limites, quando o mundo exterior não era reconhecido e devido a isso ainda não era sinônimo de angústia e privação. Assim, ele acaba por reforçar o argumento do seu trabalho anterior: as religiões se baseiam em uma ilusão. No caso, o sentimento oceânico corresponderia à regressão a um estágio anterior, que remete a total imaturidade do ser.

Dito isso, tal regressão corresponderia no fascismo e nos movimentos de massas à utilização de ideias delirantes ou fantasiosas. Ideias que não se confirmam perante a realidade – como a ameaça comunista ou o mal representado pelos judeus. Contudo, para aqueles indivíduos agrupados na massa essas ideias adquirem força. Porque são produtos da manipulação do inconsciente e da regressão a um estágio anterior, em que a ameaça era real. Diante de um ego debilitado pelas relações sociais, cabe à liderança fascista conservar a atmosfera de terror e promover o comportamento irracional e regressivo. Se por um lado, o reforço desse sentimento de desamparo e de impotência reúne os indivíduos da massa em torno de uma ideia delirante, por outro, a regressão também é responsável por conduzir o ego a essa sensação sem barreiras e sem limites. Assim, ao tornar-se integrante da massa, a pessoa encontra a possibilidade, irracional e subjetiva, de compensar a sua impotência social.

Nessa perspectiva, podemos observar que na análise do fascismo realizada por Adorno, os componentes da dominação social e da manipulação psicológica conferem uma dimensão específica a apropriação que o autor faz da psicanálise. Como aponta Lastória (2017):

Aos olhos de Adorno, Freud acerta justamente no ponto em que erra. Noutras palavras, a verdade da teoria psicanalítica reside no fato de ela se constituir num discurso do particular especialmente numa época em que, cada vez mais, esse particular sofre uma integração repressiva na totalidade social. Por outro lado, essa mesma insistência no particular - a essência monadológica da Psicanálise - leva a uma explicação dos conflitos sociais de tipo antropológico a-histórico. Em contraposição a Freud, Adorno salienta que a própria cisão entre o indivíduo e a sociedade guarda sua gênese na dimensão social da história humana (Lastória, 2017, p. 89).

Com efeito, a aproximação das ideias de sofrimento em Freud e em Adorno permite delinear essa perspectiva histórica na leitura que Adorno faz da psicanálise. Como podemos observar, em *O mal-estar na cultura*, Freud (2021) descreveu as três fontes causadoras do sofrimento humano.

O sofrimento ameaça a partir de três lados: do próprio corpo, que destinado à decadência e a dissolução, não pode nem mesmo prescindir da dor e do medo como sinais de alarme; do mundo exterior que pode voltar sua raiva contra nós com suas forças descomunais, implacáveis e destrutivas e, finalmente, das relações com os

outros seres humanos. O sofrimento que provém dessa fonte, talvez o sintamos de maneira mais dolorosa, somos inclinados a ver nele um ingrediente de certa forma supérfluo, mesmo que, em termos de destino, ele não pudesse ser menos inevitável do que os sofrimentos oriundos de outra fonte (Freud, 2021, p. 321).

Freud tinha razão onde ele não tinha razão, ele aponta a repressão, mas a insistência no particular não permite a chegada até as raízes sociais e históricas da dominação. Ainda que deixe evidente o caráter da dominação dos mais fortes em relação aos mais fracos, pois observa que o ser humano não enxerga no seu próximo apenas um colaborador, mas uma chance de satisfazer a sua agressão - como sublinha, no outro o ser humano encontra a possibilidade de “explorar a sua força de trabalho sem uma compensação” (Freud, 2021, p. 363). No entanto, o autor não avança no entendimento de que há variadas formas de organização social. Ao afirmar que as relações são naturalmente assim, ele desconsidera os processos históricos e se baseia na existência de um ser humano fixo e imutável.

Ao contrário, o desenvolvimento histórico aponta para a desfiguração do indivíduo pelas relações sociais marcadas pelo totalitarismo, que elimina todas as diferenças. Então, a análise subjetiva auxilia a elucidar como o sistema dominante manipula as forças do inconsciente. De modo a conduzir os indivíduos aos padrões primitivos de comportamento e forçar a sua regressão até os primórdios da infância por meio da violência e do terror. Essa regressão mantém o padrão da religião. Uma vez que, de acordo com a constatação de Freud, a “origem da atitude religiosa pode ser rastreada por linhas claras até o sentimento de desamparo infantil”. (Freud, 2021, p. 316). Ele parte do pressuposto de que o sentimento oceânico poderia “aspirar ao restabelecimento do narcisismo ilimitado” (Freud, 2021, p. 361). Como parte do sistema religioso que desloca o indivíduo da realidade para a fantasia. Logo, essa interpretação que aborda os mecanismos psíquicos responsáveis pelo comportamento do indivíduo na massa é importante para o estudo do fascismo.

Em *Elementos do antissemitismo: limites do Esclarecimento*, Adorno e Horkheimer (1985) falam desse delírio coletivo no qual o indivíduo submerge na massa, que é encontrado na religião e no fascismo. Entretanto, eles estabelecem uma diferença entre a regressão que dá sustentação para a religião e a que serve como fundamento do fascismo. Eles sublinham o fato de que as religiões colaboraram de modo significativo para a “autoconservação da espécie”. Eles utilizam a tese de Freud sobre a religião contida em *Totem e Tabu*, isto é, de que a religião socializa a doença, para fundamentar a afirmação deles. Como podemos ver:

Os sistemas religiosos retêm algo dessa coletividade que protege os indivíduos da doença. Esta se vê socializada: na embriaguez do êxtase coletivo, e mesmo como a comunidade em geral, a cegueira é transformada em relacionamento, e o mecanismo paranoico é tratado de modo a se tornar controlável, **sem perder** a capacidade de suscitar terror (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 162, grifo nosso).

O fascismo, por sua vez, se origina na violência, primeiro ele se aproveita dos efeitos provocados na sociedade total, como é o caso do ego enfraquecido. Diante disso, utiliza as suas técnicas, aproveita assim o sentimento de impotência do indivíduo, capaz de promover a sua adesão à massa. Então, passa a conduzir a massa, excitando o comportamento irracional. O fascismo utiliza exatamente um componente de violência que está na massa e que nas religiões tende a permanecer sob controle. Sabemos que ao longo da experiência humana as religiões despertaram esse componente nos seres humanos¹⁶. Mas os autores estão estabelecendo uma diferença entre o sentimento que geralmente é despertado pelas religiões e a essência do fascismo, que é a violência. Cujas direção é sempre um inimigo escolhido estrategicamente, como explicam Adorno e Horkheimer. O inimigo é o símbolo da diferença, que a sociedade, por seu caráter totalitário, não vai agregar. A eleição desse inimigo ratifica as bases da organização social. Como sublinham os autores, “na sociedade, tudo o que representa a diferença tem de tremer” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 166).

1.3. O antissemitismo: tudo o que representa a diferença tem de tremer

No fascismo, estão reunidos o “medo mediado” (Adorno, 2015), que é proveniente da formação social e elevado no fascismo, e a agressividade que deriva do próprio medo e da constante excitação provocada pela propaganda e pela liderança. A elevação do medo, também pressupõe o aumento da agressividade e da violência. Portanto, o fascismo mobiliza o grupo para o nível mais extremo do medo e da violência, com isso, converte o ser humano civilizado num bárbaro.

¹⁶ Reconhecemos a ligação entre política, poder e religião no transcurso da história humana, contudo, não teremos possibilidade de aprofundar o tema no presente trabalho. Ao pensar o recente cenário político brasileiro, Sousa e Gomes (2021) discutem a maneira como o fundamentalismo religioso está conectado com o distanciamento do exercício da democracia. Ver SOUZA, José Tadeu Batista; GOMES, Ricardo Jorge Silveira. Fundamentalismo religioso e democracia no Brasil: entranhas de dois extremos. **Religare**, v.18, n. 2, p. 517-537, dez. 2021.

A propósito, não é incomum observarmos certa rivalidade entre determinados grupos sociais. Freud (2021), Adorno e Horkheimer (1985) citam exemplos de rivalidades históricas entre grupos que se unem em torno de uma hostilidade recíproca. Freud chama esses episódios de “narcisismo das pequenas diferenças”. Adorno e Horkheimer explicam que essa união das pessoas que se sustenta com base na paranoia do inimigo comum deriva do “*horror vacui*” ou “horror do vazio”. Podemos observar primeiro a ideia de Freud (2021, p. 366-367):

Uma vez, ocupei-me com o fenômeno de que justamente comunidades vizinhas e até próximas umas das outras em outros aspectos atacam-se e ridicularizam-se, como os espanhóis e os portugueses, os alemães do sul, os ingleses e os escoceses, etc. Dei a esse fenômeno o nome de “narcisismo das pequenas diferenças”, o que não traz muita contribuição para a sua explicação. Passamos a ver nele uma satisfação conveniente e relativamente inofensiva da tendência à agressão, através da qual é facilitada a coesão dos membros da comunidade.

A seguir, apresentamos a ideia de “*horror vacui*”, utilizada por Adorno e Horkheimer para explicar essa coesão do grupo.

As formas de consciência paranoicas tendem a formação de alianças, frondas e quadrilhas. Seus adeptos têm medo de acreditar sozinhos em seu delírio. Projetando, eles veem por toda parte conjuração e proselitismo. Os grupos estabelecidos sempre se comportaram paranoicamente com relação aos outros [...]. Mas um membro normal da sociedade substitui sua paranoia pela participação na paranoia coletiva e se agarra apaixonadamente às formas objetivadas, coletivas e comprovadas do delírio. O *horror vacui* que os leva a se comprometerem com suas alianças solda-os uns aos outros e lhes confere uma violência quase irresistível (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 162).

Os elementos apresentados pelos três autores estão presentes no fascismo: o ódio e a projeção sobre o outro grupo, a coesão apaixonada em torno de uma ideia paranoica e a “violência quase irresistível”. Mas o que é novo no fascismo? Para começar, a hostilidade é produto de uma paranoia, mas ela é um artifício utilizado pela propaganda. E mais do que isso, conforme os moldes da organização social totalitária, o diferente já é o inimigo pré-determinado. Logo, o fator que agrega as massas é engendrado pela organização social e política. O grupo, conseqüentemente, não nasce de maneira espontânea, como resultado de interesses pessoais e distinções sociais ou ideológicas que pertencem ao organismo social¹⁷.

¹⁷ Observamos o componente contraditório da associação ao grupo, que não nasce da escolha refletida do indivíduo e nem dos laços de sociabilidade, mas da irracionalidade produzida pelo isolamento e alienação. Nessa direção, Adorno salienta (2008b, p. 147): “Enquanto ente efetivado abstratamente no sentido hegeliano do termo, o indivíduo põe-se em suspenso a si próprio: os inumeráveis que pouco mais conhecem do que a si mesmos e seu errático interesse nu são os mesmos que capitulam tão logo a organização e o terror os capturam. Se hoje o remanescente do humano parece aderir unicamente ao indivíduo em declínio, então ele clama pelo fim dessa fatalidade, que individualiza os unicamente para, isolados, poder quebrá-los tanto mais completamente”.

Pelo contrário, ele é a extensão da ordem totalitária que extermina toda a possibilidade de escolha, desde as pessoais até as coletivas. Dessa forma, o indivíduo sucumbe até mesmo diante da possibilidade de definir quem é o seu inimigo. Conforme Adorno e Horkheimer (1985, p. 163): “Nessa constelação do poder, cabe ao acaso guiado pelo partido determinar à autoconservação desesperada onde projetar a culpa por seu terror”.

O controle social que condiciona os indivíduos a um estado de assimilação irreversível, determina também a escolha do inimigo comum. E reproduz a perversidade do aparato social, da ordem objetiva e das relações de poder econômica e política no plano subjetivo. Então, para ocupar o lugar do inimigo real é preciso que o inimigo eleito represente uma ameaça em relação à prioridade do indivíduo, a sobrevivência. É por isso que o fascismo utiliza a imagem daqueles que servem melhor ao estereótipo de subversivos. Daqueles que parecem não se “encaixar”, o sujeito que não se curva às regras. Em outras palavras, aquele que é sinônimo de diferença, numa sociedade que não aceita a diferença. É o caso do judeu, que como explicam Adorno e Horkheimer (1985, p. 164):

Pouco importa como são os judeus realmente; sua imagem, na medida em que é a imagem do que já foi superado, exhibe os traços aos quais a dominação totalitária só pode ser hostil: os traços da felicidade sem poder, da remuneração sem trabalho, da pátria sem fronteira, da religião sem mito. Esses traços são condenados pela dominação porque são a aspiração secreta dos dominados.

Portanto, baseado nestes critérios de diferenciação, nos traços que são condenados na sociedade totalitária, o inimigo real elege o inimigo fictício. Como observam Adorno e Horkheimer, a respeito da escolha dos judeus: “são estigmatizados pelo mal absoluto como o mal absoluto” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 139). O estigma dos judeus faz com que o indivíduo se revolte contra ele quando na verdade a sua rebelião deveria ser contra a sociedade que o desfigurou e violentou de modo incessante. Foi ela que não lhe deu descanso nem durante as horas de lazer. Que até mesmo durante o entretenimento do desenho animado não lhe deixou esquecer que a lógica dessa sociedade é a violência. E determinou que, assim como o pato Donald, cada pessoa deve receber a sua dose diária de pancada. Mas contra quem esse indivíduo vai se erguer depois de cada surra? Contra aqueles que realizam o que para ele representa um desejo obscurecido. Contra os que ainda apresentam sinais de independência e resistência dentro dessa sociedade.

Sobre o aspecto projetivo do antissemitismo, Adorno e Horkheimer recuperam um texto de Freud chamado *Das Unheimliche* (O estranho/O inquietante, 2010a). O conceito

unheimliche faz referência ao estranho familiar, situações em que nos deparamos com algo que ao mesmo tempo que afasta por seu horror, nos atrai por sua semelhança. No entanto, a semelhança é algo que foi recalcado e permanece oculto no inconsciente. E esse é o caso do antissemitismo para os dois autores. O que provoca o espanto em relação ao judeu, ou qualquer outro inimigo predeterminado, é a diferença que não é admitida na sociedade total. Ela é o último resquício de resistência e deve ser exterminada. A diferença encobre o fato de que algo foi negado, subtraído, no processo de adaptação social. Uma vez que as pessoas não reconhecem aquilo que lhes foi negado, a consciência permanece obscurecida acerca do motivo do ódio pelo inimigo. Adorno e Horkheimer (1985) observam que gerações diferentes odeiam os judeus sem um motivo claro para tanto.

Os adultos, para os quais o brado do sangue judeu tornou-se uma segunda natureza, conhecem tão pouco a razão disso quanto os jovens que devem derramá-lo. Os mandantes altamente situados, é verdade, que a conhecem, não odeiam os judeus e não amam os que obedecem seu comando (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 142).

Nesse sentido, é a caricatura dos judeus, uma persistente imagem negativa, que os apoiadores do nazismo pensam ser a causa de todos os problemas da nação. Tal caricatura não permite que os outros enxerguem o que têm em comum com os judeus, ou seja, os atributos da natureza humana que a segunda natureza imposta não desfigurou. O elemento oculto, reprimido, é indício da independência e da liberdade de manifestar a sua diferença, marca da subjetividade renegada pelo processo de dominação. Mas esses atributos não têm lugar na sociedade, eles devem desaparecer, assim como aqueles que evocam a sua lembrança. Como salienta Adorno (2022, p. 46): “O delírio é um substituto do sonho de uma humanidade que torna o mundo humano, sonho que o próprio mundo sufoca com obstinação na humanidade”.

Por esse motivo, isto é, para sufocar o sonho cuja lembrança o judeu reanima, diversos estigmas passam a ser associados a sua imagem e tendem a ser incessantemente reforçados. Um desses estigmas que foi colocado sobre os judeus se relacionava ao fato de que eles ocupavam uma posição de circulação dentro da economia. Como muitos deles estavam ligados a atividades de comércio e finanças, foi alimentada a ideia de que todos eram exploradores. Isso não significava que os judeus eram efetivamente aqueles que concentravam todo o capital em suas mãos, mas essa era uma interpretação errônea que se difundia entre as pessoas. E que certamente era reforçada conforme o interesse de seus detratores.

Na transição para o capitalismo de monopólio essa imagem mantinha a sua força, uma vez que o capital passou a ficar cada vez mais concentrado, e por consequência, o poder passou a ficar mais invisível e impessoal. Como observam Adorno e Horkheimer a “responsabilidade do setor da circulação pela exploração é uma aparência socialmente necessária” (Adorno; Horkheimer, 1985, p.144). A culpa da exploração acaba por recair sobre aqueles que ainda podem ser vistos e reconhecidos por suas posições mais altas dentro do sistema econômico. Segundo os autores: “O comerciante é o oficial de justiça para o sistema inteiro e atrai para si o ódio voltado aos outros” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 144). E na ausência dessa imagem estereotipada, outras poderiam ser produzidas e associadas ao judeu. Desse modo, “a injustiça econômica da classe inteira é descarregada nele” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 144).

Como sublinha Bauman (1998, p. 83-84):

[...] o racismo é estritamente um produto moderno. A modernidade tornou possível o racismo. Também criou uma demanda de racismo; uma era que declarava o ganho a única medida do valor humano precisava de uma teoria da imputação para redimir as preocupações com o traçado e a guarda de fronteiras nas novas condições em que cruzar fronteiras era mais fácil do que jamais fora.

Dessa forma, o totalitarismo fecha o ciclo da adaptação em torno do indivíduo, que é conduzido a odiar até os últimos resquícios de subjetividade, independência e liberdade que ainda sobrevivem em determinados grupos sociais. Em certo sentido, os indivíduos passam até mesmo a odiar a própria ideia de liberdade ou qualquer conceito que a represente, é o caso da democracia. De acordo com Adorno (2022, p. 46-47):

A necessidade de uma tal adaptação, da identificação com o existente, com o poder enquanto tal, gera o potencial totalitário. Esse é reforçado pela insatisfação, pelo ódio, produzidos e reproduzidos pela própria imposição à adaptação. Justamente porque a realidade não cumpre a promessa de autonomia, enfim, a promessa de felicidade que o conceito de democracia afinal assegurara, as pessoas tornam-se indiferentes frente à democracia, quando não passam até a odiá-la.

O problema é que o indivíduo conformado à realidade existente, na qual a razão subjetiva predomina sobre a razão objetiva, não conhece nenhuma outra finalidade para a vida que não seja gerada pelos interesses de mercado. Ele odeia a democracia porque nem sequer consegue pensar numa realidade diferente da existente¹⁸. Portanto, são incapazes de perceber

¹⁸ Marcuse (2021) analisa como a ordem reinante combina autoconservação e conformismo, de modo que o isolamento das pessoas dentro da massa faz com que se torne impossível o anseio por uma realidade diferente. Assim, não vemos a insatisfação pessoal manifestar-se contra a ordem social, mas contra aqueles que consideram seus concorrentes na luta pela sobrevivência: “Quase todo mundo se converteu num membro potencial da

os sonhos sufocados, que ressurgem na imagem do estranho familiar. Os sonhos que evocam a familiaridade com o outro e que são vestígios da humanidade que foi negada (juntamente com as potencialidades humanas), mas que para o indivíduo desfigurado é apenas sinônimo de estranheza e hostilidade. Porque foram forçados a reconhecê-los somente sob essa perspectiva. Pois, como afirmam Adorno e Horkheimer: “A dominação só pode perdurar na medida em que os próprios dominados transformaram suas aspirações em algo odioso” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 164).

Nesse sentido, para Adorno e Horkheimer esse ódio acontece em decorrência da “falsa projeção”. Em linhas gerais, a projeção é um mecanismo de sobrevivência, pelo qual os animais interagem com o ambiente externo e, mediante os estímulos recebidos, se mobilizam para a defesa e para o ataque. Para Freud, a projeção é um mecanismo de defesa da psique contra o desprazer proveniente do mundo exterior. De acordo com Rouanet, na psicanálise a projeção é patológica quando a fuga do desprazer se transforma numa fonte de ilusões. Ele aponta que isso ocorre na fobia pela “fuga diante de um perigo imaginário” e na paranoia pela “extrojeção do conflito sob a forma de um sistema delirante” (Rouanet 1989, p. 140).

Adorno e Horkheimer explicam que a projeção passou por um processo de aprimoramento nos seres humanos.

Em certo sentido, perceber é projetar. A projeção das impressões dos sentidos é um legado de nossa pré-história animal, um mecanismo para fins de proteção e obtenção de comida, o prolongamento da combatividade com que as espécies animais superiores reagiam ao movimento, com prazer ou desprazer e irrefletidamente da intenção do sujeito. [...] Na sociedade humana, porém, na qual tanto a vida intelectual quanto a vida afetiva se diferenciam com a formação do indivíduo, o indivíduo precisa de um controle crescente da projeção; ele tem de aprender ao mesmo tempo a aprimorá-la e a inibi-la (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 154-155).

Segundo os autores, o “patológico no antissemitismo não é o comportamento projetivo enquanto tal, mas a ausência de reflexão que o caracteriza” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 156). Ou seja, no fascismo é excluído aquilo que havia de racional na projeção aprimorada. Adorno e Horkheimer associam a projeção aprimorada pelo processo social à percepção kantiana, que é “a imagem refletida e dirigida pelo intelecto dos dados que o cérebro recebe

multidão, e as massas pertencem aos instrumentos diários do processo social. Como tal, podem ser facilmente manipuladas, porque os pensamentos, sentimentos e interesses foram assimilados ao modelo do aparato. Claro que suas explosões são terríveis e violentas, mas são dirigidas de maneira impensada contra os competidores mais fracos e “forasteiros” proeminentes (judeus, estrangeiros, minorias nacionais). As massas coordenadas não anseiam por uma nova ordem, mas por uma maior participação na ordem vigente” (Marcuse, 2001, p. 71).

dos objetos reais” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 155). Existe um entrecruzamento do sujeito e do objeto, como apontam os autores:

Entre o verdadeiro objeto e o dado indubitável dos sentidos, entre o interior e o exterior, abre-se um abismo que o sujeito tem de vencer por sua própria conta e risco. Para refletir a coisa tal como ela é, o sujeito deve devolver-lhe mais do que dela recebe. O sujeito recria o mundo fora dele a partir dos vestígios que o mundo deixa em seus sentidos [...]. (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 155).

Acerca disso, o totalitarismo priva o indivíduo do contato com a alteridade. Se o ego se diferencia a partir do contato com o exterior, mas é privado desse contato, significa que o indivíduo só pode ser e perceber a partir do seu interior. Portanto, ele só interpreta o mundo e os objetos de acordo com a sua própria imagem. Conforme Adorno e Horkheimer (1985, p. 157):

Na medida em que o paranoico só percebe o mundo exterior da maneira como ele corresponde a seus fins cegos, ele só consegue repetir o seu eu alienado numa mania abstrata. O puro esquema do poder enquanto tal, que domina totalmente tanto os outros quanto o próprio eu rompido consigo mesmo, agarra o que se lhe oferece e insere-o em seu tecido mítico, com total indiferença por suas peculiaridades. O ciclo fechado do que é eternamente idêntico torna-se o sucedâneo da onipotência.

É essa administração da economia psíquica, exercida na sociedade totalitária, que podemos observar reproduzida na esfera política, por meio da manipulação psicológica empreendida pela propaganda fascista. Nessa perspectiva, tal gestão da vida psíquica adquire novos contornos e conduz os indivíduos ao mergulho na massa fascista, fundida pelo ódio aos inimigos e pelo vínculo erótico com o líder. Desse modo, as pessoas não agem de acordo com sua própria percepção, são apenas conduzidos pelo seu inconsciente, que é dirigido de fora, primeiro, pela sociedade totalitária e depois pela liderança e pela propaganda política. O indivíduo só é capaz de refletir o conteúdo idêntico que recebe do exterior.

Dessa forma, seu ódio ao inimigo é o reflexo do estigma que foi colocado sobre aqueles que devem ser encarados como uma ameaça. Odeiam os judeus porque eles são exploradores, quando essa é apenas uma imagem que foi associada a eles. Portanto, os que seguem afirmando esse estigma não param pra pensar que nem todos os judeus se dedicam ao comércio. Não perdem seu tempo para refletir que acima dos judeus que se dedicam às atividades de circulação econômica ainda existem muitos mandatários do poder. E que esse é um indício importante de que os judeus sozinhos não podem ser responsáveis por toda exploração e pelos males de um país. Como afirma Adorno, o elemento racional do

comportamento desses indivíduos é tão obscuro, heterônomo e coagido que “precisa, por isso, se mesclar ao inconsciente a fim de se tornar capaz de agir de alguma maneira” (Adorno, 2015, p.92). E ainda, de acordo com Adorno e Horkheimer (1985, p. 168), é só “quando todos os poros da consciência são tapados, que as massas são levadas a esse estado de absoluta apatia que as torna capazes de realizações fantásticas”.

Nesse entendimento, Rouanet (1989) observa que assim como existe uma diminuição considerável do ego no capitalismo tardio, em contrapartida, ocorre a liberação do id. Segundo ele, no capitalismo liberal eram produzidos indivíduos autônomos e o sistema corria o risco de ter que enfrentá-los caso se tornassem fortes e numerosos. Por sua vez, em sua etapa final, “o capitalismo prefere abolir as mediações, e o id é aspirado diretamente pela gravitação do Todo, que administra sem intermediários o aparelho psíquico” (Rouanet, 1989, p. 125). Esse modelo de dominação opera enfraquecendo a consciência de modo a criar as condições para o predomínio da irracionalidade. Como sublinha o autor: “O Ego é deposto, e o Superego, mandatário pouco confiável, perde seus poderes de representação. O Id está livre” (Rouanet, 1989, p. 125). De acordo com o autor, não há mais impulso proibido, porque todo impulso pode ser devidamente aproveitado.

Com isso, se antes o princípio de realidade se apresentava ao ego através da sua interação com o superego, isso se modifica diante do poder que a sociedade ganha sobre o indivíduo. Como vimos anteriormente, a mediação do ego em relação às exigências do superego cede espaço para outras agências e forças sociais, externas ao indivíduo. Como observam Adorno e Horkheimer (1985, p. 167): “A decisão que o indivíduo deve tomar em cada situação não precisa mais resultar de uma dolorosa dialética interna da consciência moral, da autoconservação e das pulsões”.

Em suma, no interesse da dominação, a projeção faz parte daquele conhecimento que o ser humano retira da natureza e utiliza para “dominar completamente a ela e aos homens” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 18). Dessa forma, ela foi bem aproveitada pelo fascismo para impulsionar o ódio e mobilizar a massa. A mimese¹⁹ é outro desses aprendizados, explorados

¹⁹ Como salienta Carvalho (2019), no pensamento aristotélico a experiência mimética era tratada como fundamento da instituição do humano, por meio do ato natural de imitar, os seres humanos se diferenciam dos animais, pois a partir da imitação é que adquirem os primeiros conhecimentos. A arte, por essência, se fundamenta na imitação da natureza e de sua perfeição. Para Platão, a arte era uma imitação imperfeita da realidade, logo, a mimese era uma cópia imperfeita do mundo das ideias. A diferença entre as concepções dos dois filósofos demonstra o campo de tensões que o termo mimese alcança. Ao longo da história a palavra mimese adquire dentro da filosofia e em outras áreas um sentido polissêmico. O sentido que possui no texto de Adorno e Horkheimer convoca ao exercício crítico e reflexivo acerca da relação entre realidade e representação, bem como o questionamento de nossa percepção do mundo. Nesse entendimento, ao aproximar os processos

no fascismo. De acordo com Rouanet (1989), Adorno e Horkheimer recobrem o termo freudiano de identificação com o conceito de mimese. Ele sublinha que para Freud a identificação corresponde à última etapa no processo de socialização, a partir dela o indivíduo se integra à sociedade.

Para Adorno e Horkheimer, a mimese também é um processo de adaptação e aprendizado pela imitação. Entretanto, na sociedade ela ganha características distintas daquelas encontradas originalmente na natureza. Conforme Rouanet, na civilização deve ocorrer “a substituição do aprendizado racional ao aprendizado pela imitação” (Rouanet, 1989, p. 128-129).

Então, a esse respeito, cabe ressaltar que a imitação que serve ao aprendizado e a diferenciação do indivíduo se encontra cada vez mais inibida na civilização. Visto que, enquanto instrumento de dominação e, para garantir a padronização dos comportamentos, ela é efetivamente aperfeiçoada. Como vimos, a indústria cultural tem um papel relevante na imposição desses padrões. O desenho animado e as celebridades (atores, atrizes, músicos) oferecem o modelo. Sobre o poder ideológico da indústria, Adorno e Horkheimer observam:

As mais íntimas reações das pessoas estão tão completamente reificadas para elas próprias que a ideia de algo peculiar a elas só perdura na mais extrema abstração: *personality* significa para elas pouco mais que possuir dentes deslumbrantemente brancos e estar livres do suor nas axilas e das emoções. Eis o triunfo da publicidade na indústria cultural, a mimese compulsiva dos consumidores, pela qual se identificam às mercadorias culturais que eles, ao mesmo tempo, decifram muito bem (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 138).

Em outras palavras, a ilusão que sugere algum traço de peculiaridade para as pessoas pode ser comprada, quando na realidade todos permanecem iguais. A mimese controlada é apenas imitação com fins de adaptação à realidade de dominação. A mimese original não poderia ser realizada com o inimigo judeu, porque ela pressupõe o contato e a proximidade com o objeto. A esse respeito Gabriel Cohn (1998) observa que na mimese sujeito e objeto devem assemelhar-se, contudo, o fascista não enxerga no judeu um semelhante. Ademais, o

de conhecimento, representação artística e formação, Carvalho sugere “observar o processo mimético como dinâmica de tensionamento das fronteiras aparentes entre conhecimento, filosofia, saber científico e técnico e aquilo que se designa como *poiesis*, criação, arte e representação pode incrementar um olhar epistêmico mais vigoroso sobre as condições de contorno dos referenciais que constroem o exercício intelectual poligráfico de escritores e artistas, as quais, no mais das vezes, subtraem-se à reflexão, sendo ocultas ou eclipsadas, tornando-as irrefletidas” (Carvalho, 2019, p. 29).

indivíduo da massa já foi destituído de sua subjetividade, desse modo, refletir sobre o diferente é “radicalmente vedado ao comportamento anti-semita” (Cohn, 1998, p. 11).

Percebemos que a falsa projeção e a mimese controlada se originam da repulsa e da recusa ao diferente. São mecanismos que negam ao indivíduo o contato com o objeto, com o diferente. E esse é o princípio do totalitarismo, eliminar a diferença. Desse modo, no fascismo tudo o que o sujeito poderia apreender do objeto já está pronto. Com isso, a sociedade extrai dele “o espírito e a experiência” (Adorno; Horkheimer, 1985). Uma vez que a “semicultura” corrompe a formação, a percepção e a reflexão individuais. Conforme Adorno e Horkheimer, a semicultura “hipostasia o saber limitado como verdade” e “recorre estereotipadamente à fórmula que lhe convém melhor em cada caso” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 161). Exemplo disso, é a possibilidade de intercambiar o inimigo fascista conforme a situação. A propósito, os autores utilizam a seguinte expressão: “Mas não há mais antissemitas” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 164). Na década de 1940, essa afirmação feita nos EUA expressa a ideia de que a hostilidade a determinado grupo não nasce da convivência e da experiência. Não é resultado de uma diferença cultural ou de uma questão fronteiriça, como Freud concebeu através do conceito “narcisismo das pequenas diferenças”. Pelo contrário, Adorno e Horkheimer falam do ódio que nasce mesmo na ausência de experiência e contato com o inimigo. O ódio que surge da fórmula produzida pela semicultura.

Nesse sentido, os autores indicam que “os juízos antissemitas deram sempre testemunho de um pensamento estereotipado” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 165). Contudo, havia uma abertura para a decisão de ser antissemita. Para eles, nos EUA da década de 1940 a escolha é pela totalidade de estereótipos, quem odeia um inimigo fascista, odeia todos os inimigos fascistas. Para expressar essa mudança, os autores utilizam a expressão *ticket*, que nos Estados Unidos se referia ao sistema eleitoral que apresentava uma lista de candidatos. O que significava que se o eleitor escolhesse um candidato da lista, obrigatoriamente iria eleger todos os outros da lista juntos. Com a ideia de *ticket* os autores explicam que quem odeia o judeu, odeia todos os outros estereótipos contidos na lista dos inimigos dos fascistas. De acordo com Adorno e Horkheimer:

O antissemitismo praticamente deixou de ser um impulso independente, ele não é mais que uma simples prancha da plataforma eleitoral: quem dá uma chance qualquer ao fascismo subscreve-se automaticamente, juntamente com a destruição dos sindicatos e a cruzada antibolchevista, a eliminação dos judeus (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 165).

O *ticket* está condicionado à razão subjetiva, que, segundo Horkheimer (2002, p. 30), “se conforma a qualquer coisa”. Esse formalismo é um atributo da razão que faz parte do processo de esclarecimento. Nesse processo a ciência extraiu da mitologia, que também é esclarecimento, e da natureza o poder de ordenar para dominar. De acordo com eles “o esclarecimento é totalitário como qualquer outro sistema” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 32), sua inverdade se encontra “no fato de que para ele o processo está decidido de antemão” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 32). No esclarecimento, a ciência desse ordenamento segue o modelo matemático. Portanto, espera superar e obter o poder que a mitologia exercia sobre os seres humanos, mas por meio do procedimento matemático. Conforme os autores: “Através da identificação emancipatória do mundo totalmente matematizado com a verdade, o esclarecimento acredita estar a salvo do retorno do mítico” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 33).

Assim, a razão subjetiva, conforme Horkheimer (2002), estabelece como a principal razão da ciência a mera “organização, classificação ou computação” de dados. Desse modo, se opõe a convicção subjacente à razão objetiva “de que se pode descobrir uma estrutura fundamental ou totalmente abrangente do ser e de que disso pode derivar uma concepção do destino humano” (Horkheimer, 2002, p. 17). Ao invés disso, a ciência fica reduzida ao interesse imediato que domina as ações humanas. Acerca disso, Adorno e Horkheimer observam: “Quem fica privado de esperança não é a existência, mas o saber que no símbolo figurativo ou matemático se apropria da existência enquanto esquema e a perpetua como tal” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 35). Com efeito, a apropriação da ciência como instrumento de dominação acarreta um grande impacto na formação do indivíduo, pois deforma a sua percepção e o seu conhecimento sobre o mundo exterior

Em síntese, essa coerção social, exercida por meio da destruição da experiência humana, que é substituída por uma existência sempre igual, dá margem para a formação da personalidade autoritária. Então, a falta de independência e o ego enfraquecido que a caracterizam são impulsos determinantes para a integração do indivíduo na massa fascista. De fato, esta última surge como a única possibilidade que ele tem de recuperar sua força, mediante o seu desaparecimento no grupo e a sua submissão, mesclada com o anseio perante a autoridade e o poder. Nesses termos, Adorno (2022) faz a seguinte consideração sobre a personalidade autoritária e a sua relação com o poder:

Ela seria definida muito mais por traços como pensar conforme as dimensões de poder – impotência, paralisia e incapacidade de reagir, comportamento convencional,

conformismo, ausência de autorreflexão, enfim, ausência de aptidão à experiência. Personalidades com tendências autoritárias identificam-se ao poder enquanto tal, independente de seu conteúdo. No fundo dispõem só de um eu fraco, necessitando, para se compensarem, da identificação com grandes coletivos e da cobertura proporcionada por eles (Adorno, 2022, p. 40).

O indivíduo vazio de experiências individuais e coletivas, já destituído de razão, age segundo a coerção social. Ele foi remodelado e expropriado como as empresas no capitalismo tardio, em decorrência disso, o que ele pode projetar é todo o vazio de sua existência limitada. Pois, conforme Adorno e Horkheimer, “como a verdade implica a imaginação, pode ocorrer que, para as pessoas cuja imaginação foi lesada, a verdade seja algo de fantástico e sua ilusão, a verdade” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 159). Desse modo, como indicam os autores, a falsa projeção significa um esforço “de dar arbitrariamente um sentido ao mundo que torna o homem sem sentido” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 161).

Limitado pela realidade da dominação, o fascista age de acordo com o poder estabelecido, submerso em sua ilusão, ele é incapaz de compreender as origens de sua impotência. Sendo assim, a única “revolução” que é capaz de realizar se dirige contra os que contestam, real ou imaginariamente esse poder, como explica Rouanet (1989). Por isso, o fascista aceita toda a lista do *ticket*. Essa aceitação é o atestado de sua impotência e de sua submissão ao poder, elementos que caracterizam a personalidade autoritária, cujo desenvolvimento coincide com uma sociedade em que a experiência e a formação cultural são corroídas pelas condições de existência. Sobre esse último aspecto, Adorno compartilha de certa concepção que Walter Benjamin desenvolveu sobre a modernidade.

A esse respeito, no texto *Experiência e pobreza* (1987) Benjamin relata que em gerações anteriores as experiências eram transmitidas de modo benevolente ou ameaçador, dos mais velhos aos mais jovens. E, a partir dessa referência, ele lança a seguinte questão: “Quem encontra ainda pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas?” (Benjamin, 1987, p. 114). Seu relato e sua pergunta são reflexões sobre um mundo em que a relação do ser humano com os outros de sua espécie e com o tempo está se transformando. O autor afirma que a experiência está em declínio, ele observa que era notável que até mesmo os combatentes da Primeira Guerra voltassem silenciosos. Diante de tanto assombro dessa época, não havia mais o que comunicar. Benjamin sublinha: “Uma nova forma de miséria surgiu com esse monstruoso desenvolvimento da técnica, sobrepondo-se ao homem” (Benjamin, 1987, p. 115). De certa maneira, os provérbios e as histórias contadas diante da lareira, as “experiências transmitidas”, perderam o seu lugar. Acompanhado disso, a experiência

cotidiana se empobreceu, de modo geral, as pessoas se tornaram mais miseráveis diante do poder da técnica. Dessa maneira, a ciência, por meio da técnica, apoderou-se tanto da vida humana que nada resta ou é permitido para as pessoas vivenciarem, que já não esteja produzido.

Nesse sentido, Adorno (2022, p. 35) sublinha um elemento essencial da sociedade burguesa, ele afirma que ela é “subordinada à lei da troca do “igual por igual” de cálculos que, por darem certo, não deixam resto nenhum”. Nisso, subjaz o modelo matemático, que organiza, classifica e calcula para dominar. A experiência e sua inscrição no tempo, que é a memória, precisam ser excluídas numa sociedade que aspira dominar tudo e que se encarrega de eliminar o particular em função disso. A própria temporalidade perde seu sentido, tudo que importa é o imediato. E a esse respeito, a indústria consegue ao mesmo tempo uniformizar o comportamento das pessoas, privá-las de experiências distintas e esgotar suas vidas em torno de interesses de produção e consumo. Dessa forma, ela é parte importante na manutenção da sociedade sempre igual. Nesses termos, Adorno descreve a lógica da produção industrial:

Esta procede sempre em ciclos idênticos e pulsativos, potencialmente de mesma duração, e praticamente não necessita mais da experiência acumulada. Economistas e sociólogos como Werner Sombart e Max Weber atribuíram o princípio do tradicionalismo às formas sociais feudais, e o princípio da racionalidade às formas burguesas. O que é o mesmo que dizer que a memória, o tempo e a lembrança são liquidados pela própria sociedade burguesa em seu desenvolvimento, como se fossem uma espécie de resto irracional, do mesmo modo como a racionalização progressiva dos procedimentos de produção industrial elimina junto aos outros restos da atividade artesanal também categorias da aprendizagem, ou seja, do tempo de aquisição da experiência no ofício (Adorno, 2022, p. 35).

Como podemos compreender a partir da exposição de Adorno, a experiência acumulada se torna um requisito obsoleto mediante um modo de produção que se baseia na simples repetição de ciclos idênticos. Dito isso, os mestres não precisam transmitir seus conhecimentos aos aprendizes, assim como os avós não irão mais contar suas histórias para os netos. Na sociedade da troca e da racionalidade técnica, a experiência perde o seu valor. Como afirma Adorno “a humanidade se aliena da memória, esgotando-se sem fôlego na adaptação do existente nisto reflete-se uma lei objetiva do desenvolvimento” (Adorno, 2022, p. 35). A produção dita o ritmo das outras atividades do cotidiano: a vida em família, o consumo e o momento de descanso. E assim, progressivamente, aquelas histórias e aquele modelo de conduta, os valores morais, que eram repassados dos pais para os filhos perdem espaço para o que é produzido pela semicultura. Não há mais experiência coletiva de

formação cultural, nem experiência individual, posto que o que uma pessoa faz não difere muito do que todas as outras fazem.

A esse respeito, Crochík (2010, p. 33) observa:

A formação do indivíduo por meio dessa perspectiva cultural – redução da cultura a mercadoria – seria propícia não ao desenvolvimento de uma interioridade, mas à contínua exteriorização ou projeção, posto que a identificação forjada com as imagens da publicidade que não se distinguem mais das mercadorias é, no capitalismo, voltada à reprodução do capital: ou como reprodução da força do trabalho ou como ampliação do lucro, e não objetiva que o indivíduo se torne diferente do que já é.

Diante de cada um desses aspectos – o enrijecimento da personalidade, a inaptidão para a experiência, sobretudo a experiência com o outro, a submissão à autoridade, o conformismo, a negação do passado e da memória e a incapacidade de reflexão – apresentamos uma questão. Especialmente, porque cada um desses aspectos guarda muita semelhança com o que aconteceu e acontece no mundo nestas duas últimas décadas. Ou seja, o fortalecimento da extrema direita em vários países. Então, poderíamos iniciar retomando a pergunta de Benjamim: Será que ainda hoje encontramos pessoas que saibam contar histórias como elas devem ser contadas? Será que no cotidiano das grandes cidades, as pessoas que vivem em meio ao medo e a violência querem partilhar suas experiências ao fim do dia? Será que elas pensam na possibilidade de partilhar suas histórias com as futuras gerações? Nos arriscamos a dizer que as pessoas se sentem vencidas e até mesmo derrotadas depois de um dia de trabalho nas grandes metrópoles e até mesmo nas cidades do interior do Brasil, por exemplo. E nos referimos acima de tudo aos milhões de brasileiros que trabalham todos os dias e não têm dinheiro ao final do mês. Podemos incluir também os desempregados, que histórias eles poderiam contar que fossem dignas de ser compartilhadas? No nosso ponto de vista, a vida ainda é miserável de muitas formas, aliás, estamos fazendo nossa pesquisa na periferia do sistema capitalista e vale frisar que a desigualdade social é imensa.

Consoante a essas considerações, é apropriado acrescentar que a extrema direita ofereceu uma lista de inimigos nas últimas eleições do Brasil²⁰. O ticket incluía intelectuais, militantes de esquerda, feministas, comunidade LGBTQIAPN+, devotos de religiões de matriz africana, professores, entre outros. E essa lista aumentava com a velocidade das *fake news*, muitas delas produzidas pelo denominado “gabinete do ódio”²¹. Inclusive, mais uma

²⁰ No momento da conclusão da tese, o Brasil havia vivenciado as eleições presidenciais de 2022, mas durante a redação do primeiro capítulo fizemos referência às eleições de 2018 e apresentamos algumas reflexões sobre o governo Bolsonaro e a gestão da pandemia do coronavírus, iniciada em 2020.

²¹ O Gabinete do ódio faz referência ao grupo que era responsável por coordenar as redes sociais no governo Jair Bolsonaro. O grupo ficava no terceiro andar do Palácio do Planalto e era formado por assessores ligados ao

vez, observamos aqui que a internet teve um papel determinante na disseminação do ódio. E a sua utilização como meio de disseminação de informações e plataforma política foi preponderante para o resultado das eleições de 2018 e para a vitória do candidato conservador Jair Bolsonaro. Esses exemplos são apropriados para refletirmos a respeito da predisposição e do fantasma do autoritarismo em nosso século. Com isso, entendemos que é necessário aprofundar nosso conhecimento sobre as técnicas da propaganda fascista. Dito isso, a parte final do capítulo tem o propósito de compreender os aspectos da utilização da psicologia de massa pelo fascismo.

1.4. Psicologia das massas, propaganda e liderança fascistas: apelo e mobilização

Tendo em vista, a impotência do indivíduo, sua inaptidão para a experiência e sua segunda natureza, o medo, produzidos na sociedade total, nos resta estudar neste capítulo as técnicas de manipulação fascista. Com efeito, essas técnicas se valem dos efeitos que as relações sociais de dominação produzem no indivíduo. Por isso Adorno e Horkheimer (1973) utilizam a expressão "semeiam em terreno já cultivado" para se referir à liderança fascista. De acordo com os autores, existe uma predisposição no indivíduo frágil e isolado que favorece a formação da massa:

A massa é um produto social – não uma constante natural; um amálgama obtido com o aproveitamento racional dos fatores psicológicos irracionais e não uma comunidade originalmente próxima do indivíduo; proporciona aos indivíduos uma ilusão de proximidade e união. Ora, essa ilusão pressupõe, justamente, a atomização, a alienação e a impotência individual (Adorno; Horkheimer, 1973, p. 87).

Sendo assim, a propaganda fascista se aproveita da debilidade do indivíduo e trata de reforçar o medo, instaurando uma atmosfera de terror. Por isso é essencial utilizar como artifício da propaganda a figura do inimigo ameaçador. Como foi exposto anteriormente, esse inimigo é sinônimo da diferença, um exemplo disso é o intelectual. Podemos observar que o fenômeno do fascismo tanto no século XX quanto no século XXI, entre tantos inimigos, continua escolhendo como inimigo aqueles que se dedicam à atividade do pensamento. Como afirmam Adorno e Horkheimer (1985), a imagem do intelectual evoca a diferença, porque

filho do presidente, Carlos. O gabinete foi alvo da CPMI das fake news, instalada em 4/9/2019. De acordo com informações encontradas no site do Senado Federal, a finalidade da CPMI era a seguinte:

"Investigar, no prazo de 180 dias, os ataques cibernéticos que atentam contra a democracia e o debate público; a utilização de perfis falsos para influenciar os resultados das eleições 2018; a prática de cyberbullying sobre os usuários mais vulneráveis da rede de computadores, bem como sobre agentes públicos; e o aliciamento e orientação de crianças para o cometimento de crimes de ódio e suicídio". (Brasil, 2022).

“ele parece pensar, o que os outros não se permitem e não derrama o suor da fadiga e do esforço” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 143).

E ainda, de acordo com Adorno (2020, p. 61): “O termo “intelectual de esquerda” também é uma dessas expressões para assustar”. Por não realizarem uma tarefa braçal, se torna fácil concluir que eles se esforçam pouco e que, por conseguinte, sua contribuição para a sociedade é insignificante. A esse respeito, Adorno (2020, p. 61) sublinha “o antiquíssimo ranço do trabalhador manual contra o trabalhador intelectual” na Alemanha. E o autor fala desse sentimento por ocasião do ressurgimento de partidos radicais de direita na Alemanha na década de 1960. Ou seja, o intelectual é certamente esse inimigo eterno para o fascismo, porque, independente do momento histórico, ele cumpre o requisito da diferença. Diante do sofrimento e renúncias que envolvem o processo civilizatório, a exploração dessa caricatura parece bastante apropriada para a criação de um inimigo em comum.

Com esse exemplo, podemos recuperar a ideia de que a propaganda cria paranoias coletivas com o objetivo de apelar para os indivíduos que já se encontram debilitados emocionalmente, devido a insegurança e incompreensão geradas no processo de formação cultural. Diante disso, Adorno recorre à análise subjetiva para investigar quais as vantagens que o indivíduo pode alcançar quando se integra à massa. Nesse sentido, a psicanálise auxilia no estudo do fascismo na medida em que conduz ao entendimento dos vínculos pulsionais que ligam os indivíduos uns aos outros e cada um deles ao líder.

Na análise de Adorno sobre o fascismo, o trabalho *Psicologia das massas e análise do Eu* (2022) de Freud é uma referência central para pensar a relação das massas com o líder. Dessa forma, baseado na análise de Freud, Adorno compartilha a ideia de que aquilo que mantém os indivíduos ligados entre si e ao líder é o mecanismo de identificação. O conceito também é importante no pensamento de Adorno porque é através dele que o sujeito se constitui e ganha autonomia. No entanto, de acordo com Rouanet, o conceito de identificação foi utilizado na *Dialética do Esclarecimento* por Adorno e Horkheimer de um modo “ao mesmo tempo mais geral e mais diferenciado” (Rouanet, 1989, p. 123). Então, ele explica que os autores preservam essa ideia original da psicanálise em que a pessoa adquire a sua individualidade através da identificação.

A identificação, como se sabe, é um conceito central para a psicanálise, onde designa o processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto ou atributo do outro, e se transforma total ou parcialmente, segundo o modelo deste último. Num certo sentido, a personalidade é a síntese de um processo de identificações sucessivas [...]. (Rouanet, 1989, p. 122).

Além da constituição da personalidade, Freud utilizava o conceito de identificação para explicar o controle que a sociedade exerce sobre o indivíduo, que se relaciona com a criação do superego e sua função enquanto representante da normatividade vigente. No entanto, Adorno e Horkheimer dão relevo ao fato de que no processo de Esclarecimento a identificação tende a se transformar num instrumento de dominação, o que impõe uma barreira ao desenvolvimento do indivíduo e de sua consciência. Nessa direção, conforme Rouanet:

A identificação é a arma absoluta da razão Iluminista. Seu objetivo tendencial é integrar todos os indivíduos no sistema, através de um processo de identificação direta ou mediatizada. Em última análise, cada indivíduo deve assimilar-se à ordem Iluminista, e assimilá-la à própria substância. No limite, o sujeito deve unificar-se com a cultura, transformar-se ele próprio, na cultura. Para Freud, o ciclo das identificações sucessivas de cada indivíduo constitui sua personalidade. Identificação é instrumento de individuação. Na ordem Iluminista, a identificação é instrumento, pelo contrário, de desindividuação – o processo pelo qual a individualidade tende para a autodissolução (Rouanet, 1989, p. 123).

Como aponta Rouanet (1989), a diferença entre a análise de Freud e a de Adorno e Horkheimer é definida pelas fases do capitalismo em que os autores estão inseridos, respectivamente, capitalismo industrial ou concorrencial e capitalismo monopolista. Visto que o desenvolvimento capitalista e suas configurações ao decorrer das diferentes etapas passou a eliminar a necessidade de personalidades livres e autônomas.

Dessa forma, o Esclarecimento conduziu para o caminho inverso da emancipação do sujeito. Ou seja, ele produziu essa irracionalidade que é favorável aos movimentos de massa e dá sustentação à dominação econômica e política. De acordo com Adorno e Horkheimer (1973, p. 86) os agitadores fascistas são “expoentes de forças e interesses sociais mais poderosos, que conseguem predominar contra as massas e com a ajuda destas”. O mesmo ocorre com os líderes políticos fascistas, sua intenção de tomar o poder ou sua chegada ao poder coincide com os interesses de grupos econômicos muito poderosos que não representam o interesse da massa. Logo, o líder serve para dissimular esse real interesse, como afirmam os autores. Acerca disso, utilizam a expressão “tocador de tambor” que faz referência ao apelo da liderança fascista. Tendo em vista que em seus discursos eles dão ênfase a ideia de que são pequenos, modestos e que se opõem a qualquer um que esteja contra os interesses do povo. Toda a oratória da liderança fascista serve para convencer a massa de que o inimigo não é o verdadeiro inimigo. Assim, a responsabilidade é transferida dos reais detentores do poder para

o judeu, para o intelectual, para o imigrante, e assim por diante. Nesse ponto, o líder é uma figura essencial tanto para promover a identificação com o fascismo quanto para reproduzir a adaptação e a dominação.

Portanto, o líder é um modelo e um elemento importante que garante a identificação com o movimento, a integração e a unidade da massa. No que diz respeito a identificação com o líder fascista, como vimos, Adorno (2008a) defende que no caso da Alemanha nazista a identificação dos seguidores com Hitler não remetia a uma ligação paternal. Ao contrário, a figura de Hitler apresentava muito mais os contornos de um “filho rebelde, neuroticamente fraco”, diante disso, os seguidores se sentiam mais próximos dele por sua debilidade. Então, eles se identificavam com essa pessoa que parecia ordinária, como qualquer um dos membros da massa.

Com isso, perante o declínio da figura paterna, a associação da imagem de Hitler com uma figura filial sugere a ideia de modéstia e pequenez. Se colocar na condição de filho permite a sensação de proximidade, sugere que o líder é alguém que está ao lado dos seguidores, portanto, ele é um deles. Isso é o que Adorno (2008a) chama de “estratégia do mensageiro”²², quando a liderança fascista sublinha em seu discurso a ideia de que não são os salvadores da nação, mas sim os seus representantes. Ou seja, eles são meros tocadores de tambor, os que anunciam algo grandioso que está por vir.

Contudo, nada impede que essa imagem do mensageiro, um sujeito comum, divida espaço com outra que é o seu oposto. Pois, como indica Adorno a estratégia do mensageiro pertence a uma estrutura mais geral da propaganda fascista, chamada de “pequeno grande homem”, definida nesses termos:

Aponta para uma constelação que é a característica geral da relação entre o locutor e sua audiência. Representando a “integração” psicológica de sua audiência como um todo, ele é simultaneamente fraco e forte; fraco na medida em que cada membro da multidão é visto como alguém capaz de identificar-se com o líder; por isso, não deve ser tão superior do que o seu seguidor; forte na medida em que representa a poder da coletividade que existe por causa da unificação daqueles a quem se dirige. A imagem que apresenta de si próprio é a do “pequeno grande homem” com um toque de anonimato, ele caminha como um desconhecido entre as pessoas comuns, mas ao final se revela como o salvador (Adorno, 2008b, p. 28-29).

²² Na década de 1930, Adorno analisa as estratégias e o apelo do pastor e ativista político norte-americano Martin Luther Thomas, a partir das transmissões de seus discursos no rádio. Esse estudo auxilia no reconhecimento de um padrão na técnica de manipulação psicológica fascista.

Sendo assim, é importante que o líder consiga estabelecer um vínculo com cada indivíduo através dessa sensação de proximidade gerada por sua imagem ordinária. Ao mesmo tempo, sua personalidade deve se caracterizar pelo poder e pela expectativa de que ele possa compensar a impotência individual. De acordo com a definição de Freud em *Psicologia das massas e análise do Eu* (2021) há grupos com líder e sem líder. Em sua análise, ele explica que em massas artificiais como o Exército e a Igreja Católica o líder é essencial, porque é o vínculo libidinal em torno do líder que mantém a massa unida e que impede a sua desintegração. De acordo com o autor:

Na Igreja – podemos, com vantagem, tomar a Igreja Católica como modelo -, bem como no Exército, por mais distintos que ambos possam ser, vale a mesma simulação (ilusão) de que está presente um superior – na Igreja Católica, Cristo, nas forças armadas, o general – que ama cada um dos indivíduos da massa com igual amor. Tudo depende dessa ilusão; se a deixássemos cair por terra, desintegrar-se-iam imediatamente tanto a Igreja quanto o Exército, na medida em que a coerção externa o permitisse (Freud, 2021, p. 165-166).

Nesses termos, essa ilusão de amor e, simultaneamente, de poder, convoca os membros do grupo a se amarem numa atitude recíproca. No entanto, essa libido é sublimada. Adorno observa que “Freud insiste no fato de que em grupos organizados, tais como o exército ou a igreja, não há menção ao amor de qualquer tipo entre os membros [...]”. (Adorno, 2015, p. 162). Embora o vínculo seja de natureza libidinal, esse aspecto não é manifesto. Logo, o interesse na psicologia das massas se deve ao material que fornece para estudar a maneira como os agitadores, os líderes e a propaganda fascista produzem esse vínculo libidinal e essa identificação a partir de suas técnicas de manipulação.

A esse respeito, no texto *Teoria Freudiana e o padrão da propaganda fascista* Adorno (2015) observa que o estudo do discurso e dos panfletos dos agitadores fascistas norte-americanos aponta para dois aspectos principais, que foram apresentados no livro *Prophets of Deceit* (Profetas do engano, 1949) de Leo Löwenthal e Norbert Guterman. Os dois aspectos mencionados por Adorno são: 1) O material da propaganda fascista nos Estados Unidos demonstra pouca preocupação com questões políticas concretas e tangíveis. A sua base é acima de tudo o cálculo psicológico. De tal modo, segundo ele, a liderança fascista consegue conduzir os seguidores a “uma atmosfera de agressividade emocional e irracional propositalmente promovida por nossos pretensos Hitlers” (Adorno, 2015, p. 154). 2) A abordagem dos agitadores é sistemática e segue um padrão estabelecido. Ademais, os discursos chegam a ser monótonos.

Adorno indica que a manipulação fascista não requer um conhecimento avançado da psicologia de massa, pelo contrário, ela é repetitiva e demonstra uma escassez de ideias. Ainda assim, existe um ponto fundamental no apelo às massas realizado pela liderança fascista que é bastante eficiente em garantir a mobilização delas. Ou seja, de acordo com o autor: “A fim de conseguir corresponder às disposições inconscientes da audiência, o agitador, por assim dizer, simplesmente volta seu inconsciente para fora” (Adorno, 2015, p. 182). Com sua atitude, a liderança fascista é capaz de conduzir a massa para um padrão comportamental regredido. A esse propósito, percebemos que em nosso século os candidatos ou governantes eleitos da extrema direita, que adotam um discurso notavelmente fascista, se esquivam de discutir e apontar soluções para os reais problemas da população. Sua atitude é semelhante a do agitador fascista. Isto é, evitam falar de problemas reais e até mesmo quando são questionados sobre tais assuntos, evitam o discurso racional e pretensamente o seu inconsciente vem à tona. De modo que suas palavras conduzem rapidamente a audiência para uma atmosfera de violência e ódio.

Acerca disso, podemos citar algumas frases que o ex-presidente Jair Bolsonaro proferiu quando questionado sobre a gestão da pandemia. A seguir, separamos algumas delas, retiradas do jornal *Estado de Minas*²³, na matéria foi adicionado o número de mortes à época de cada declaração:

- “Para 90% da população, isso vai ser uma gripezinha ou nada” (com menos de 100 mortos).

- “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Eu sou Messias, mas não faço milagre” (em referência a seu sobrenome, quando havia quase 5 mil mortos).

- “Não vamos chorar o leite derramado. Estamos passando ainda por uma pandemia, que em parte é usada politicamente não para derrotar o vírus, mas para tentar derrubar o presidente” (com 340 mil mortos).

Na última delas, o presidente seguiu menosprezando o problema da pandemia e mesmo diante do expressivo número de óbitos aproveitou para utilizar a estratégia do “inocente perseguido” (Adorno, 2008a). Ou seja, apesar da pandemia e de toda a insegurança e temor que ela gerava na população, o presidente aproveitou para defender a ideia de que usavam a situação para derrubá-lo, quando poderia discutir as ações necessárias para o

²³ ‘Gripezinha’, ‘País de maricas’: as frases de Bolsonaro sobre a pandemia, matéria publicada em 19/06/2021 no jornal *Estado de Minas*.

enfrentamento do problema. A propósito, um elemento que sempre esteve presente em seu discurso foi a conspiração, baseado na ideia de que havia um grupo perigoso de pessoas que o perseguiram. E estaria motivado por qual interesse? Uma vez que ele se apresentou desde o começo como alguém contrário aos interesses da “velha política”, caracterizada pela corrupção e por contrariar os interesses da população, era evidente que ele seria indevidamente perseguido. Portanto, ele, o “inocente perseguido”, era a solução para livrar a população de políticos corruptos. Mas como um bom mártir, seria perseguido e colocaria sua vida em risco em nome do bem comum.

Nossa breve narrativa a respeito do cenário político nacional elucida pelo menos duas ideias essenciais de Adorno: o fascismo sobrevive e o discurso fascista é eficaz porque, por essência, ele é irracional. E, por consequência da irracionalidade, o discurso dispensa a sofisticação e por isso mesmo se caracteriza pela repetição e monotonia. Portanto, só depende do líder a tarefa de “voltar o seu inconsciente para fora”.

A propósito, o que torna a propaganda fascista psicológica é sua irracionalidade e o seu autoritarismo, conforme Adorno (2015). Posto que nenhuma menção ao amor é feita, a energia libidinal tende a ficar recalçada. O que a liderança faz é desviar essa energia primária para fins políticos. Em relação ao autoritarismo, ele afirma o seguinte:

O padrão libidinal do fascismo e toda a técnica dos demagogos fascistas são autoritários. É aqui que as técnicas do demagogo e do hipnotizador coincidem com o mecanismo psicológico através do qual os indivíduos são levados a se submeter às regressões que os reduzem a meros membros de um grupo.

Através das medidas que toma, o hipnotizador desperta uma parte de sua herança arcaica, que também foi submissa aos pais e que experimentou uma revivência individual em relação ao pai. Foi desperta a representação de uma personalidade onipotente e perigosa, contra a qual o sujeito pôde se colocar apenas de forma passivamente masoquista, na qual ele precisou perder sua própria vontade, e com a qual pareceu uma ousadia duvidosa ficar a sós, “aparecer sob seu olhar” (Adorno, 2015, p. 163-164).

Nesse sentido, como a energia libidinal deve permanecer em nível inconsciente, o impulso é inibido em sua meta e o indivíduo regredido alcança satisfação na atitude masoquista diante da autoridade. A inovação que a psicanálise traz para a psicologia das massas consiste em revelar o ganho psíquico para os membros do grupo. Dessa forma, conforme Adorno, Freud explicou a “coerência das massas em geral em termos do princípio de prazer, ou seja, das gratificações reais ou vicárias obtidas pelos indivíduos ao se renderem a uma massa” (Adorno, 2015, p. 160).

Com efeito, Adorno reafirma que Freud tinha razão. Pois, para ele, o autor da psicanálise antecipou o fenômeno da massa fascista. Ainda que Freud não tenha estudado as causas das transformações sociais contemporâneas, sua análise capturou o declínio do indivíduo e seu consequente enfraquecimento. Desse modo, as “palavras mágicas” e os “conceitos dogmáticos” de alguns psicólogos das massas como Gustave Le Bon foram submetidos a uma interpretação dinâmica por Freud. A caracterização das massas de Le Bon era precisa, ele já considerava o caráter irracional, sugestionável, regressivo e violento delas. Entretanto, faltou investigar o que realmente leva à formação das massas. E Freud buscou essa resposta nas duas direções – a das transformações do indivíduo e a de suas relações sociais. Visto que, para ele “a psicologia individual é também, de início, simultaneamente psicologia social” (Freud, 2021, p. 137), na medida em que na vida psíquica, geralmente, o outro é considerado “como modelo, como objeto, como adversário e como auxiliar” (Freud, 2021, p. 137) para o indivíduo. De tal modo, a massa é o resultado das interações sociais, da vida psíquica individual e do indivíduo enquanto produto social de uma determinada época.

A partir dessa lógica, conceitos como hipnose e sugestão ganharam profundidade, pois eles são explicados a partir do vínculo libidinal que conduz os indivíduos à atitude irracional e passiva. Do mesmo modo, o mecanismo de identificação é resultado da inibição da energia sexual primária. Ao passo que cada indivíduo se identifica com o líder e com as ideias que ele personifica, o agrupamento começa a se constituir e se fortalecer. Pois os indivíduos passam a se vincular em torno dessas ideias.

A esse respeito, Adorno analisa o ganho narcísico para os adeptos do fascismo. Para começar, o autor parte do pressuposto de que a identificação é forjada a partir de uma imagem do líder que não é paternal. Tendo isso em vista, essa identificação passou a ser associada com a fase oral da organização da libido. E qual a implicação disso? O declínio da figura paterna e sua relação com o enfraquecimento do indivíduo pressupõe também que o mecanismo de identificação reproduza uma fase anterior ao desenvolvimento do complexo de Édipo. Sendo assim, essa regressão conduz o indivíduo para uma etapa em que a criança ainda não tinha vivenciado o momento de confronto com o pai. Portanto, além de corresponder ao estado regredido, a identificação em sua fase arcaica é compatível com o desejo de devorar o objeto. Isso transforma o líder em alguém que o indivíduo adulto pretende absorver para dentro de si. Dessa forma, a identificação com o líder corresponde ao engrandecimento da personalidade do seguidor, isto é, um ganho narcísico.

Dessa forma, de acordo com Adorno:

É bem possível que esse componente pré-edipiano de identificação auxilie na separação da imagem do líder, como do pai primitivo todo-poderoso, da imagem paterna atual. Uma vez que a identificação da criança com seu pai como uma resposta ao complexo de Édipo é um fenômeno apenas secundário, a regressão infantil pode ir além dessa imagem paterna e, através de um processo “anaclítico”, alcançar outra mais arcaica (Adorno, 2015, p. 167-168).

Ao mesmo tempo em que o autor considera que essa identificação mais arcaica coincide com a figura do líder contemporâneo na medida em que ele se desvinculou do papel paternal, ele também encontrou elementos na teoria freudiana da “idealização” que demonstram a função essencial do narcisismo no que se refere às identificações. Tendo em vista que no relacionamento amoroso o objeto serve para substituir o próprio eu não alcançado. O amor existe em função das características que o indivíduo admira no outro e deseja para si. E por isso ele nutre o narcisismo individual. No que tange ao fascismo, Adorno observa: “É precisamente essa idealização de si mesmo que o líder fascista tenta promover em seus seguidores, e que é auxiliada pela ideologia do *Führer*” (Adorno, 2015, p. 169).

Com efeito, a propaganda fascista corresponde aos impulsos narcísicos desse indivíduo da sociedade moderna. Como vimos, a expropriação da psicologia individual resulta num ego enfraquecido, ele não exerce mais a função de mediador entre as exigências externas e as pulsões do indivíduo. Sendo assim, a cultura de massas marca um momento em que o superego passa a ser administrado de fora pelas agências sociais dominantes (Adorno; Horkheimer, 1985) e o controle social passa a ser realizado antes pela liberação do Id do que pela sua inibição (Rouanet, 1989). De tal modo que a diminuição do ego favorece o narcisismo. O êxito da manipulação fascista consiste na gratificação que a imagem do líder fornece ao impulso narcísico. Acerca disso, Adorno observa que a relação do *Führer* com seus apoiadores está focada em tais impulsos:

As pessoas com quem ele (*Führer*) tem de contar padecem geralmente do conflito moderno característico entre uma instância do eu racional, fortemente desenvolvida e autoconservadora, e o contínuo fracasso em satisfazer as demandas do próprio eu. Este conflito resulta em impulsos narcísicos fortes, que podem ser absorvidos e satisfeitos apenas através da idealização, como a transferência parcial da libido narcísica ao objeto (Adorno, 2015, p. 169, grifo nosso).

Nesses termos, a associação que Freud faz na psicologia de massas entre idealização e narcisismo é essencial para compreender o vínculo entre seguidor e líder no fascismo. Então, o fascismo pode ser correlacionado a seguinte definição de Freud: a massa “é uma quantidade de indivíduos que colocaram um e o mesmo objeto no lugar de seu Ideal do Eu e, em

consequência disso, identificaram-se uns com os outros em seu Eu” (Freud, 2021, p.192). Portanto, o apelo do líder busca corresponder ao modelo ideal para o indivíduo: para alcançar a “identificação narcísica, o próprio líder deve parecer absolutamente narcisista” (Adorno, 2015, p. 170).

Contudo, ao mesmo tempo que a imagem do líder precisa evocar a ideia de grandiosidade para garantir identificação, ela também deve relembrar aos seguidores que o líder é um sujeito ordinário como tantos outros. Como vimos, essa ideia está contida na expressão “pequeno grande homem”. E, a propósito, essa ambivalência que caracteriza a liderança fascista espelha o que os próprios seguidores anseiam - submissão e poder. Como explica Adorno: “A imagem do líder satisfaz o duplo desejo do seguidor em se submeter à autoridade e ser ele mesmo a autoridade” (Adorno, 2015, p. 172)).

A esse respeito, Adorno e Horkheimer (1973) indicam como Hitler explorou o narcisismo alemão, reforçando as diferenças entre o in-group e o out-group :

Um truque recomendado pelo próprio Hitler é a subdivisão do mundo em ovelhas brancas e ovelhas negras, os bons, a cujo grupo se pertence, e os maus, ou seja, o inimigo criado expressamente para as finalidades da demagogia. [...] Finalmente, a divisão do mundo em “mocinhos” e “bandidos” atua sobre a **validade** dos ouvintes (Adorno; Horkheimer, 1973, p. 175-176, grifo nosso).

Adorno sublinha o papel que a estrutura hierárquica ocupou dentro do nazismo e como ela se relaciona com “desejos de caráter sadomasoquista” (Adorno, 2015, p. 173). O autor relembra a frase de Hitler “responsabilidade para com os de cima, autoridade para com os de baixo”, que expressa essa satisfação do indivíduo fascista em se submeter ao poder da autoridade e o seu desejo de causar dano àqueles que julga inferiores. Nesse entendimento, Adorno e Horkheimer (1973) utilizam a expressão popular alemã “*Radfahrernatur*”, que em sua tradução literal significa “natureza ciclista”. Ou seja, alguém que força os seus pés sobre os que estão por baixo e se curva para os que estão em cima. Dessa maneira, quando cada membro da massa coloca o líder - autoritário, onipotente, temido e perigoso como o pai primitivo - no lugar do seu Ideal do eu, isso satisfaz ao mesmo tempo o sadismo e o narcisismo desses membros. Essa necessidade de engrandecimento do eu se relaciona com a formação cultural e a constituição de personalidades com tendências autoritárias, como veremos no capítulo seguinte.

2. A PERSONALIDADE AUTORITÁRIA - A CONSTITUIÇÃO DA INDIVIDUALIDADE NO CAPITALISMO, O CLIMA CULTURAL GERAL E A PATOLOGIA SOCIAL

A debilidade do ego, processo explorado na *Dialética do Esclarecimento*, é um elemento determinante para que o indivíduo procure compensação na figura de um líder e na associação ao coletivo fascista. Destacamos na psicanálise dois elementos - desenvolvidos em dois trabalhos, *O mal-estar na cultura* e *Psicologia das massas e análise do Eu* - que sustentam os argumentos dos autores frankfurtianos e constroem o elo entre fragilidade humana e sua relação com a autoridade. No primeiro trabalho temos a necessidade de autopreservação do indivíduo diante das três fontes de sofrimento que ameaçam seu corpo, no segundo, uma tendência sadomasoquista e narcisista que define a sua relação com o poder e com as figuras de autoridade. Diante do desamparo do indivíduo frente à debilidade de seu corpo, das forças da natureza e da ameaça dos demais seres que compõem a sua espécie, a história do indivíduo é marcada pela renúncia instintiva. Assim, a experiência humana se desenvolve a partir da interação e submissão dos seres humanos, desde a natureza até a civilização, do plano biológico para o cultural permanece a disputa entre os mais fortes e os mais fracos. Localizada dentro do contexto capitalista e sob a ótica materialista dos autores da Escola de Frankfurt, tal interação se desenvolve e avança desde as relações entre o indivíduo com sua família até o fetichismo dos produtos culturais. No presente capítulo, pretendemos realizar essa análise, ou seja, vamos investigar de que forma Adorno e os demais autores²⁴ que realizaram os estudos sobre a personalidade autoritária se apropriaram do referencial psicanalítico para escrever um diagnóstico do declínio do indivíduo na luta pela sobrevivência.

²⁴ *Estudos sobre a personalidade autoritária*, tradução em português para o título original em inglês - *Studies in the Authoritarian Personality* foi escrito por Adorno, Else Frenkel-Brunswik, Daniel Levinson e Nevitt Sanford. O material que utilizaremos na pesquisa, publicado pela editora Unesp em 2019, é composto pelos capítulos I e VII (assinados por todos os autores do livro) e os capítulos XVI, XVII, XVIII E XIX (assinados exclusivamente por Adorno), conforme consta na apresentação da edição brasileira. Embora façamos referência muitas vezes apenas a Adorno e a composição de nosso material de análise reunir sobretudo as partes assinadas por ele, o estudo da personalidade autoritária é um trabalho conjunto.

A personalidade autoritária é definida em termos da sua relação com o poder. Como vimos, é decisivo para a análise do declínio do indivíduo o momento histórico em que a figura detentora da autoridade dentro da família burguesa vivencia uma transformação que afeta a sua importância econômica. Dessa forma, quando o pai perde sua força econômica, isso implica também na diminuição do seu poder e influência dentro da estrutura familiar. Na sociedade patriarcal, o pai representa ao mesmo tempo aquele que o filho anseia ser e aquele que é um obstáculo, porque é ele que tem a posse exclusiva de seu objeto de desejo - a mãe - e que o impede de tê-la para si. Dois mitos utilizados por Freud servem para desenvolver a narrativa do embate entre indivíduo e sociedade, Édipo e o parricídio na horda primitiva. O drama que está nas origens da história individual e coletiva tem significado para a análise adorniana na medida em que a constituição do indivíduo passa necessariamente pela interação com a autoridade. O problema é que essa interação deixa de oferecer a possibilidade de emancipação, devido ao enfraquecimento do poder paterno, e passa a ser aproveitada exclusivamente para a adaptação do indivíduo. Como observa Rouanet (1989) há uma diferença entre a fase do capitalismo em que Freud desenvolve a sua teoria e a fase em que Adorno e Horkheimer utilizam esse referencial teórico. Isso dará certos contornos para a apropriação da psicanálise por parte dos autores, que exploram o seu potencial crítico e dialético.

A utilização da temática freudiana da socialização familiar, de seu vínculo com a autoridade e a constituição do indivíduo pelo Instituto de Pesquisa Social aponta para o indivíduo desfigurado devido ao processo de dominação capitalista. E, a esse respeito, temos que fazer duas considerações - a primeira delas é que o estudo da personalidade autoritária, objeto de análise de nosso capítulo, tem por base uma pesquisa empírica realizada nos Estados Unidos. O que Adorno e os demais pesquisadores investigam é se haveria condições de emergir dentro do sistema democrático norte-americano um regime autoritário como ocorreu na Alemanha nazista. O interesse era investigar se as mesmas tendências que levaram os alemães a aderir à propaganda nazista poderiam ser encontradas no país em que os autores estavam exilados nas décadas de 1940 e 1950. Ainda nessa perspectiva, é importante ponderar que a maioria das pessoas que participaram da pesquisa eram representantes da classe média estadunidense naquele período. Nossa segunda consideração é que apesar desse recorte temporal, de classe e geográfico, a hipótese que se desenha sobre a adesão a ideologias de viés marcadamente autoritário é o problema que as pessoas apresentam em compreender e analisar a realidade. Ou seja, a questão da relação entre personalidade e ideologia tem que ser

pensada a partir da formação cultural contemporânea. Visto que a constituição da individualidade é permeada por uma sociedade totalitária, na qual é possível observar a paralisia da reflexão e a inaptidão para a experiência. Não apenas o estudo da personalidade, mas também a análise do clima cultural geral aponta para uma forma de orientação do indivíduo num mundo que se tornou totalmente estranho, ele está alienado de sua interioridade psíquica e da exterioridade social.

Nessa perspectiva, apresentamos uma questão fundamental: diante das formas cada vez mais elaboradas de assimilação do indivíduo no capitalismo tardio, como as pessoas se orientam diante de uma realidade que se tornou incompreensível? A esse respeito, Adorno utiliza expressões como “golpeiam para os lados sem refletir a respeito de si próprios” (Adorno, 2022, p. 132) e “encontrar seu caminho através da escuridão” (Adorno, 2019, p. 355). E, ainda, em relação ao antissemitismo, que é analisado a partir dos conceitos freudianos de projeção e estranho, Adorno e Horkheimer (1985, p. 140) utilizam a expressão “agridem cegamente e cegamente se defendem”. É certo que o fascismo deve ser pensado dentro da organização social violenta que o produziu. A individualidade é constituída a partir da violência, por isso, a angústia e a alienação que tal processo impõe aos indivíduos conduz igualmente a uma resposta violenta e agressiva, sem que eles reconheçam a que objeto precisam se direcionar - não há orientação, resta somente o medo daquilo que é estranho. Para a educação essa é uma questão fundamental - o indivíduo não tem conhecimento das condições objetivas de sua existência, mas busca inevitavelmente um caminho para compreender o mundo que o rodeia e sua habilidade em perceber o mundo se caracteriza pela mimese, na qual ele reproduz a totalidade falsa, ou na falsa projeção, em que ele reduz o mundo exterior a sua interioridade, limitada por uma sociedade que elimina as diferenças.

Esse funcionamento paranoico da vida psíquica que é apresentado no estudo da personalidade autoritária é abrangente para pensar a nossa atual configuração social. Ainda que o Brasil e os demais países da América Latina se encontrem na periferia do sistema capitalista, podemos partir do princípio de que apesar da dependência econômica em relação a outros países, há semelhanças que permitem aproximar as considerações sobre o indivíduo desfigurado e o medo mediado para a nossa realidade latino-americana. A globalização é um fenômeno que aproxima mais as nossas experiências, sobretudo no que se refere a violência e renúncia que para Freud é antes de tudo marca da civilização. Rodrigo Duarte sublinha que mesmo diante das diferenças que marcam o contexto histórico em que foi produzido o estudo da personalidade autoritária e o nosso contexto atual, uma das coisas que a globalização

realiza satisfatoriamente pelo seu alcance é a difusão universal da fraqueza do ego (Duarte, 2008).

De fato, a incompreensão das condições objetivas se intensificou ainda mais no nosso século, porque estamos diante de novos aparatos técnicos que não eram predominantes no século XX - principalmente os celulares - o fetichismo que cerca esse aparelho não pode deixar de ser levado em consideração. Quando observamos eventos políticos recentes, em diversos países do mundo, notamos que as pessoas aderem aos discursos de políticos com forte apelo autoritário e que as propagandas políticas na última década contam com um recurso inestimável das redes sociais. No Brasil, recentemente foi instaurada a CPMI das fake news, assunto mencionado no capítulo anterior. A propósito, podemos retomar o conceito de “massa solitária” utilizado por Adorno (2022) para pensar a formação cultural contemporânea, num contexto educacional que se discute tanto de que maneira a escola pode coexistir com o predomínio das mídias digitais e com o uso intensivo da internet pelas crianças e adolescentes. E, ainda, diante da inevitabilidade de utilizar as tecnologias digitais para o ensino e a aprendizagem, recrudescer para os profissionais da educação o dilema da educação para a adaptação e da educação para a resistência. Como educar sem fazer da escola instrumento para o medo mediado? Como educar sem violentar a existência dos estudantes? Procuramos trazer luz para essas questões quando apresentamos a nossa proposta de investigar a apropriação que Adorno faz da psicanálise para o estudo do fascismo na perspectiva da crítica cultural, posto que a formação cultural apequena o sujeito diante das promessas de seus produtos culturais. Promessas que têm efeito devido a manipulação de sua atividade psíquica e do desconhecimento dos indivíduos sobre as leis obscuras que fortalecem os mandatários do poder, cuja atuação se torna cada vez mais invisível dificultando o reconhecimento das contradições sociais.

2.1. O estudo da personalidade autoritária

O estudo da personalidade autoritária é um trabalho realizado com a participação dos pesquisadores do Instituto de Pesquisas Sociais e do Grupo de Estudos Sobre Opinião Pública de Berkeley. O estudo financiado pelo Comitê judeu americano integrava um projeto dirigido por Horkheimer, a proposta inicial consistia na realização de dez pesquisas que abordariam a temática do preconceito, por isso, tal projeto receberia o nome de Estudos sobre o

preconceito. Contudo, as pesquisas que foram efetivadas e publicadas somariam o total de cinco trabalhos.

A base teórica e empírica que serviria de orientação para a pesquisa da personalidade autoritária seria a psicanálise. Em comum, havia nos dois grupos citados acima o interesse em compreender o fundamento subjetivo do fascismo e para os financiadores da pesquisa era primordial alargar a compreensão sobre o antissemitismo, diante do contexto de guerra no qual as potências aliadas combatiam as potências do Eixo e o fascismo. A concepção dos frankfurtianos sobre o fascismo, que era compartilhada com o grupo de Berkeley, partia do pressuposto de que a explicação para a adesão das massas ao apelo nazista na Alemanha dependia da análise dos fatores objetivos e subjetivos. Contudo, as análises do fascismo realizadas por diversos autores até aquele momento se dirigiam essencialmente aos fatores objetivos. Diante desse cenário, a pesquisa em questão não somente tinha a proposta de lançar luz sobre a questão subjetiva, mas estudar a interação entre os fatores objetivos e a subjetividade do indivíduo. E o estudo da personalidade é importante na medida em que a noção de personalidade desenvolvida por Freud denota algo que é modificável e resistente a mudanças fundamentais. A personalidade compreende as forças que atuam dentro do indivíduo, logo, o estudo procurava descrever como essas forças expressam o padrão ideológico da pessoa - formando suas opiniões, atitudes e valores - e quais poderiam ser as respostas e direções dessas forças interiores diante de um discurso ideológico autoritário. Nessa direção, a interação entre as determinações psíquicas e sociais dão conta de perceber de que modo fenômenos como o totalitarismo no século XX possuem o poder de capturar tantos indivíduos, mesmo que a essência de tal regime seja objetivamente trazer benefícios e favorecer os interesses de poucas pessoas e grupos. O que estaria em jogo, então? Não seria a satisfação de necessidades materiais e a solução para problemas palpáveis, mas a manipulação de medos e desejos, que são necessidades primitivas. Essa era a área de interesse que o estudo pretendia abranger, a maneira que os fatores internos e externos ao indivíduo podem ser determinantes para a sua adesão a determinado apelo ideológico. E como esses fatores interagem e se sobrepõem.

A colaboração com o grupo de Berkeley permitiu aos exilados ampliarem o alcance de sua investigação com uma pesquisa empírica. Em linhas gerais, o estudo procurava mensurar quais as forças da personalidade poderiam ser definidas como tendências potencialmente antidemocráticas, a partir da noção de personalidade que estava de acordo com a orientação psicanalítica, ou seja:

[...] uma organização de forças mais ou menos duradoura no interior do indivíduo. Essas forças persistentes da personalidade ajudam a determinar a resposta em várias situações e, portanto, é em grande medida a elas que se deve atribuir a consistência do comportamento - seja verbal ou físico (Adorno, 2019, p. 78)

Como afirmam os autores do estudo, a personalidade é antes de tudo uma organização de necessidades, tal organização compreende também um sistema de opiniões, valores e atitudes, que é a acepção de ideologia utilizada por eles ao longo do trabalho; ideologia é definida pelo conjunto dessas três palavras, como um modo de pensar sobre o ser humano e a sociedade. Isso significa que a personalidade pode ser vista como aquela que determina o padrão ideológico dentro do indivíduo. Mas não é somente nesse sentido que a ideologia deve ser compreendida, ela existe independente de cada indivíduo e as diferentes formas que a ideologia assume se relacionam e interagem diretamente com as forças abrigadas dentro do indivíduo, que serão mobilizadas conforme as necessidades dele, que podem estar associadas à sua posição social, condição econômica e também podem estar relacionadas aos seus desejos e sentimentos mais profundos.

A propósito, cabe salientar que as forças da personalidade não devem ser vistas como respostas, mas prontidão para a resposta. De maneira que o esforço para mensurar as tendências da personalidade, sobretudo as antidemocráticas, deve incluir também a análise da "prontidão à ação", posto que os autores estabelecem uma diferença entre a "ideologia em palavras e em ação" e a "ideologia em prontidão" (Adorno, 2019, p. 77-78). Para além disso, era preciso considerar que dentro do contexto em que as entrevistas ocorreram - enfrentamento e derrota do nazismo - os indivíduos entrevistados nos Estados Unidos, oponente da Alemanha, possivelmente não estavam predispostos a fornecer declarações e opiniões abertas no que diz respeito a sua possível hostilidade em relação aos povos semitas. O que Adorno propunha numa carta para Horkheimer era uma pesquisa que trabalhasse com questões indiretas, a ideia era avaliar o "antissemitismo potencial". Em conjunto com o grupo de Berkeley, a materialidade da ideia de Adorno se traduz na escala F, a escala para medir o potencial fascista, que figurou, dentre os demais questionários aplicados, como aquela responsável por medir uma força oculta no indivíduo. Seria o meio para acessar aquela tendência mais profunda e inconsciente do entrevistado.

2.2. Metodologia da pesquisa

O método empregado no estudo tinha por objetivo a “descrição e a mensuração de tendências ideológicas e métodos para a exposição da personalidade, da situação contemporânea e do contexto social” (Adorno, 2019, p. 90-91). Para compreender as forças da personalidade e as tendências ideológicas era necessário levar em consideração o clima cultural, ainda que os Estados Unidos fossem marcados por um passado de conflitos e tensões raciais, as pessoas não falariam abertamente contra os negros e judeus, naquele momento e naquela nação que se erguia contra o inimigo nazista e que defendia o ideal democrático. Nesse ponto, o método psicanalítico seria primordial para que o conteúdo oculto pudesse ser investigado.

O primeiro grupo que fez parte do estudo era composto por estudantes universitários, sua escolha era justificada pela disponibilidade de tempo para participar das entrevistas e por seu nível intelectual que permitia cobrir um número grande de assuntos e garantiria a compreensão de certos itens nos questionários. Ainda que mais tarde outros grupos de pessoas participassem do estudo, conforme a natureza da pesquisa, há uma afirmação na introdução do trabalho que indica que não havia uma preocupação específica em termos de representatividade. Eles não estavam interessados em alcançar diversos estratos da população, mas sim os “grupos chave”. Para isso, mais importante do que a especificidade dos grupos, era saber como opiniões, atitudes e valores se organizam dentro do indivíduo. A pesquisa tinha como parte inicial a aplicação dos questionários, depois era feita uma seleção dos indivíduos conforme sua pontuação para realização da técnica clínica, composta pela entrevista e pelo teste de apercepção temática, que consistia numa técnica projetiva em que a pessoa deveria contar histórias sobre variadas imagens. A fase inicial da pesquisa empírica foi muito importante a fim de que o cruzamento entre os resultados obtidos tanto com os grupos quanto com os indivíduos isolados pudesse aperfeiçoar e refinar a técnica. Já que as questões que apareciam no questionário podiam ser confirmadas, receber um enfoque mais profundo e até mesmo fornecer a orientação para que os pesquisadores pudessem tomar uma decisão sobre a exclusão, a alteração ou a manutenção de certas questões ou enfoques. Desse modo: “A abordagem de uma área ideológica estimou primeiro suas características mais grosseiras e depois suas características mais finas e específicas” (Adorno, 2019, p. 95).

No que diz respeito aos questionários respondidos pelos grupos, como já foi mencionado, a escala F estava destinada a mensurar o potencial fascista, tal escala estava relacionada a um determinado número de questões. E ela foi construída exatamente durante o desenvolvimento e aperfeiçoamento da técnica de pesquisa. Antes dela, já eram aplicados três

questionários com suas escalas correspondentes, AS, E e PEC - utilizados para a mensuração das tendências de antissemitismo, etnocentrismo e conservadorismo político-econômico. Todo questionário era composto por questões factuais, escalas de opinião-atitude e questões projetivas. As primeiras diziam respeito principalmente a associações dos indivíduos a certos grupos, como igreja e partido. As escalas visavam obter estimativas quantitativas, nelas havia um conjunto de afirmações e os indivíduos deveriam expressar o seu grau de concordância ou discordância²⁵. As questões projetivas, de resposta aberta, foram formuladas para permitir uma variedade maior de respostas e tinham por objetivo alcançar respostas no nível emocional. Havia uma correlação entre as opiniões, atitudes e valores que poderiam ser expressados em cada um dos questionários, visto que a intenção era descrever as tendências gerais da personalidade de uma pessoa. Um conjunto que deveria englobar as tendências que estavam na superfície da personalidade e aquelas que repousavam na profundidade dos participantes do estudo. Isso pedia uma diversificação das técnicas e a utilização de métodos inovadores de pesquisa, como foi o caso da escala F.

E a ideia de uma nova escala tinha como pressuposto a construção de um questionário que poderia mensurar o preconceito sem fazer qualquer menção aos grupos de minorias. Nesse sentido, a escala PEC ainda se demonstrava explicitamente ideológica e sua correlação com AS e E não era muito satisfatória. Então, todo o resultado do estudo coletado anteriormente pôde contribuir para a formulação dos itens que iriam compor a escala F, desde os dados que foram coletados e analisados a partir das questões factuais até a análise qualitativa dos testes clínicos. Também foi decisivo para a escolha dos itens alguns trabalhos anteriores realizados pelos pesquisadores, trabalhos da Universidade da Califórnia e pesquisas específicas do Instituto de Pesquisa Social, além disso, eles recorreram a literatura geral sobre o antissemitismo e o fascismo. Com isso, os itens contidos no questionário eram abrangentes no sentido de mencionar forças mais profundas no interior da personalidade. A escala F representava o avanço da pesquisa no sentido de apontar e descrever tendências

²⁵ A seguir apresentamos uma breve explicação da técnica de mensuração das escalas: “Cada escala era um conjunto de afirmações em relação às quais foi solicitado ao sujeito que expressasse seu grau de concordância ou discordância” (Adorno, 2019, p. 94). Eis um modelo de questão utilizado na escala F: “É natural e correto que as mulheres sejam restringidas em certas áreas nas quais os homens possuem mais liberdade”. A fim de que o indivíduo pudesse indicar o seu nível de concordância ou discordância, os autores utilizaram o método Likert, o nível maior de concordância com a questão seria indicado por +3 e a maior discordância por -3. Os números positivos 3, 2 e 1 pontuam 7, 6 e 5, respectivamente e os números negativos 1, 2 e 3, pontuam 3, 2 e 1. A exclusão do número 4 no método marca a distância daqueles que pontuam mais alto em relação aos que pontuam mais baixo. Os indivíduos selecionados para o teste clínico, com pequenas exceções, foram os 25% que obtiveram as pontuações mais altas e os 25% que obtiveram as pontuações mais baixas (ADORNO, 2019).

antidemocráticas mais profundas e irracionais, cujas forças poderiam ser determinantes para a adesão do indivíduo ao apelo fascista.

As afirmações nessa escala não eram, em sua forma, diferentes daquelas que constituíam as escalas de ideologia superficial; eram expressões diretas de opinião, atitudes ou valor a respeito de várias áreas da vida social - áreas, porém, normalmente não abordadas em apresentações sistemáticas de um ponto de vista político-socioeconômico. Sempre intercaladas com afirmações de outras escalas, elas revelavam ao sujeito pouco ou nada da natureza da real questão visada. Eram, no essencial, afirmações concebidas de tal forma a servir como racionalizações para tendências irracionais (Adorno, 2019, p. 97-98).

Nesse sentido, cada variável que foi reconhecida progressivamente durante o estudo permitiu vincular uma tendência irracional com uma variedade de manifestações racionais de preconceito. Ao total, o estudo contava com nove variáveis dentro da escala F, quando todas estavam reunidas numa mesma pessoa era possível falar de uma síndrome, portanto, a tentativa da escala era mensurar a personalidade potencialmente antidemocrática. As nove variáveis são: convencionalismo, submissão autoritária, agressão autoritária, anti-introspecção, superstição e estereotipia, poder e “dureza”, destrutividade e cinismo, projetividade e sexo²⁶.

De acordo com os resultados obtidos no estudo da personalidade autoritária foi possível considerar que o conjunto das nove variáveis encontradas na pessoa são indicativos da personalidade potencialmente antidemocrática. No que concerne ao objeto de nosso estudo, a concepção de Adorno sobre o fascismo e o recurso à psicanálise, cabe sublinhar, como comprovou o estudo, que em menor ou maior grau o “potencial antidemocrático já existe na grande massa de pessoas” (Adorno, 2019, p. 88). Isso aparece no estudo de acordo com a definição de altos pontuadores e baixos pontuadores. Tal consideração, de que há nas pessoas a predisposição para pensar conforme as dimensões de poder, está presente nos trabalhos do autor que versam sobre o tema do fascismo, sejam eles realizados individualmente ou em cooperação com outros autores. Tal hipótese aponta para o modo de

²⁶ As definições de cada variável como consta no estudo são: a) *Convencionalismo*. Adesão rígida a valores convencionais, de classe média. b) *Submissão autoritária*. Atitude submissa, acrítica a autoridades morais idealizadas do *ingroup*. c) *Agressão autoritária*. Tendência a vigiar e condenar, rejeitar e punir pessoas que violam os valores convencionais. d) *Anti-introspecção*. Oposição ao subjetivo, ao imaginativo, a um espírito compassivo. e) *Superstição e estereotipia*. A crença em determinantes místicos do destino individual; a disposição a pensar por meio de categorias rígidas. f) *Poder e “dureza”* [*toughness*]. Preocupação com a dimensão de dominação-submissão, forte-fraco, líder-seguidor; identificação com figuras de poder; ênfase excessiva nos atributos convencionalizados do eu; asserção exagerada de força e dureza. g) *Destrutividade e cinismo*. Hostilidade generalizada, desprezo pelo humano. h) *Projetividade*. A disposição para acreditar que coisas tresloucadas [*wild*] e perigosas acontecem no mundo; a projeção para fora de impulsos emocionais inconscientes. i) *Sexo*. Preocupação exagerada com “eventos”.

sociabilidade e constituição do indivíduo no capitalismo, conforme foi destacado amplamente na *Dialética do Esclarecimento* e que também aparece na apropriação do conceito freudiano de ferida utilizado por Adorno. Os sucessivos traumas que a organização social totalitária impõe ao indivíduo dão origem ao indivíduo rompido ou mutilado como aponta o autor.

Os textos “sociológicos” de Freud oferecem a Adorno e Horkheimer os elementos para construir sua análise da sociedade capitalista. Na concepção freudiana, o sofrimento e a privação são condições da civilização, algo que o ser humano deve vivenciar em nome da autoconservação, entretanto, os dois autores frankfurtianos desenvolvem tal concepção de um modo dinâmico e observam que a organização psíquica que Freud apresentou ainda no contexto do capitalismo liberal, já estava em processo de transformação na primeira metade do século XX. Nesse novo modelo de configuração capitalista, a fase monopolista, as instâncias psíquicas segundo a formulação de Freud, id, ego e superego, não desempenham mais as funções que realizavam anteriormente. E, especialmente, o ego não era mais o mediador entre as outras duas instâncias e as exigências de adaptação ao mundo exterior, o que implicava numa diferenciação dos arranjos do id em relação às pulsões e do ego em relação à consciência moral. No contexto da sociedade de massa, a mediação entre o indivíduo e a cultura que era realizada pela família passa a ser realizada mais diretamente pela indústria cultural, o que implica num prejuízo para a formação e autonomia individuais.

O tema da família e sua influência determinante para o fortalecimento da superestrutura já havia levado o Instituto a realizar um estudo anterior com a colaboração de Erich Fromm, o *Studien über Autorität und die Familie*, de 1936, que também foi um trabalho que contou com uma pesquisa empírica. A participação de Fromm, nesse período em que ele ainda não havia rompido as relações com o Instituto, foi essencial, pois o autor já utilizava a noção freudiana de caráter e buscava compreender a correlação entre caráter, dominação e opção política. Como explica Rouanet (1989), a tipologia de Fromm não havia considerado os tipos intermediários como Adorno havia logrado alguns anos mais tarde. A tipologia de Fromm nos anos 1930 contava com três tipos: o autoritário, o revolucionário e o ambivalente. Em termos gerais, podemos afirmar que tanto a análise dos tipos de caráter quanto a do papel de mediação da família ganham novos contornos devido ao próprio desenvolvimento e transformação do sistema capitalista que os frankfurtianos observam e que aparecem em seus trabalhos nas décadas de 1940 e 1950. Na essência, o interesse principal era compreender a força da ideologia, mas se no primeiro momento, a aproximação entre materialismo histórico e psicanálise tentava compreender o motivo da classe operária ser

mobilizada na direção oposta aos seus interesses objetivos, no momento posterior, décadas de 1940 e 1950, a intenção era entender o fenômeno que fazia com que a maioria da população nos países em franco desenvolvimento pensasse e agisse de acordo com o sistema que a oprime.

Algumas considerações importantes devem ser feitas a esse respeito. A primeira delas é que quando vinculamos *The Authoritarian Personality* ao estudo anterior realizado em *Studien uber Autoritaet und die Familie*, fazemos isso porque em ambos há o tema central da articulação entre caráter (personalidade) e ideologia. E quando são destacados certos elementos que apontam para uma continuidade, é preciso reconhecer que se por um lado percebemos um avanço no segundo trabalho ele ocorre não apenas por ocasião de um alargamento na compreensão das transformações que a produção da individualidade sofre no capitalismo e por causa do aperfeiçoamento das técnicas de pesquisa empírica. Mas a pesquisa avança alicerçada na apropriação que Fromm havia realizado do conceito de caráter²⁷ e na percepção que Horkheimer já apresentava sobre a mudança do papel da família no tocante à adaptação social do indivíduo. De modo que o retrato da sociedade de massa realizado por Horkheimer e Adorno na década de 1940 pode ser comparado com aquela colaboração anterior com Fromm, no que diz respeito à abrangência do tema do funcionamento da ideologia e por causa do interesse pelo fator subjetivo. Contudo, um segundo aspecto que traz uma implicação adicional para o estudo da ideologia se refere ao contexto da investigação da personalidade autoritária, que trouxe a emergência de estudar o antissemitismo e a sua expressão não apenas na Alemanha nazista, de onde muitos pesquisadores do estudo tiveram de sair, mas no próprio exílio norte-americano.

O fascismo é essencialmente a manipulação da pulsão erótica e da pulsão agressiva do indivíduo, enquanto a primeira que é agregadora serve para realizar a identificação com o grupo e com o líder, a segunda, por sua força desagregadora, condizente com os interesses do fascismo, convoca o indivíduo a destruir não apenas o inimigo do out-group, mas trata-se de

²⁷ De acordo com a explicação de Rouanet (1989), a concepção de caráter de Fromm vai além da noção freudiana, segundo a qual o caráter “dependia das vicissitudes da história individual”. Para os freudo-marxistas, Reich e Fromm, a história individual só poderia ser compreendida em sua relação com o contexto social, assim, os dois autores utilizam a ideia da determinação social do caráter. Para Fromm: “Cada época suscita o tipo de caráter de que necessita. Fromm chama esse caráter-tipo de *caráter social*. O caráter social é a soma dos traços comuns a todos os indivíduos que estão inseridos na mesma situação social, e na mesma condição de classe. Constitui um padrão normativo, em função do qual o processo de socialização modela as personalidades individuais” (Rouanet, 1989, p. 54).

uma destrutividade cuja meta é “vaga e indeterminada”, ela se direciona ao “mundo exterior e a si próprio” (Fromm, 2017, p. 86).

Nesse entendimento, o que o fascismo realiza com êxito é a utilização da pulsão destrutiva. Ele se utiliza dessa patologia social, dessa incompreensão da realidade por parte dos indivíduos, impossibilitados de perceberem o mundo em sua complexidade, isto é, na interação com a alteridade e no confronto e junção de suas diversas experiências. Ao invés disso, ele o percebe de modo projetivo e repetitivo, o que produz um bloqueio ao acesso da realidade social e econômica e das suas contradições.

A propósito, a resistência do indivíduo é neutralizada uma vez que ele desconhece a realidade social e econômica em que está inserido, é preciso uma apreciação crítica e negativa sobre a cultura para que exista a possibilidade de resistência, de rebelião e confronto. No entanto, mesmo diante de condições cada vez mais miseráveis de existência que a técnica impõe aos indivíduos, sobrevive o fetichismo em relação aos benefícios materiais que a cultura contemporânea lhes oferece. Como sublinham Adorno e Horkheimer (1985), os sentidos das pessoas já se habituaram ao ritmo da produção e ao sofrimento cotidiano, eles são movidos mais seguramente pelo medo do não pertencimento e pela ameaça de exclusão social do que pela rebeldia. E nisso, cumpre sua função a pulsão de autoconservação, o ser humano faz sacrifícios em nome de sua sobrevivência, para Freud (2010b) a civilização só foi possível porque o desdobramento da rebelião original conteve todas as outras rebeliões possíveis. Conforme foi demonstrado quando o autor fez uso do mito da horda primitiva, diante da tirania do pai, os filhos o assassinaram, logo em seguida o devoraram e introduziram aquele crime na forma de culpa e normas sociais. Essa coletividade, se distingue daquela que é central no pensamento de Marx, o proletariado, aquela que seria responsável de romper com a tirania e o monopólio do poder e da força, estabelecendo uma outra ordem. Mas foi exatamente a força do conteúdo interiorizado que se transformou em obstáculo para a revolução proletária, que se concretizou até certo ponto no século XX, com algumas experiências socialistas, mas que não se universalizou. Ao invés disso, o que se tornou regra foi o isolamento do indivíduo, o que fez com que correntes marxistas como os frankfurtianos se dedicassem a compreender com certa urgência, não as diferenciações entre as classes sociais, mas sim a sociedade de massas e o processo de unidimensionalização da consciência.

Nessa perspectiva, caberia reconhecer um movimento de regressão tanto do indivíduo quanto da sociedade. A transformação social que era esperada segundo a teoria de Marx, no

sentido mesmo de uma mudança radical, que levaria da exploração de uma maioria pela minoria para a inexistência das classes sociais, não se concretizou. No processo dialético do Esclarecimento, o domínio e a tirania da minoria tiveram continuidade, de tal modo que o processo de socialização retrocedeu para a sua origem, a horda despótica do pai. O medo mediado faz com que o indivíduo desfigurado se sinta tão desamparado quanto uma criança e que a civilização se organize de tal modo que parece não haver nenhuma segurança e garantia, como se a humanidade não pudesse dispor de todos os benefícios oferecidos por tamanho progresso científico. Como salienta Marcuse, numa sociedade dominada pela racionalidade tecnológica: “A própria tecnologia pode promover o autoritarismo e também a liberdade, a escassez e a abundância, a expansão e a abolição do trabalho árduo” (Marcuse, 2001, p. 54).

Além disso, faz parecer que todo progresso não foi realizado por esses mesmos sujeitos que se sentem tão impotentes e frágeis. O que é parte do processo de alienação, como observa Fromm, as coisas que o sujeito produz

[...] são as mais grandiosas e maravilhosas; mas as suas próprias criaturas lhes são estranhas e ameaçadoras; elas são produzidas, mas o homem não se sente mais como o senhor delas, mas como seu servo. Todo o mundo material se torna o monstro de uma gigantesca máquina que dita a direção e o ritmo da vida humana. A partir do trabalho de suas mãos, decerto com o intuito de servi-lo e torná-lo feliz, surge um mundo estranho ao homem, ao qual ele obedece de modo submisso e impotente (Fromm, 2017, p. 69).

Esse medo se equipara a um medo primitivo, como se as pessoas não estivessem diante da segurança e dos benefícios da vida moderna. Como observa Freitas (2010), para Adorno e Horkheimer na *Dialética do Esclarecimento* o medo, *angst*,

se mostra um índice do poder de alienação coletivo consubstanciado como princípio de adequação do indivíduo a uma totalidade a que se deve conformar e dela retirar suas forças para perseverar na existência (Freitas, 2010, p. 128).

A *Dialética do Esclarecimento* aponta para uma identificação crescente dos indivíduos com o *status quo*, que também aparece em *Estudos sobre a personalidade autoritária*, com uma certa nuance em cada personalidade, na medida em que os tipos classificados pelos autores demonstram uma diferença no que diz respeito a sua constituição psíquica, derivada de processos distintos de interiorização da cultura, o que condiciona, portanto, sua forma de perceber a realidade e sua peculiaridade na recepção da ideologia. A propósito, os indivíduos que pontuam mais baixo entre os altos pontuadores e os que pontuam mais baixo entre os

baixos pontuadores²⁸, revelam uma coerência maior no sentido de demonstrarem uma percepção mais racional da realidade em conexão com seus valores, opiniões e atitudes. Apoiados nessa classificação, é possível inferir que somente uma parcela pequena da população apresenta uma constituição psíquica capaz de penetrar a realidade social e econômica, que está encoberta pela falsidade que se tornou a sociedade totalitária.

2.3. Uma patologia social

A análise do clima cultural geral dos Estados Unidos demonstra que ele é marcado por uma patologia social, um delírio individual e coletivo, em que as pessoas estão condicionadas a ver o mundo de modo projetivo e o que elas projetam é a indiferenciação que é marca da sociedade de massas. Conforme a descrição feita na *Dialética do Esclarecimento*, as pessoas pensam em blocos, como no sistema eleitoral norte americano à época, no qual as pessoas elegem o ticket, a opção por um candidato significa a opção por todos os outros que estão nessa mesma lista. O que significa que a relação dos indivíduos com o mundo e com as outras pessoas deve caber numa lista muito limitada de referências pré-estabelecidas, não sobrando espaço para a alteridade e para a experiência. O que não couber dentro de suas medidas e referências é ameaçador e deve desaparecer.

Escolher o *ticket* significa adaptar-se a aparência, petrificada em realidade: significa a identificação integral com o poder. Sociologicamente a mentalidade de ticket corresponde à fase do capitalismo monopolista, que expropriou o indivíduo, engendrando, no plano epistemológico uma forma de conhecimento que exclui a individualização e prescreve a diferença (Rouanet, 1989, p. 191).

Essa forma de dominar a realidade e os objetos corresponde também ao comportamento regredido, dos povos primitivos, da criança e do neurótico, ambos ordenam o mundo estranho de acordo com seu arsenal limitado de regras, seja pelo desconhecimento ou pelo afastamento da realidade. O medo do desconhecido os impele ao controle. Essa associação entre esses três grupos é utilizada por Freud (2021) em sua análise da psicologia de massa para fazer referência ao comportamento regredido e irracional que o indivíduo adota

²⁸ Eis os 11 tipos de personalidades classificadas segundo o estudo: os altos pontuadores são definidos assim: 1. Ressentimento superficial. 2. A síndrome “convencional”. 3. A síndrome autoritária. 4. O rebelde e o psicopata. 5. O alucinado. 6. O tipo “manipulador”. Por sua vez, os baixos pontuadores são definidos como: 1. O baixo pontuador “rígido”. 2. O baixo pontuador “manifestante”. 3. O baixo pontuador “impulsivo”. 4. O baixo pontuador “tranquilo”. 5. O liberal genuíno. Nos altos pontuadores a racionalidade vai se dissipando em direção ao número 6. Nos baixos pontuadores a relação é inversa, pois a racionalidade vai diminuindo do número 5 ao 1.

quando se une ao grupo. E pode ser utilizada também para pensar a psicologia individual que como afirma o autor são indissociáveis. A esse respeito, Fromm (2017) parte do comportamento neurótico para explicar certos comportamentos do indivíduo, cuja impotência deriva da falta de conhecimento das leis econômicas e políticas que regulam a sociedade. O autor utiliza a patologia para reconhecer certos padrões do indivíduo com comportamento normal, mas que é forçado à resposta patológica no contexto de uma sociedade irracional. O neurótico e o indivíduo sadio da época contemporânea experimentam o mesmo sentimento de impotência, o neurótico se sente impotente por sua condição patológica, o indivíduo retratado por Fromm não reconhece a sua impotência mas age irracionalmente impulsionado por ela.

Assim como o neurótico, o indivíduo impotente recorre a vários “mecanismos de compensação” de sua debilidade. No entreguerras temos a adesão aos regimes totalitários e como aponta Fromm a atitude compensatória daqueles que aderiram ao nazismo foi marcada pelo recurso às ideias mágicas e fantásticas, na ilusão de que alguém ou algo grandioso iria solucionar os problemas da nação. Existia a “crença no tempo” ou em alguém “predestinado”, mas como não havia mais o interesse de saber o que deveria ser mudado, apenas persistiu a ideia de que era necessária a mudança a qualquer custo.

E esse ponto é problemático porque a falta de entendimento sobre a realidade objetiva traz a raiva, como explica Fromm (2017) e com ela a angústia²⁹:

A consequência mais importante e mais geral do sentimento de impotência é a raiva, mas uma raiva marcada pela sua impotência. Sua meta não é, como em outros tipos de raiva, a destruição ativa e consciente do seu inimigo, mas ela é muito mais vaga e indeterminada, e também é direcionada de modo muito mais destrutivo contra o mundo exterior e contra si próprio. Nas crianças, isso se expressa com frequência no espremer; nos adultos, no choro, mas também às vezes em um acesso de raiva, à qual falta toda orientação à meta e falta relação com a ação. De fato, a raiva impotente normalmente não é consciente. Ela é frequentemente expressa pelo comportamento inconformado e insolente, dito de outro modo, substituída por ele (Fromm, 2017, p. 86).

O indivíduo tende a projetar o seu descontentamento e seu inconformismo para fora, aquilo que ele não resolve internamente, trata de ser organizado fora dele. Desse modo, é construída a ideia de um “predestinado” para trazer a mudança, não importa mais o que

²⁹ Nesse ponto, cabe salientar uma consideração sobre a angústia na psicanálise, a partir da interpretação de Newmann, que apresenta uma distinção entre a angústia real e a angústia neurótica: “A primeira – a angústia real – aparece então como uma reação a situações de perigo concreto; a outra – a angústia neurótica – é produzida pelo Eu de maneira a evitar de antemão até mesmo a mais remota ameaça de perigo. A angústia real é então produzida pela ameaça de um objeto externo; a angústia neurótica, por outro lado, é produzida a partir de dentro, pelo Eu – entretanto, deve ficar claro que ela também pode ter uma base real” (NEWMANN, 2017, p. 114).

precisa ser mudado, mas algo deve mudar, além disso, ele encontra algo para odiar, contudo, isso dispensa qualquer reflexão acerca do objeto odiado. A única orientação para o objeto do ódio é que ele pertença ao ticket. Nessa atitude compensatória e projetiva o que é amado e odiado tem que estar a serviço do indivíduo. Ele ama as perfeições do líder, aquelas que não encontra no próprio eu, e odeia no in-group aquilo que lhe é “estranho e familiar”. Como afirmam Adorno e Horkheimer (1985, p. 157) a respeito do indivíduo desfigurado: “Ele não parece precisar de ninguém e, no entanto, exige que todos se ponham a seu serviço”

Nessa perspectiva, Simmel (2020) também se pergunta que comportamento é esse observado no indivíduo capaz de impulsionar sua adesão ao movimento de massa fascista, movimento marcado por ideias delirantes. Ele denomina esse delírio fascista como uma “patologia do ódio”, um sentimento mórbido. Não é uma neurose, já que os neuróticos não formam grupo e o indivíduo antissemita de maneira geral está bem adaptado à realidade, ele é funcional dentro da organização social. O adepto do fascismo não é um antissocial, pelo contrário, o que existe é uma “inflação do eu”, um ganho narcísico mediante o pertencimento à comunidade fascista, ao in-group que simboliza a superioridade. Simmel está de acordo com a ideia de que o processo civilizatório produz o antissemitismo, baseado na afirmação freudiana segundo a qual o desenvolvimento do indivíduo ocorre entrelaçado ao desenvolvimento coletivo, afirma que o antissemitismo é uma forma de regressão para o estágio anterior do desenvolvimento do caráter humano, correspondente a infância do indivíduo e às origens da vida civilizada. Ele é principalmente o resultado de um distúrbio na interação entre o indivíduo e a civilização. A regressão conduz o indivíduo ao estágio primordial do desenvolvimento do eu quando o ódio governava suas relações ambientais. Por isso, ele considera o antissemitismo uma patologia do ódio.

Na apreciação de Simmel tal patologia se aproxima mais da psicose, uma forma paranoica de esquizofrenia. Interessado em estudar as manifestações que eram comuns tanto na psicose individual quanto na psicose coletiva ele chegou a essa dupla: sintoma do delírio e fenômeno da descarga irrestrita de agressões destrutivas. Para se defender da objeção, já observada por ele, de que o sujeito médio antissemita era bem adaptado à realidade, indicou o fato de que o delírio é um fenômeno característico do indivíduo quando está integrado ao grupo. Ademais, podemos considerar que o indivíduo que está bem adaptado perde um fragmento da realidade quando não conhece todas as leis que regem a dominação política, econômica e social. Em certo sentido, há uma ruptura, que gera um conflito, visto que o próprio ego está rompido e com ele a possibilidade de perceber a realidade. Ele é consumido

pela destrutividade cega quando certos aspectos da realidade fogem ao limitado alcance de sua percepção.

Na psicose, a impossibilidade de lidar com a realidade conduz à regressão a um estágio anterior à constituição do eu:

Uma psicose é especificamente precipitada por uma *ruptura* do eu *com a realidade*. A vida se tornou insuportável, porque apresenta ao eu conflitos que ele é incapaz de resolver. Uma ruptura com a realidade significa que o indivíduo retira seus investimentos pulsionais dos objetos de seu mundo atual e permite que seu eu fuja da realidade, regredindo emocionalmente a uma fase anterior de sua infância, o estágio do amor narcísico. Assim, o psicótico deixa de amar o objeto e ama apenas a si mesmo. A libido objetual se transforma em libido do eu narcísico. Essa superabundância de amor próprio narcisista explica a atitude megalomaniaca do psicótico, pela qual ele é capaz de negar o fato de ter sido derrotado na luta com a realidade.

O eu pré-mórbido do psicótico, em sua tendência à regressão, não para nesta fase do narcisismo, que chamamos de narcisismo secundário. É impelido a regredir mais profundamente, ao estágio do narcisismo primário, no qual é governado por sua pulsão destrutiva de autoconservação (Simmel, 2020, p. 5).

Como aponta Simmel, o antissemita não é um psicótico, ele perde certas características que atestam a normalidade quando entra nesse delírio de massa. Mas sabemos que, de acordo com a psicanálise, o processo de desenvolvimento social e do indivíduo estão interligados, e, convém salientar, como afirma Freud (2021), que as características do indivíduo na massa não são inteiramente novas. O comportamento do indivíduo moderno já é marcado pela regressão: “Na estrutura de nossa “civilização industrial padronizada”, o trabalho em si está perdendo seu objetivo principal de manter o contato do indivíduo com a realidade” (Simmel, 2020, p. 5).

Como afirma Adorno (2022), em *O Que significa elaborar o passado*, a sociedade industrial não necessita mais da experiência acumulada e ao indivíduo que precisa sobreviver não resta outra opção que não seja se adaptar ao existente. De tal maneira que as condições objetivas predis põem as pessoas ao antissemitismo, uma vez que a inaptidão à experiência não permite que elas enxerguem os judeus como eles são e que qualquer forma de alteridade pode ser eleita como um inimigo. Na mesma direção, o autor apresenta “a hipótese de que o preconceito de acordo com seu conteúdo intrínseco, não é relacionado senão superficialmente, talvez nem isso, com a natureza específica de seu objeto” (Adorno, 2019, p. 254). E afirma que tal hipótese, além de relacionar-se com a incapacidade de se ter experiência, se relaciona com a estereotipia, a projetividade e as fantasias de poder. Em síntese, o modo de produção industrial coincide com a constituição de um indivíduo privado de sua subjetividade.

A relação do indivíduo privado de sua subjetividade com os objetos do conhecimento é marcada pelo obscurantismo. O processo de socialização violento e totalitário faz com que o indivíduo se relacione com os objetos que conhece da mesma maneira. Assim, “a racionalidade ligada à dominação está ela própria na base do sofrimento. Na medida em que agredem cegamente e cegamente se defendem, perseguidores e vítimas pertencem ao mesmo circuito funesto” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 141). A paralisia da reflexão convida à mobilização da pulsão agressiva, o que pode resultar numa violência irrefreável.

O antissemitismo é um esquema profundamente arraigado, um ritual de civilização, e os *progroms*, são os verdadeiros assassinatos rituais. Neles fica demonstrada a impotência daquilo que poderia refreá-lo, a impotência da reflexão, da significação e, por fim, da verdade. O passatempo pueril do homicídio é uma confirmação da vida estúpida a que as pessoas se conformam (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 141-142).

2.4. A mentalidade antissemita

A partir da análise da estrutura de pensamento do antissemita extremo foi possível chegar a certas características do preconceito contra o judeu no caso norte-americano. O ponto de partida para compreender o antissemitismo é o que Adorno (2019) chama de caráter “funcional”, isto é, o antissemitismo não depende tanto da natureza do objeto, mas sim das necessidades psicológicas do sujeito preconceituoso. O preconceito está relacionado com a frustração e a repressão social, mas o que observamos é um desvio para um objeto que, não por acaso, é uma minoria social e cumpre um papel importante na economia psíquica do indivíduo que sente uma insegurança econômica e social.

Nessa direção, Adorno (2019) aponta para a “teoria da orientação”, posto que a mentalidade antissemita dirige o indivíduo através das lentes da estereotipia, adequadas para oferecer uma orientação “sem esforço em um mundo frio, alienado e em grande parte incompreensível” (Adorno, 2019, p. 246). Assim, como uma forma de orientação num mundo estranho, categorias clínicas como a estereotipia, a inaptidão para a experiência, a projetividade e as fantasias de poder, que integram o sistema de pensamento do indivíduo potencialmente fascista, confirmam o seu estado paranoico. Já que a realidade não tem papel determinante na formação de seus pensamentos, até mesmo naqueles casos em que o entrevistado teve experiências com os judeus, experiências que poderiam se opor ao pensamento estereotipado, ainda prevalece a onipotência do sistema de pensamento

preconceituoso. Com o avanço da pesquisa, se tornou possível observar e confirmar que os mais altos pontuadores demonstram a mais intensa ruptura com a realidade.

A propriedade lógica dos estereótipos, isto é, sua abrangência total que não permite desvios, não só é bem adaptada para atender a certos requisitos da perspectiva preconceituosa; ela é, por si só, uma expressão de um traço psicológico que provavelmente só poderia ser plenamente entendido em conexão com a teoria da “paranoia” e do “sistema” paranoico que sempre tende a incluir tudo, a não tolerar nada que não possa ser identificado pela fórmula do sujeito. A pessoa extremamente preconceituosa tende ao “totalitarismo psicológico”, algo que parece ser quase uma imagem microcósmica do estado totalitário ao qual ela visa (Adorno, 2019, p. 294).

Na mesma direção, Adorno e Horkheimer (1985) sinalizam que não há espaço para a contradição, o que não se submete deve desaparecer. A sociedade totalitária e o indivíduo direcionado por um sistema de pensamento totalitário não realizam qualquer inflexão diante das provas da realidade, porque a diferença tem apenas um sentido - a ameaça. Como explica Adorno, na psicanálise os sintomas cumprem uma função específica na economia psicológica do indivíduo, devem ser considerados, geralmente, “como satisfações substitutivas de desejos de, ou como defesas contra, anseios [*urges*] reprimidos” (Adorno, 2019, p. 264). O judeu oferece ao sujeito preconceituoso um ponto fixo para a tentativa de dissolução de tensões e conflitos que são sobretudo psicológicos. Se a realidade apresentar um desafio ou um desvio que comprometa o domínio do objeto, isso não vai aproximar o sujeito dele, pelo contrário, cada traço da realidade que não se inclui no seu sistema predeterminado traz ainda mais conflito para ele e torna o objeto mais assustador e ameaçador, o inquietante para Freud (2010a). Algo que repele pela estranheza e que é demasiado familiar, um conteúdo recalcado. No caso do judeu, como apontam Adorno e Horkheimer, a estranheza evoca as promessas que a civilização não foi capaz de cumprir - os desejos dos dominados - “os traços da felicidade sem poder, da remuneração sem trabalho, da pátria sem fronteira, da religião sem mito” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 164).

Algumas ideias persistentes dos entrevistados sobre os judeus dão consistência ao mecanismo projetivo com vistas a solucionar o conflito psicológico expresso pela ambivalência do estranho familiar. A incompreensão diante de um objeto que repele porque assusta, mas oculta algo familiar, sobrevém na forma de agressividade. Uma ideia persistente sobre o judeu diz respeito a sua influência e dominação. A entrevistada identificada como 5061a, que pontua alto na escala do etnocentrismo, afirma: “Os judeus estão praticamente tomando conta do país. Eles estão em tudo. Não é que eles sejam inteligentes, mas eles trabalham muito duro para obter o controle” (Adorno, 2019, p. 256). Nesse ponto, Adorno

sublinha o processo projetivo em que a ideia do judeu “todo-poderoso” vem acompanhada de um certo revanchismo. Que fica explícito quando a mulher diz que esse problema dos judeus deverá ser enfrentado em algum momento e ainda cita o marido que vai mais longe do que ela, visto que ele considera que Hitler fez um bom trabalho com os judeus. Ela tem uma restrição moral em concordar nesse ponto com o marido, mas eles estão de acordo com a questão do enfrentamento do “problema” judeu. Quer dizer, a estereotipia distorce a realidade e o conflito interno é empurrado para o objeto. Inclusive, essa estratégia de culpabilizar a vítima também é apontada como uma das ideias preconcebidas persistentes sobre o judeu, acompanhada de julgamentos como “eles mereceram”, “eles provocaram isso” ou “alguma coisa eles fizeram”.

Os esforços e táticas irracionais para dominar a realidade são variados, porém, em alguns casos, certos fragmentos da realidade ajudam a compor as imagens produzidas pela mentalidade do preconceituoso. Como sugere o estudo, esse é o caso quando a onipresença desloca a onipotência, de fato a imagem de que os judeus estão em todo lugar supera algumas vezes aquela do poder judaico. Quando não é possível apelar para a ideia de que os judeus detêm o poder econômico é preciso buscar outra solução para projetar as fantasias de dominação, assim parece mais viável afirmar que eles estão ocupando demasiado espaço no país. Subjacente a essa ideia temos o próprio desejo do indivíduo potencialmente fascista em ter um país só para o in-group, sem estrangeiros, sem nenhuma pessoa que carregue consigo os símbolos da diferença. A entrevista de 6070, uma mulher de 40 anos, é carregada de sentimentos ambivalentes e projetivos, ela trata a questão da imigração como um problema, afirma que há intervenção demais dos judeus no governo de Roosevelt e confessa que é a favor de uma discriminação legislativa. E acrescenta que negou apoio a um músico que queria trazer sua família para o país.

Nas narrativas sobre os imigrantes, é possível observar uma inversão pela qual a pessoa forçada a sair do seu país, além de ser percebida como intrusa e indesejada, passa a preencher qualquer lacuna para a compreensão dos problemas objetivos que existem no país. Então, recai sobre os judeus as mais diversas acusações - se intrometem na política, são responsáveis pelo desemprego e pelas desordens sociais que existem no país. Diante disso, nenhuma solução parece mais eficaz do que a antidemocrática, isto é, proibir a sua participação na organização social e no caso mais extremo a saída exige o fim de sua existência, conforme a necessidade de dominar, de excluir e de exterminar. Tal inversão busca encobrir aquilo que é irracional com uma fachada:

A ideia explicativa de que os “judeus trouxeram isso para si mesmos” é usada como uma racionalização para desejos destrutivos que de outra forma não seriam autorizados a passar pela censura do eu (Adorno, 2019, p. 292).

Na pessoa extremamente preconceituosa, se observa uma reprodução crescente do ódio, que se relaciona, como foi discutido anteriormente, muito mais com as suas necessidades psicológicas do que com o objeto do ódio em si. O sentimento de ódio que se manifesta pela hostilidade, quando elevado, chega a solução extrema para o referido “problema”, ou seja, o extermínio - o desejo de matar. Nesse estágio, as exigências pulsionais demonstram uma força maior em direção ao eu, ao ponto de conseguir silenciá-lo. Ademais, o id obtém a guarnição do superego, que segundo Adorno (2019) se encontra “expropriado” pelo moralismo punitivo do antissemita. Estamos diante de mais um fenômeno de racionalização, “a ideia da eterna culpa judaica pode ser entendida como uma projeção dos sentimentos de culpa reprimidos da própria pessoa preconceituosa” (Adorno, 2019, p. 295).

Essa lógica do funcionamento dos altos pontuadores é importante para analisar a suscetibilidade do fascista em potencial diante do apelo da propaganda antidemocrática. Para além das necessidades psicológicas que são mais comuns e persistentes nos indivíduos que pontuam alto nas escalas E, AS e F, o estudo da personalidade autoritária se dedica a compreender o seguinte: embora seja observada a correlação entre as três escalas, existe um fator determinante que é responsável pela menor correlação das três escalas com a escala PEC. O fator apresentado no estudo, responsável por causar um “embaçamento” na distinção entre altos e baixos pontuadores, é o clima cultural geral. É primordial, nesse sentido, ter em vista as características da constituição da individualidade na contemporaneidade, posto que ela é marcada profundamente pela influência dos meios de comunicação.

Se nosso clima cultural geral foi padronizado sob o impacto do controle social e da concentração tecnológica em uma extensão nunca antes conhecida, podemos esperar que os hábitos de pensamento dos indivíduos reflitam essa padronização, assim como ocorre com a dinâmica de suas próprias personalidades (Adorno, 2019, p. 339).

Mediante tal constatação, a pesquisa se dedica à seguinte questão: será que o padrão ideológico geral não constitui um elemento mais decisivo do que a própria suscetibilidade do alto pontuador no caso da ressurgência de um movimento antidemocrático na América do Norte? A definição de personalidade utilizada no trabalho remete a forma peculiar com que cada indivíduo internaliza a cultura e se posiciona com suas forças diante dos imperativos dessa mesma cultura no decorrer de sua vida. Entretanto, se falamos de uma cultura cujo

fundamento é a violência física, o esperado seria que as forças individuais atuassem no sentido de resistir e se opor a essa cultura. Mas o indivíduo não nega a cultura, ele é forçado ao conformismo em nome de sua autoconservação, característica da semiformação. O que não significa que a força individual seja desconsiderada nos processos históricos, mas, como afirmam Adorno e Horkheimer (1985), demonstra que a cultura opera de tal maneira que passa a controlar o indivíduo a partir de seu interior, assim, obtém o poder sobre o seu aparelho psíquico e sobre as suas pulsões. A cultura de massa, na análise dos autores, é decisiva para a neutralização das forças de resistência do indivíduo. De acordo com essa visão, haveria na sociedade estadunidense uma forma de controle social responsável por manipular as tendências destrutivas nos indivíduos e que representa um perigo para a democracia. Horkheimer demonstrava a sua preocupação nesse sentido, quando estava envolvido simultaneamente com o estudo teórico que daria origem à *Dialética do Esclarecimento* e com a pesquisa empírica da personalidade autoritária. Na visão do autor, o antissemitismo, apesar de permanecer oculto pelas condições de guerra e da oposição a Hitler, era ainda mais acentuado na democracia norte-americana do que na Alemanha antes do Terceiro Reich, nesses termos:

[...] se a minoria anti-semita alemã tinha sabido levar, em poucos anos, seu anti-semitismo declarado até o genocídio industrializado, não se deveria esperar um fenômeno análogo nos Estados Unidos? Com suas estruturas capitalistas muito mais desenvolvidas, que nenhum movimento operário de inspiração socialista vinha questionar, com sua indústria cultural muito mais extensa e frustrante, com seu etnocentrismo mais marcado e sua história colocada sob o signo de uma franca violência, era de temer que um anti-semitismo potencial bem mais vasto e agressivo, já presentes em condições políticas e econômicas bem menos críticas do que na Alemanha, passasse a ser um anti-semitismo declarado e violento (Wiggershaus, 2002, p. 398).

Como explica Wiggershaus (2002), essas questões não foram aprofundadas em *Estudos sobre a personalidade autoritária*, até mesmo pelo fato de que o abrigo norte americano limitava aos exilados a abordagem de determinadas questões e a pesquisa num certo sentido ficou circunscrita no que diz respeito a utilização do referencial do materialismo histórico. Ainda assim, a análise do antissemitismo e do fascismo evidenciava o papel da cultura nas determinações ideológicas. Não seria possível dissociar essas duas temáticas do modo de produção capitalista e da realidade objetiva da sociedade de massa.

Nesses termos, a escala PEC direciona o estudo para uma outra determinante, além da personalidade, como afirma Adorno: “a personalidade se desenvolve sob o impacto do ambiente social e nunca deve ser isolada da totalidade social dentro da qual ela existe”

(Adorno, 2019, p. 80). Desse modo, a distinção entre altos e baixos pontuadores deve ser pensada em conexão com o clima cultural geral. Mas, afinal, o que a análise dos questionários da PEC e as entrevistas revelam em relação a padronização efetuada a partir dos meios de comunicação de massa? Ele revela, em primeiro plano, a ignorância e a confusão generalizada dos indivíduos entrevistados em assuntos políticos. Adorno afirma que mesmo essa generalização não neutraliza o problema da suscetibilidade à propaganda fascista, tendo em vista que entre os altos pontuadores a confusão e a ignorância é mais difundida. O que está relacionado à atitude “anti-intelectual” desse grupo.

2.5. O clima cultural geral: ignorância e confusão

A ignorância e o desinteresse em se aprofundar nas questões políticas e econômicas proporciona um espaço privilegiado para a ação de líderes fascistas:

Todos os movimentos fascistas modernos, incluindo as práticas dos demagogos americanos contemporâneos, visaram aos ignorantes; eles conscientemente manipularam os fatos de uma maneira que só poderia ser bem-sucedida com aqueles que não estavam familiarizados com os fatos (Adorno, 2019, p. 345).

A propósito, conforme a análise de Adorno (2015), o apelo dos demagogos, assim como o dos líderes fascistas, se dirige sobretudo às necessidades psicológicas do indivíduo. Em primeiro lugar, mesmo diante de sua necessidade material ou de uma crise econômica, a confusão e a ignorância sobre assuntos econômicos e políticos faz com as pessoas desconheçam as reais contradições sociais. Em segundo lugar, como não há interesse por parte das lideranças fascistas em abordar e solucionar os problemas sociais que atingem a população, quando manipulam os fatos, eles agem no sentido de mobilizar a agressividade da população - não contra a ordem vigente - mas contra as instituições e indivíduos que se apresentam como obstáculo para o projeto de dominação.

Nessa perspectiva, recordamos as três características da abordagem predominantemente psicológica que os demagogos norte-americanos utilizam:

1. Trata-se de uma propaganda *personalizada*, essencialmente não objetiva.
2. Todos esses demagogos substituem os fins pelos meios.

3. Dado que toda a ênfase dessa propaganda é promover os meios, ela mesma se torna o conteúdo último (Adorno, 2015)³⁰.

Um recurso que é utilizado tanto pelos demagogos quanto pelos líderes fascistas é a personalização, no estudo sobre o agitador Martin Luther Thomas e no trabalho sobre a propaganda fascista, analisado à luz da psicanálise, Adorno (2008a; 2015) explica como é possível conseguir a identificação dos seguidores quando o líder expõe a sua própria personalidade.

A substituição do fim pelos meios é compatível com esse indivíduo da sociedade capitalista avançada que é movido especialmente pela autoconservação. Ele se interessa pouco pelas questões sociais, condicionado pela padronização cultural, nesse sentido, ser “inteligente” significa “cuidar de si mesmo, cuidar de suas vantagens” (Adorno, 2019, p. 353). Longe de lhe trazer segurança e confiança tal imperativo esbarra numa contradição, tudo depende dele, mas ele se sente impotente porque desconhece as leis que regem a sociedade e a sua própria essência como ser humano. Ao indivíduo é atribuída a responsabilidade sobre o seu destino, mas sua natureza e o mundo exterior lhe causam enorme estranheza, a cultura reforça a todo momento as condições para a sua ignorância. O sentimento de impotência, numa situação de alienação do indivíduo, como ocorre na sociedade capitalista, permanece recalcado e conduz a pessoa a uma atitude irracional. O indivíduo não é capaz de obter o controle efetivamente, contudo, ele ainda se esforça para obtê-lo, sem êxito: “O desejo fortalecido por controle e poder é ao mesmo tempo uma reação ao sentimento de impotência e a raiz de seu fortalecimento” (Fromm, 2017, p. 86).

Como afirma Fromm, a consequência mais geral e importante do sentimento de impotência é a raiva:

[...] mas uma raiva marcada pela sua impotência. Sua meta não é, como em outros tipos de raiva, a destruição ativa e consciente do seu inimigo, mas ela é muito mais vaga e indeterminada, e também é direcionada de modo muito mais destrutivo contra o mundo exterior e contra si próprio (Fromm, 2017, p. 86).

Nessa perspectiva, coincide a falta de meta da raiva do indivíduo com a ausência de finalidade do movimento fascista, amalgamados pelo princípio da irracionalidade. Quando surge um movimento que anuncia que grandes coisas estão por vir, que a transformação é

³⁰ As observações contidas no texto *Antissemitismo e propaganda fascista* (2015) baseiam-se em três estudos sobre os agitadores fascistas da Costa Oeste dos Estados Unidos, realizados por Adorno, Leo Lowenthal e Paul W. Massing.

necessária, mas que não explica exatamente a que esse movimento se dedica, qual a sua finalidade, de fato, isso não se torna uma questão crucial para o indivíduo. Pois ele mesmo está desorientado, ele é guiado tão somente pela projetividade de sua raiva e pelas fantasias de poder. Angustiado, ele deseja sobretudo obter o controle, sua angústia o impulsiona, mas ele age cegamente, movido pela pulsão destrutiva. Ele deseja a mudança e só é capaz de persegui-la utilizando meios irracionais.

E, por fim, a terceira característica da abordagem psicológica da propaganda: ela se impõe como o conteúdo último. Ela oferece aos indivíduos o prazer de participar desse movimento sem finalidade objetiva, mas com alguma gratificação pulsional. O indivíduo impotente e desamparado quando passa a integrar a massa, se sente fortalecido. Em resumo, alcança o desejo maior em uma sociedade incompreensível; ter a ilusão de que controla alguma coisa, não importa realmente o que seja. Para o indivíduo, no regime totalitário, dominar tudo pode significar igualmente destruir tudo, a si mesmo, ao outro e a democracia.

A propósito, num certo sentido, expressar a sua opinião se torna uma obrigação na democracia:

É como se a confusão fosse o efeito da ignorância: como se aqueles que não sabem, mas que se sentem de alguma forma obrigados a ter opiniões políticas por causa de uma vaga ideia sobre as exigências da democracia, se servissem de modos de pensar grosseiros e às vezes de um blefe explícito [*fortright bluff*] (Adorno, 2019, p. 347).

A confusão é notável quando a pessoa faz esse esforço para demonstrar que tem uma opinião política e está apta a fazer considerações a esse respeito. Sua intenção entra em choque com a cultura contemporânea, que “bloqueia as ideias críticas” e predispõe o indivíduo a não “querer saber demais” (Adorno, 2019, p. 352), visto que a adaptação requer a identificação com a totalidade social. A hipótese para esse estado generalizado de ignorância e confusão em relação a temas políticos não seria a pura estupidez derivada de uma incapacidade de pensar, mas a estupidez como produto de repressões psicológicas. Ademais, toda formação cultural, desde a família até a escola, trata de desencorajar os indivíduos a raciocinar. Desde cedo, os pais passam ensinamentos para as crianças apoiados na ideia de que elas não podem saber demais, há sempre a suspeita de que é cedo para que elas tenham o devido entendimento para certos assuntos. Depois, a escola evita que o estudante se encaminhe em direção ao pensamento mais “especulativo” ou que não possa ser apresentado em termos de “fatos e números” (Adorno, 2019, p. 353).

Esse desenvolvimento intelectual é produto da formação cultural de uma sociedade totalitária, na qual a atividade de pensamento dispensa a experiência. Dessa forma, no campo político, assim como ocorre nas demais áreas, o indivíduo adulto tem medo de pensar livremente e criticamente. Ele se sente mais protegido ao enquadrar a realidade em fórmulas prontas - como é o caso da estereotipia e da personalização na política. Efetivamente esses pensamentos padronizados são meios de se posicionar frente a realidade, apesar da sua falta de experiência:

O esquema mental concomitante com a ignorância e a confusão pode ser chamado de falta de experiência política, no sentido de que toda a esfera política e econômica está “alheia” ao sujeito, de que ele não a alcança com intervenções, ideias e reações concretas, mas tem que lidar com ela de maneira indireta e alienada (Adorno, 2019, p. 255).

Ainda que o indivíduo não participe das decisões econômicas e políticas, nem compreenda de fato as relações de poder que envolvem essas esferas, ele sente o impacto delas em sua vida. O que Adorno observa nas décadas de 1940 e 1950 é uma angústia crescente nas pessoas. Motivada pelo fato de que elas se formaram dentro de uma cultura que não as encorajou a pensar e que ao mesmo tempo trata de convencê-las de que tudo depende delas. Nessa perspectiva, em uma de suas reflexões a respeito da formação cultural, Adorno sublinha que conforme o ditado “de que tudo depende unicamente das pessoas, atribuem às pessoas tudo o que depende das condições objetivas, de tal modo que as condições existentes permanecem intocadas” (Adorno, 2022, p. 38).

Afirmar que as pessoas podem tudo, quando existe um sistema dominante que se encarrega para que elas permaneçam sem conhecer as leis que regem a organização social é um mecanismo eficiente para torná-las cada vez mais impotentes. Como mencionamos anteriormente, quando abordamos a questão da estereotipia, o indivíduo utiliza técnicas de orientação para se guiar diante de um mundo incompreensível e estranho. E essas técnicas de “orientação na escuridão” cumprem uma dupla função, de acordo com Adorno:

[...] por um lado, fornecem ao indivíduo um tipo de conhecimento, ou substituto para o conhecimento, que lhe tornam possível assumir uma posição que é esperada dele, embora não esteja de fato apto a fazê-lo. Por outro lado, eles por si sós aliviam psicologicamente o sentimento de angústia e incerteza e proporcionam ao indivíduo a ilusão de algum tipo de segurança intelectual, de algo que ele possa se ater, mesmo que perceba, no fundo, a inadequação de suas opiniões (Adorno, 2019, p. 356).

A situação paradoxal e conturbada do indivíduo perante a realidade o encaminha para uma solução igualmente paradoxal - que conjuga estereotipia e personalização. Ele classifica os fenômenos do mundo incompreensível através de “dicotomias rígidas”, tais como, “bom e mau” e “nós e os outros” (Adorno, 2019, p. 356). Ao mesmo tempo que essa classificação aponta para a regressão em direção às fantasias de onipotência da primeira infância, ela também indica o trauma - é o caso do sujeito mau que povoa as fantasias infantis. Como Adorno explica, a estereotipia tem como base a ambiguidade psicológica, dessa forma, a força necessária e restritiva do estereótipo vem acompanhada de uma contratendência. Não é por acaso que a criança “que tem medo do homem mau é ao mesmo tempo tentada a chamar todo estranho de tio” (Adorno, 2019, p. 357). O adulto que sofre o trauma da configuração social violenta do capitalismo realiza o mesmo processo infantil diante do mundo aterrorizante e da alteridade inquietante representada pelos outros seres humanos. Porque a sua ferida oculta que emerge de modo irracional insiste em lhe informar que existe algo assustador em sua adaptação.

O nosso último capítulo se dedica a pensar quais as implicações da análise de Adorno sobre o fascismo para o campo educacional. A pesquisa da personalidade autoritária demonstra que mesmo entre os grupos com maior nível educacional ainda persiste a confusão e a ignorância quando interrogados sobre temas políticos e econômicos. Isso é um indício de que precisamos de uma transformação que vá além das reformas educacionais isoladas, a fim de conseguir solucionar os problemas que envolvem o processo de formação no nosso século, visto que eles estão condicionados ao problema mais amplo da formação cultural. Pois percebemos que as pessoas ainda pensam a partir de categorias rígidas e tendem a incluir a complexidade do real dentro de um sistema de pensamento que está sob o signo da identidade totalitária. Ademais, na atualidade as redes sociais e a internet colaboram para intensificar a padronização das formas de comportamento e pensamento. A educação, nesse sentido, só tem alguma possibilidade de interromper esse ciclo idêntico e repetitivo da sociedade totalitária se realizar a autorreflexão crítica.

A educação ainda ensina os estudantes a terem medo. No que diz respeito a Educação Básica, seu principal objetivo é a adaptação, nesse contexto, as crianças e os adolescentes são condicionados desde cedo pelo imaginário de que a escola é um espaço necessário para que eles consigam adquirir um lugar privilegiado na sociedade. A maioria deles, exceto na primeira infância ou quando trazem relatos desse período escolar, dissocia a escola da inventividade, da independência, da criação e da ideia de um ambiente para ter novas

experiências. De fato, as práticas escolares permanecem muito mais comprometidas com o conformismo e com a adaptação do que com a resistência e a emancipação. É paradoxal para o século XXI que prevaleça nas escolas o imperativo de que as crianças “não devem saber demais”, na sociedade capitalista a educação permanece um meio. Para Adorno, não há possibilidade de a educação realizar nenhuma transformação significativa enquanto não houver a crítica da cultura. Se as instituições de ensino buscam mudanças sem questionar seu lugar dentro do ciclo da barbárie, elas permanecem condicionadas a reproduzir a barbárie, mesmo que manifestem a sua intenção e demonstrem seu empenho em romper com esse ciclo.

3. O SIGNIFICADO DA ANÁLISE DO FASCISMO PARA O CAMPO FORMATIVO

A seguir, nos dedicamos a tratar o tema da formação cultural e sua relação com a barbárie, que se desdobra na discussão de Adorno acerca das possibilidades de superar a barbárie por meio da educação. Para isso, nossa referência principal será a coletânea *Educação e Emancipação* (2022), especificamente, as palestras *Educação após Auschwitz* e *O que significa elaborar o passado*, e o debate *Educação - para quê?*

O capítulo possui quatro partes, na primeira procuramos dar ênfase a questão da heteronomia na sociedade de massas, fenômeno que está relacionado com a crise da família e da formação, visto que o desenvolvimento do capitalismo foi responsável por neutralizar os elementos da socialização familiar e da formação cultural que permitiam a diferenciação do indivíduo e o cultivo do espírito. Na segunda parte, exploramos o vínculo entre narcisismo e totalitarismo. É possível observar que o esforço pela autoconservação força os indivíduos a se identificarem com a dominação, logo, a manipulação pulsional dos indivíduos realizada no desenvolvimento do capitalismo favorece a sobrevivência do fascismo dentro da democracia.

Dedicamos a terceira e a quarta partes para apresentar as considerações de Adorno a respeito da educação contra a barbárie, discutimos primeiramente a abordagem descrita pelo autor como inflexão em direção ao sujeito, baseada no processo de conscientização daqueles mecanismos utilizados para a manipulação do indivíduo, que servem para a reprodução do capital e que podem ser aproveitados pela mobilização fascista das massas. O que o autor nos apresenta é a possibilidade de enfrentamento do fascismo a partir de um processo de fortalecimento do ego, de maneira que as pessoas sejam capazes de autodeterminação, ou seja, de serem guiadas por seu próprio entendimento. Na quarta parte, tratamos da importância da educação política e da liderança democrática, já que no contexto da sociedade de massas a democracia se desenvolve apesar da ausência de pessoas emancipadas, como aponta Adorno (2022). É exatamente essa ausência que faz com que a atuação da liderança e a adesão à propaganda política sejam marcados pela irracionalidade, favorecendo, então, os interesses da minoria.

3.1. A crise da família e da formação

A noção de individualidade burguesa adotada pelos autores da Teoria Crítica pode ser definida de maneira geral pelo poder de autodeterminação que as pessoas possuem dentro de

uma determinada organização social³¹. Contudo, se nas etapas iniciais do capitalismo, a autonomia, a iniciativa e a liberdade ainda eram características desejáveis para uma classe social que estava em fase de consolidação e ascensão, como foi o caso da burguesia, posteriormente, a realidade da sociedade de massa aponta para a constituição de personalidades com características cada vez mais associadas ao conformismo e a submissão, revelando um crescente estado de heteronomia.

De fato, a noção de individualidade se encontra comprometida quando se reforça a todo momento a identificação com a totalidade social opressora em detrimento de outros processos de identificação. O processo de enfraquecimento do ego se configura a partir da diminuição da importância do papel da família como mediadora entre o ser humano e o aparato social. Como sinalizava Freud (2021), a identificação é o vínculo mais arcaico na interação entre as pessoas, é através de sucessivos processos de identificação que o sujeito se diferencia. Na ótica dos frankfurtianos, progressivamente, a família perde o papel central de mediadora entre o indivíduo e a cultura dentro da organização social capitalista. Ao invés da alteridade, elemento constitutivo de um ego desenvolvido, a individualidade é construída através de imagens idênticas na sociedade industrial.

Como explica Jay (1988, p. 36):

[...] a razão instrumental estava intimamente ligada ao princípio de troca, nos termos do qual tudo era reduzido a um equivalente abstrato de tudo, a serviço da troca universal. Ou, para dizer em termos que Adorno empregaria frequentemente, o qualitativamente diferente e não idêntico foi forçado a enquadrar-se no molde da identidade quantitativa. Uma das suas vítimas mais proeminentes foi o indivíduo peculiar, que encontrara seu lugar de direito durante o período heroico de ascensão da burguesia.

Adorno (2022) e Walter Benjamin (1987) discorrem a respeito da pobreza espiritual, que está relacionada à redução da cultura em mercadoria, à incapacidade de realizar experiências num mundo dominado pela técnica e ao desprezo pela tradição, que compromete a continuidade histórica. O idêntico e repetitivo produzido pelas máquinas é replicado na humanidade, a marca do ser humano é a heteronomia. O comportamento é regressivo, pois a pessoa vive de acordo com o instinto de autoconservação. Mesmo diante de uma realidade de abundância, o ser humano vive como se estivesse diante de um cenário catastrófico, nele, predominam os seus interesses pessoais. O estudo da personalidade autoritária traz o diagnóstico desse ser humano que não se diferencia, condicionado pelo medo do não

³¹ Como explica Marcuse (2001, p. 55): “Se tentarmos reunir num único conceito orientador as diferentes tendências religiosas, políticas e econômicas que moldaram a ideia de indivíduo nos séculos XVI e XVII, podemos definir o indivíduo como o sujeito de certos cânones e valores fundamentais que nenhuma autoridade deveria apossar-se. Estes cânones e valores pertenciam às formas de vida social que costumavam ser as mais adequadas para o pleno desenvolvimento das faculdades e capacidades do homem”.

pertencimento, que pensa conforme as dimensões de poder. Ele é marcado por uma atitude e por sentimentos ambivalentes, tem necessidade de submeter-se aos mais poderosos e ao mesmo tempo deseja pisotear os que considera inferiores. Predomina uma forma de pertencimento à coletividade, marcado pela gratificação da libido narcísica. O sinônimo de inteligência é cuidar de si mesmo, de seus próprios interesses. Na análise que faz do texto *Psicologia das massas e análise do Eu*, Adorno (2015) sinaliza que Freud já antevia o fenômeno contemporâneo da sociedade de massa. Que serve igualmente para interpretar a queda da individualidade na sociedade do capitalismo avançado e para pensar essa recusa da alteridade, a incompreensão da própria humanidade, a irracionalidade e a agressividade que marcam o fascismo.

Para os teóricos da Escola de Frankfurt aquela individualidade ao estilo do espírito burguês, aclamada no Esclarecimento e que deveria ser alcançada pelo proletariado a fim de realizar a sua emancipação como classe e, através dela, a da própria humanidade, não é a mesma que vigora no século XX. Logo, ao caracterizar as tendências da personalidade autoritária, presente na sociedade norte americana dos anos 1950 e nos demais países industrializados onde despontava a sociedade de massa, não apenas as possibilidades de concretização daquela individualidade burguesa estavam suspensas, mas a formação dentro da cultura que “a tudo confere um ar de semelhança” regredia. Poucas pessoas do estudo realizado por Adorno e pelo grupo de Berkeley demonstravam possuir em suas personalidades traços marcantes de autonomia. A maioria das pessoas desenvolvia uma espécie de conhecimento do mundo condicionado pelo seu mundo interior, o que dispensa a experiência e se antecipa ou elimina o contato real com os objetos. Os modelos de apreensão da exterioridade já estavam fixados, como fica exposto no conceito de estereotipia.

O sujeito do conhecimento que coincide com a caracterização da personalidade autoritária deseja dominar o objeto, com efeito, a síndrome autoritária é definida em termos de anseio por poder e submissão ao poder. Tal definição está de acordo com o indivíduo semiformado³² ou semicultivado, termo utilizado por Adorno para definir um tipo de desenvolvimento intelectual circunscrito às necessidades de adaptação. Ao invés da formação conservar os dois momentos que lhe são próprios, o momento de adaptação cultural, de

³² O termo alemão *Bildung*, pode ser traduzido para o português como formação, ele carrega duas conotações principais: 1. formar, conformar, configurar, modelar, formar-se; 2. formação espiritual e interna, ser espiritualmente bem formado. Para Adorno, o processo formativo traz consigo tal dualidade, entre a adaptação e a formação espiritual, que comporta a compreensão da realidade e, portanto, a possibilidade de resistência às formas de dominação sociais. A semiformação (*Halbbildung*), entretanto, se restringe ao conformismo e a modelagem das pessoas à totalidade opressora. Ela é a forma predominante de formação da sociedade contemporânea, como a razão instrumental força a integração das pessoas sob pena de exclusão, a semiformação sequestrou o sentido da formação original.

conformismo, e o de contestação, diferenciação, ela reforça principalmente o primeiro momento. A predominância do momento adaptativo coincide com o declínio do indivíduo, pois reflete na perda de sua autonomia. Por seu turno, a crise da formação é compreendida pela Teoria Crítica paralelamente ao processo de neutralização da família enquanto mediadora entre o indivíduo e a cultura, visto que até a fase do capitalismo liberal esta instituição ocupava uma tarefa fundamental ao garantir dentro de seu microcosmo a aceitação da autoridade por parte dos filhos. Como explica Rouanet (1989), a família deveria contribuir na medida em que sua responsabilidade era permitir a produção de “personalidades suficientemente fortes para travar a batalha da competição e suficientemente submissas para aceitar a autoridade, quando inelutável – tal como a autoridade do mercado” (Rouanet, 1989, p. 124). Além de cumprir sua função social, a família oferecia para os indivíduos um espaço diferenciado, de maior liberdade, sobretudo naquele momento em que os filhos passavam a disputar e ocupar um espaço no competitivo mercado de trabalho.

Sob a alçada do peso paterno, os filhos aprendiam a não atribuir a causas sociais os seus fracassos mas a limitar-se às suas próprias causas individuais; e tais fracassos eram absolutizados como culpa ou inferioridade pessoal. Quando a pressão não era demasiado severa e, sobretudo, quando se fazia acompanhar pela doçura materna, desenvolviam-se homens capazes de, quando necessário, procurar os defeitos - mesmo neles próprios; homens que haviam formado; segundo o modelo paterno um espírito de independência, de amor à livre escolha e à disciplina interior; homens que sabiam manifestar e praticar tanto a autoridade como a liberdade (Horkheimer; Adorno, 1973, p. 143-144).

Enquanto foi preservada a função socializadora da família, a identificação com a figura paterna propiciou o fortalecimento do ego e a interioridade da consciência. Sucessivas rupturas na organização familiar produziram o efeito de maior sujeição do indivíduo aos agentes externos com um consequente impacto para o desenvolvimento de sua autonomia. A esse respeito, Lasch (1973) trata da “transferência de funções”, através dela é possível observar a deterioração do cuidado com a criança. Distante da tentativa de reviver a família patriarcal, o autor retoma as origens do processo que transforma a relação entre pais e filhos e vai do rígido controle familiar sobre os filhos até uma espécie de desorientação dos pais na tarefa de educar os filhos e de servir-lhes de modelo. Sua narrativa remonta ao fim do século XVIII, período marcado em algumas sociedades pela segregação das crianças do mundo adulto, seja em decorrência de uma política deliberada ou em circunstância da retirada do lar de diversos processos de trabalho. O fato é que o monopólio da produção pelo sistema industrial tornou o trabalho cada vez menos visível para as crianças. Logo, os pais não traziam mais trabalho para casa e nem ensinavam aos filhos as habilidades relacionadas a ele. O estágio posterior acrescenta ao processo de alienação do trabalho a “socialização das técnicas

de criação dos filhos”, com isso restava pouco espaço para que os pais transmitissem aprendizagens aos filhos, o que afeta a continuidade das gerações da qual depende toda cultura.

Nessa perspectiva, ao invés da experiência acumulada, da aprendizagem e da identificação que o vínculo familiar era capaz de fornecer aos filhos, a crise da família é acompanhada pela frieza que a racionalidade instrumental impõe para a humanidade. No lugar do indivíduo autônomo e livre temos um átomo social, cujo comportamento regride aos padrões infantis, quando reinavam as fantasias de onipotência. Adorno e Horkheimer (1973) afirmam que a crise da família corresponde à desintegração da própria humanidade. O sombrio parecer se vincula à crise da formação, visto que a sociedade burguesa liquidou elementos essenciais para a formação espiritual, tais como o tempo, a memória e a tradição, como sublinha Adorno (2022) em sua palestra *O que significa elaborar o passado*. Portanto, o que restou no desenvolvimento da formação burguesa foram, sobretudo, aqueles elementos adaptativos. A palestra nos ajuda a refletir de que maneira a redução da relevância do espaço de formação do indivíduo e da apropriação cultural dentro da família, que continha as possibilidades de realizar a formação em seu amplo sentido, de elevação espiritual e de adaptação social, conduziu à semiformação.

Do ponto de vista da mediação entre indivíduo e sociedade, a família foi essencial até certo ponto do desenvolvimento do capitalismo, tornando-se após esse momento passível de substituição por outras agências, o que neutralizou aquele espaço de resistência oferecido por ela. Visto que havia possibilidades de constituição do sujeito autônomo dentro dela, a sociedade de consumo, especialmente por meio da indústria cultural³³, tratou de eliminar exatamente os focos de independência que eram possíveis dentro dessa poderosa coletividade. O que se concretizou por meio da identificação com a totalidade opressora. Como salienta Lasch (1983, p. 43): “A ‘mídia’ dá substância e, por conseguinte, intensifica os sonhos narcisistas de fama e glória, encoraja o homem comum a identificar-se com as estrelas e odiar o ‘rebanho’”.

Com efeito, pensar a formação na sociedade contemporânea requer, em primeiro plano, indagar a validade dos próprios conceitos. Como indicava Marcuse (1973), categorias

³³ Jay (1988) aponta o papel essencial da indústria cultural no processo de padronização, intimamente relacionado com o declínio do pensamento crítico e das possibilidades de resistência. “Através daquilo a que Horkheimer e Adorno deram o nome de ‘indústria cultural’, a consciência da massa foi tão manipulada e distorcida que ameaçou de extinção o pensamento crítico. [...] Naquilo que Adorno denominara ‘mundo administrado’ - o protótipo do que Marcuse mais tarde tornaria famoso como ‘sociedade unidimensional’ -, a intermediação realizada pela ideologia havia ido tão longe, que toda resistência fora virtualmente eliminada” (Jay, 1988, p. 37-38).

que eram negativas, conceitos oposicionistas, no século XIX perdem a sua radicalidade na sociedade industrial do século XX:

[...] “indivíduo”, “classe”, “família” designavam esferas e forças ainda não integradas nas condições estabelecidas - esferas de tensão e contradição. Com a crescente integração da sociedade industrial, essas categorias estão perdendo sua conotação crítica, tendendo a tornar-se termos descritivos, ilusórios ou operacionais (Marcuse, 1973, p. 17).

3.2. Ser inteligente é cuidar de si

Em *Educação após Auschwitz* (2022), Adorno afirma que a principal meta para a educação é a de que Auschwitz não se repita. Mais do que uma meta, evitar a repetição de tal horror é uma exigência para toda educação e está associada a um diagnóstico alarmante, ou seja, os pressupostos objetivos e subjetivos que promovem a barbárie e que conduziram a regressão do holocausto permanecem vigentes em nossa civilização. Por isso, a tarefa para o campo educacional não é somente evitar o ressurgimento do horror, mas desbarbarizar o processo de constituição da individualidade. Embora enfatize que o retorno do fascismo constitui em seu aspecto mais decisivo uma questão social, Adorno (2022) reconhece a impossibilidade da educação realizar algum tipo de ação que possa alcançar e modificar diretamente os fatores objetivos, os princípios fundamentais da organização econômica e da dinâmica social. Assim, o que ele propõe é uma “inflexão em direção ao sujeito”. Inflexão que depende de uma liderança democrática, pessoas que estejam abertas para o enfrentamento da barbárie e que possam se comprometer com um processo de conscientização e emancipação dos mais diversos grupos da sociedade, a ser realizado em instituições escolares e fora delas. De fato, a conscientização ou esclarecimento precisa ser abrangente na medida em que sua realização possa impactar na constituição das personalidades (o que se restringe mais ao período da infância), no clima cultural geral e na apreensão que as pessoas têm da realidade.

O enfrentamento da barbárie a partir de seu núcleo subjetivo consiste numa ação de contraposição aos elementos da personalidade autoritária que predis põem as pessoas à identificação com o poder. O trabalho de esclarecimento tem como propósito a autodeterminação das pessoas, a capacidade de serem guiadas pelo seu próprio juízo e consciência, sem desprezar a dificuldade deste projeto e levando em consideração que a personalidade com tendências autoritárias é compatível com uma organização social em que a

luta pela sobrevivência trata de obstruir a consciência mediante o medo do não pertencimento. De fato, a afirmação de Adorno (2022, p. 132): “é preciso evitar que as pessoas golpeiem para os lados sem refletir a respeito de si próprios”, revela a paralisia da reflexão, que está na base do antissemitismo e que caracteriza o clima cultural geral analisado no estudo da personalidade autoritária. Naquele estudo, podemos observar que de acordo com a racionalidade tecnológica, ser inteligente é cuidar de suas próprias vantagens, portanto, no esforço necessário à autoconservação o indivíduo se iguala ao ambiente, mimese, e se esgota no vazio de sua interioridade, falsa projeção. Essa forma de se orientar no mundo e de se relacionar com os objetos conduz a um sentimento de angústia, que se materializa na forma de agressividade interna e externa (Fromm, 2017). Mecanismo que pode ser descrito por meio do sadismo e masoquismo que se desenvolvem em torno da autoridade.

Em termos subjetivos, como a adesão do indivíduo ao coletivo fascista está circunscrita sobretudo a forma de se relacionar com a autoridade e com a alteridade, retomaremos aqui o tema da identificação, que na psicanálise adquire grande significado para o processo de desenvolvimento do ego. De outro modo, a análise do fascismo realizada por Adorno se baseia no argumento de que o mecanismo de identificação é aproveitado em benefício da dominação. De tal maneira que ele traduz somente o movimento mimético, pelo qual o animal se iguala ao meio ambiente.

Sabemos que o superego se ergue como uma instância da sociedade em nossa mente. As representações de nossos pais e de outras autoridades fundamentam a estrutura moral segundo a qual devemos agir. Contudo, o declínio da autoridade parental é concomitante ao fenômeno que Adorno e Horkheimer (1985) descrevem como exteriorização da consciência. Dois desdobramentos decorrem disso, primeiro, a mediação do ego é dispensada em favor de agentes exteriores, o que significa a inibição da própria reflexão, segundo, tendências irracionais podem dominar o funcionamento do superego. Além disso, na realidade objetiva, aqueles elementos indicados por Adorno, que tendem a desaparecer na passagem da sociedade servil para a sociedade fabril, cooperam para essa limitação da atividade do pensamento. Quando a tradição, a experiência, a memória e o tempo são liquidados numa lógica social que perpetua o que é sempre igual, as pessoas ficam condicionadas pelas necessidades imediatas, pelo existente.

Nessa direção, Simmel (2020) analisa que o antissemitismo é o subproduto do processo civilizatório. Numa análise que se aproxima da interpretação realizada por Adorno sobre o fascismo, o autor sublinha que não devemos inferir que o antissemitismo aniquila a realização da civilização, mas que o próprio processo civilizatório produz o antissemitismo.

Ao retomar as formulações de Freud sobre a civilização, Simmel explica que existe uma relação interna entre o desenvolvimento do caráter individual e o desenvolvimento do caráter coletivo. Logo, “para que o indivíduo possa atingir o nível da sua própria civilização, ele deve primeiro repetir dentro de si mesmo, de maneira acelerada e abreviada, todas as fases históricas pelas quais sua cultura passou” (Simmel, 2020, p. 5). Ao mesmo tempo que a sociedade burguesa elimina aqueles resquícios que pertenciam ao período medieval, ela acaba por alienar os seres humanos da continuidade histórica. Associado a isso, o declínio da autoridade familiar corresponde ao solapamento da memória, da tradição e daquele espaço de produção e apropriação cultural. A identificação e a internalização da autoridade parental são partes desse desenvolvimento que ocorre na história coletiva e na história individual. Para Simmel, a regressão do desenvolvimento do eu para um estágio anterior à capacidade de amar pode ser explicada a partir do distúrbio na interação entre o indivíduo e a civilização.

Se a tradicional organização familiar tratava de fortalecer o processo de identificação e o fortalecimento do ego, através do modelo paterno e da interiorização da cultura, mediatização capaz de equiparar o nível civilizatório da humanidade ao do indivíduo, a sociedade industrial foi responsável pelo processo de regressão que força a identificação com o existente em nome da autoconservação, assim, o indivíduo se torna idêntico à totalidade social:

O semiculto dedica-se à conservação de si mesmo sem si mesmo Não pode permitir, então, o que, segundo a teoria burguesa, constituía a subjetividade: a experiência e o conceito. Assim procura subjetivamente a possibilidade da formação cultural, ao mesmo tempo em que, objetivamente, se coloca totalmente contra ela. A experiência - a continuidade da consciência em que perdura o ainda não existente e em que o exercício e a associação fundamentam uma tradição do indivíduo - fica substituída por um estado informativo pontual, desconectado, intercambiável e efêmero, e que se sabe que ficará borrado no próximo instante por outras informações. [...] A semiformação é uma fraqueza em relação ao tempo, à memória, única mediação capaz de fazer na consciência aquela síntese da experiência que caracterizou a formação cultural em outros tempos. (Adorno, 2010, p. 33).

A propósito, convém recordar que não obstante o nível educacional relativamente elevado das pessoas entrevistadas no estudo da personalidade autoritária, elas apresentaram certa ignorância e confusão em relação às complexidades da sociedade contemporânea, fato que não foi explicado exclusivamente pela alta ou baixa pontuação delas, mas como um elemento constitutivo do clima cultural geral. Afinal, é conflitante a inclinação para cuidar de suas próprias vantagens e a insegurança gerada pelo seguinte fato: ainda que as pessoas estejam alienadas e distantes das esferas política e econômica, é inegável o impacto delas sobre as suas vidas. A maneira que encontram para lidar com problemas que elas realmente não entendem é desenvolver técnicas de orientação, que são falaciosas porque as pessoas não

ultrapassam o abismo que há entre elas e a realidade. Como destacamos anteriormente, essas técnicas fornecem “um tipo de conhecimento, ou substitutos para o conhecimento [...] e a ilusão de algum tipo de segurança intelectual” (Adorno, 2019, p. 356).

A questão é que a incompreensão das pessoas em relação aos assuntos políticos e econômicos faz com que elas atuem e interajam com o sistema político sem que de fato tenham clareza acerca de seus interesses e dos interesses da coletividade. Ao analisar o fenômeno do narcisismo na cultura contemporânea, Lasch (1983) explica que após a ebulição política dos anos 1970, os americanos se voltaram para questões meramente pessoais, ele afirma que o radicalismo dos anos 1970 já demonstrava a necessidade de muitas pessoas preencherem suas vidas, a adesão delas ao movimento ocorreu mais por razões pessoais do que por motivos políticos. Mas o que ocorre depois desse evento é o recrudescimento da necessidade de cuidar de si e de sua sobrevivência. Os acontecimentos do século XX, o holocausto, a ameaça de aniquilamento das armas nucleares, o esgotamento dos recursos naturais, reverberam a ideia de catástrofe. No fim do século e do milênio, os norte-americanos não se preocupam com medidas para evitar o desastre, eles apenas naturalizaram a ameaça cotidiana. Segundo Lasch (1983, p. 25): “Viver para o momento é a paixão predominante, viver para si, não para os que virão a seguir ou para a posteridade”.

A questão que Lasch aponta é a desconexão do indivíduo com a temporalidade, que é determinante não somente para o conformismo social, mas que contribui para o processo de distorção da realidade. A pessoa vive para o momento, mas isso não significa que ela seja capaz de compreender o presente, mesmo quando adere a certo movimento político não o faz por entender a complexidade da situação histórica, mas simplesmente por uma atitude desesperada de salvar a si mesmo e de fugir do isolamento. A incompreensão e a incerteza diante das complexidades da organização social se traduzem em angústia e agressividade.

Com efeito, a agressividade adquire uma posição importante no desenvolvimento individual e coletivo. Lasch (1983) esclarece a questão nos seguintes termos: o declínio da autoridade socializada em uma sociedade altamente permissiva não conduz necessariamente ao declínio do superego nos indivíduos, ao invés disso, observamos o desenvolvimento de um superego severo e punitivo.

À medida que as figuras de autoridade da sociedade moderna perdem sua “credibilidade”, o superego nos indivíduos cada vez mais tem origem nas primitivas fantasias infantis sobre seus pais - fantasias carregadas de ódio sádico - e não de ideais de ego interiorizados, formados pela experiência posterior com modelos amados e respeitados de conduta social (Lasch, 1983, p. 32-33)

A ausência de experiências com a autoridade traz um comprometimento para o desenvolvimento do superego e do ideal de ego. Com o enfraquecimento da autoridade o superego se liga mais às ideias arcaicas e fantasmagóricas dos pais, marcadas por frustrações e pelo medo, ao invés de evoluir em direção a percepção mais realista dos pais. O impacto para a formação do ideal de ego é inevitável, visto que ela depende do amadurecimento dessa percepção, das expectativas dos outros e dos traços que amamos e admiramos neles. Quando a privação dos modelos parentais torna-se a regra, essas porções mais primitivas, punitivas e autodestrutivas do superego predominam, o que tem efeitos sobre a consciência, “o como agir” e “o que fazer”, e sobre o ideal de ego, “o que devo me tornar”. Tais fatores geram a suscetibilidade do ego aos agentes exteriores, pois ele busca a autoridade e o modelo fora de si. Esse desenvolvimento da formação cultural está associado às tendências da personalidade autoritária conhecidas como submissão autoritária e agressão autoritária (Adorno, 2019).

Como observa Amaral (1997), na análise de Adorno a configuração sadomasoquista é condição e resultado do processo de adaptação social dos indivíduos do tipo autoritário:

A estereotipia de seu pensamento adquire uma função precisa no interior da economia psíquica desses indivíduos: ela facilita a canalização de sua energia libidinal em harmonia perfeita com as demandas de um superego severo. A identificação com o *in-group*, em estreita oposição aos *out-groups*, absorve grande parte de sua energia libidinal; os indivíduos autoritários tendem a se identificar com tudo aquilo que representa a força, o poder, ao mesmo tempo que rejeitam tudo o que consideram inferior em relação ao *in-group* (Amaral, 1997, p. 31).

A fim de combater o pensamento estereotipado e a confusão e ignorância que predispõe o indivíduo a aderir ao movimento fascista, o ponto de partida de uma educação antifascista deve ser a conscientização.

3.3. Educação contra a barbárie

Em outra passagem de *Educação após Auschwitz*, Adorno (2022) menciona o “mal-estar” na cultura, descrito no texto de Freud, e sublinha que no mundo administrado a pressão civilizatória alcançou um nível que nem mesmo Freud poderia imaginar. Nesse ponto, Adorno faz uma observação que é parte constitutiva de sua crítica e apropriação da psicanálise: Freud sabia que o mal-estar tem o seu lado social, embora não o tenha investigado concretamente. Por sua vez, a orientação de Adorno, inscrita na tradição da Teoria Crítica, tratava de investigar as possibilidades de romper a fonte social do mal-estar e da dominação existente. Nessa perspectiva, tendo em vista o contexto de integração social da cultura de massa, a alternativa que lhe parece possível acena para a conscientização do

particular; ao tornar evidente a irracionalidade do sujeito, espera ser possível atingir a irracionalidade do todo. Por isso sublinha: “A educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma autorreflexão crítica” (Adorno, 2022, p. 132).

A propósito, a inflexão em direção ao sujeito consiste em tornar evidente para as pessoas a manipulação de sua psicologia pelo aparato social, é preciso tornar conscientes os mecanismos que promovem a barbárie. O que se espera alcançar a partir do esclarecimento é o fortalecimento do eu, tornando possível a autodeterminação do indivíduo e o redirecionamento pulsional, de modo que a energia do sujeito não seja aproveitada para atitudes bárbaras e para a destruição da democracia, mas que seja canalizada para a finalidade de alcançar uma vida mais digna. Como explica Adorno (2022), no debate *Educação contra a barbárie*, a desbarbarização não é simplesmente um elogio à moderação, uma restrição das afeições fortes, e nem mesmo a eliminação da agressão. Desbarbarizar, para Adorno, numa referência à psicanálise, seria o equivalente a sublimação dos instintos agressivos, ou seja, seu aproveitamento para realizações produtivas dentro da civilização. Não podemos nos livrar desses traços de barbárie, mas atuar no combate das forças que manipulam a pulsão destrutiva para finalidades desumanas. Por isso, uma existência mais humana se expressa na possibilidade de “orientar esses traços contra o princípio de barbárie, em vez de permitir seu curso em direção à desgraça” (Adorno, 2022, p. 172).

Nesse entendimento, Adorno dá enfoque para a inflexão em direção ao sujeito, apoiado na hipótese de que “o indivíduo só sobrevive como núcleo impulsionador da resistência” (Adorno, 2022, p. 167). Dessa maneira, a energia e o sacrifício necessários para a servidão³⁴ poderiam ser orientados para a libertação:

Um esquema sempre confirmado na história das perseguições é o de que a violência contra os fracos se dirige principalmente contra os que são considerados socialmente fracos e ao mesmo tempo - seja isso verdade ou não - felizes. De uma perspectiva sociológica eu ousaria acrescentar que nossa sociedade, ao mesmo tempo que integra

³⁴ Esse argumento de Adorno a respeito da energia necessária para a servidão é explorado no texto *Sobre música popular*, de 1941. Ao explorar o tema dos adeptos extremados da música popular, conhecidos como *jitterbugs* (expressão que faz alusão aos *bugs*, insetos que tem espasmos e são atraídos passivamente pelo estímulo da luz), o autor questiona a alegação de que os fanáticos sejam privados de vontade autônoma. Adorno defende que eles são impelidos por uma “deliberada resolução” e que existe por parte deles uma “decisão de se conformar”. E acrescenta: “Todo o âmbito do fanatismo e histeria coletiva do *jitterbug* em relação à música popular está sob o ditame da decisão voluntária carregada de rancor. O entusiasmo frenético implica ambivalência não só na medida em que está pronto a se converter em fúria real ou em humor sarcástico para com seus ídolos, mas também na efetivação dessa rancorosa decisão voluntária” (Adorno, 1986, p. 144-145). Como sublinha Pucci (2010), a observação de Adorno a respeito da música popular reflete a realidade de todo o sistema, uma vez que ao invés da mera passividade, a análise de Adorno revela o gasto de energia envolvido no ato de conformar a realidade interna à ordem externa. Para Pucci (2010, p. 45): “Adorno vai mais longe em sua interpretação, ao constatar que a crença de que o povo reage como insetos diante da manipulação do sistema é apenas aparente; que, doutro modo, a espontaneidade é consumida pelo tremendo esforço que cada indivíduo tem de fazer para aceitar o que lhe é imposto”.

cada vez mais, gera tendências de desagregação. Essas tendências encontram-se bastante desenvolvidas logo abaixo da superfície da vida civilizada e ordenada (Adorno, 2022, p. 132-133).

O reconhecimento de uma tensão na interação entre indivíduo e sociedade naquele momento histórico, a correlação entre integração e desagregação, exigiam um compromisso com uma vida mais humana, um compromisso pedagógico, filosófico e político. Podemos atribuir esse sentido às intervenções que Adorno fez nos espaços públicos na década de 1960, que deram origem aos textos que analisamos neste capítulo. Intervenções e escritos que são um convite para a autocrítica da organização social e para repensar o significado da ação pedagógica. Conforme Januário (2020), os escritos de Adorno das décadas de 1950 e 1960 não apontam unicamente para a tendência esmagadora da integração total como ocorria na década de 1940, mas apontam para “potenciais de resistência”. Ainda assim, no entendimento de Adorno a integração total não se realizou, mas permanece num estado de ameaça.

A questão da autonomia é central no enfrentamento da barbárie, como recorda Adorno (2022), visto que a ascensão dos regimes autoritários está ligado ao declínio da autoridade parental e consequente fraqueza do eu. Como observamos anteriormente, o superego que não se desenvolve a partir da experiência real com a autoridade, tende a ser dominado por aquela porção mais arcaica, permeada pelo id e sua agressividade sádica e masoquista. Esse tipo de personalidade, com tendências autoritárias, se relaciona de forma patológica com a autoridade, sua impotência propicia tanto a associação cega com coletivos quanto a idealização de líderes autoritários. A explicação dos fatores psicológicos que favorecem o estabelecimento de regimes fascistas se associa com o problema da exteriorização da consciência, ou seja, do indivíduo que é incapaz de se autogovernar.

Antes é de se supor que o fascismo e o horror que produziu se relacionam com o fato de que antigas e consolidadas autoridades do império haviam ruído e se esfacelado, mas as pessoas ainda não se encontravam psicologicamente preparadas para a autodeterminação. Elas não se revelaram à altura da liberdade com que foram apresentadas de repente. É por isso que as estruturas de autoridade assumiram aquela dimensão destrutiva e - por assim dizer - de desvario que antes, ou não possuíam, ou seguramente não revelaram (Adorno, 2022, 133-134).

Uma vez que a disponibilidade em ficar ao lado do poder - de curvar-se diante dos mais fortes - prevalece na sociedade, Adorno (2022) considera que a educação após Auschwitz deve abranger duas questões: a educação infantil, principalmente na primeira infância, período de formação da personalidade e o esclarecimento geral, ação que se concentra no clima intelectual, cultural e social, de modo a garantir que os motivos que conduziram ao horror tornem-se de algum modo conscientes. Fortalecendo a consciência

moral e a capacidade de cada pessoa para servir-se de seu próprio entendimento. De outro modo, ele afirma que qualquer vínculo de compromisso no sentido de impedir os indivíduos a realizar determinadas ações, a exemplo do enfático “não debes” corresponderia à heteronomia: “um tornar-se dependente de mandamentos, de normas que não são assumidas pela razão própria do indivíduo” (Adorno, 2022, p. 134). Em vista disso, ele considera que o único poder efetivo contra Auschwitz seria a autonomia, no sentido kantiano: “o poder para a reflexão, a autodeterminação, a não participação” (Adorno, 2022, p. 134).

Nessa direção, vamos destacar alguns pontos fundamentais daquilo que Adorno descreve como esclarecimento geral, centrado no pressuposto de que o conhecimento acerca dos mecanismos, especialmente os subjetivos, que deram origem ao horror nazista poderiam evitar a sua repetição. O primeiro diz respeito aos tipos característicos do mundo de Auschwitz, aquilo que gera o horror. A esse respeito, o autor define dois grupos, os que representam a identificação cega com o coletivo e os que são moldados para manipular massas, ele considera que a contrapartida para essa adesão cega consiste no esclarecimento do problema da coletivização. Apesar de parecer algo abstrato, ele indica que o foco deste esclarecimento seria a questão do sofrimento. Isso requer uma atitude crítica em direção aos aspectos fundamentais que sobrevivem em certos coletivos da cultura civilizada, que submetem as pessoas a dores físicas, que podem ser insuportáveis. É necessário combater certos hábitos cruéis que se naturalizam em nossa cultura, rituais que banalizam a humilhação e a dor física em ritos de iniciação - como os trotes universitários³⁵, por exemplo. Devemos recordar, que assim como no nazismo, a hierarquia desempenha um papel central na prática do trote. Posto que, os veteranos, por sua posição dentro do grupo, adquirem o poder de impor aos recém-chegados a dor e a humilhação.

Para Adorno, princípios dessa natureza existentes nos rituais de associação ou iniciação se relacionam com um pretensão ideal que tem grande importância na educação tradicional em geral: a severidade. Por esse motivo, tendo em vista que a escola é essencialmente um espaço destinado à adaptação, uma educação após Auschwitz deve considerar as formas de mobilização da pulsão destrutiva no espaço escolar. A severidade que é exercida dentro da prática escolar, a dureza e a disciplina, seja em relação ao

³⁵ No Brasil, a prática de trotes universitários ainda deixa vítimas. Entre os casos recentes, destacamos o de uma estudante de 21 anos da Unesp de Guaratinguetá, que em julho de 2023 foi submetida a um trote e obrigada a “pagar” flexões, além de ingerir bebida alcoólica misturada com pimenta, vinagre, sal e outros ingredientes. Devido a violência do trote, a estudante passou mal e precisou ser internada na UTI. Além de denunciar o crime para a Ouvidoria da universidade e registrar boletim de ocorrência por lesão corporal grave, a estudante transferiu o curso para outra universidade. Após a apuração, no começo de 2024, a universidade anunciou a expulsão de quatro jovens responsabilizados pela violência praticada.

comportamento dos estudantes ou das tarefas que eles devem executar, revelam o local privilegiado que a pulsão agressiva ocupa no ambiente escolar. E não traduz somente a severidade dos professores na condução dos estudantes, com vistas ao conformismo, mas descreve aquele traço da cultura escolar que incentiva que os estudantes sejam duros e rigorosos consigo mesmos. Tal estado de coisas se relaciona com a indiferença à dor, um fenômeno que caracteriza o clima cultural, tema tratado por Adorno e Horkheimer (1985) na *Dialética do Esclarecimento*. Todos os termos utilizados por eles - expropriar, remodelar, desfigurar - se inserem nesse processo de adaptação a uma cultura totalitária e violenta. De fato, durante o desenvolvimento social, a adaptação é imposta a partir de um processo doloroso, ao qual os indivíduos se submetem em nome da sobrevivência, mas as marcas desse processo permanecem reprimidas. No plano subjetivo, regimes do tipo fascista fornecem a ocasião para explodir essa rebelião que foi sufocada pela civilização por muito tempo.

A questão prática é que essa naturalização da dor, seja a dor praticada contra os outros ou contra si próprio, se vincula com a frieza de uma organização social que incentiva as pessoas a se preocuparem somente com suas próprias vantagens. Podemos encontrar a frieza no tipo manipulador, que obtém a maior pontuação entre os altos pontuadores no estudo da personalidade autoritária, contudo, ela é uma característica que está disseminada, devido ao clima cultural geral, podendo se manifestar entre os altos e baixos pontuadores do estudo. Como observamos, aquele estudo demonstrou que as tendências da personalidade autoritária se distribuem de maneira distinta na população em geral, entretanto, a importância que Adorno confere ao estudo da constituição do caráter manipulador se deve ao fato de que os seus traços são compatíveis com a liderança fascista. O tipo manipulador é considerado o mais perigoso, o padrão é encontrado em vários homens de negócios. Sua personalidade é marcada por uma quase completa falta de investimento objetal e de laços afetivos. Observa-se uma ruptura entre o mundo interno e externo que resulta em “uma espécie de super-realismo compulsivo que trata a tudo e todos como um objeto a ser utilizado, manipulado, apreendidos pelos próprios padrões teóricos do sujeito” (Adorno, 2019, p. 561). A propósito, os mesmos traços podem ser encontrados em delinquentes juvenis e líderes de quadrilha. Pelo poder que assumem e pelo risco que apresentam, o autor sugere a utilização da psicanálise para estudar os culpados por Auschwitz, e espera que seja possível descobrir como se tornaram do jeito que são.

Na tentativa de atuar contrariamente à repetição de Auschwitz parece-me fundamental produzir inicialmente uma certa clareza acerca do modo de constituição do caráter manipulador, para em seguida poder impedir da melhor maneira possível a sua formação, pela transformação das condições para tanto (Adorno, 2022, p. 141-142).

O autor admite, contudo, que não há garantias de que essa experiência poderia gerar bons resultados, somente a execução dela traria a possibilidade de atestar a sua eficácia. Além disso, em condições iguais as pessoas podem se desenvolver e responder de maneiras totalmente diferentes. No interesse de um projeto de conscientização, ele avalia que o questionamento de como aquela pessoa ficou assim já seria esclarecedor. E explica que um dos momentos do estado de consciência e de inconsciência daninhos se afirma na ideia de “ser-assim”, que se é de um modo e não de outro por uma ordem natural: “como um dado imutável e não como resultado de uma formação” (Adorno, 2022, p. 143). Uma consciência que se defende de qualquer vir-a-ser é uma “consciência coisificada”, e impõe como sendo absoluto o que existe de um determinado modo. Adorno afirma que o simples rompimento desse mecanismo impositivo seria compensador.

O conceito de consciência coisificada conduz o autor para outra reflexão: a relação das pessoas com a técnica e as implicações disso na incapacidade para a identificação. Ainda que a articulação do ser humano com a técnica tenha a sua face positiva, que ele chama de racionalidade boa, a outra face tem algo de exagerado, irracional e patológico, que está ligado ao “véu tecnológico”. Uma predisposição que encontramos nas pessoas, que consiste em considerar a técnica como um fim em si mesmo, independente dos seres humanos, como se ela possuísse força e poder próprios. No entanto, a técnica não é um fim, ela é um meio que deveria servir ao propósito de melhorar a existência humana. Logo, o fetichismo trata de encobrir essa realidade e o potencial humano em construir uma vida melhor.

Da mesma maneira que outras tendências da personalidade autoritárias, a frieza, ligada à incapacidade de amar e se identificar - que é produto da fetichização da técnica - é um elemento do clima cultural que se expressa em situações diversas dentro do movimento fascista. Adorno cita por exemplo aquela pessoa que projeta o sistema ferroviário, ela está interessada em conduzir as vítimas para Auschwitz com maior rapidez e desenvolve sua função desligada de qualquer interesse pelo que acontecerá com as pessoas transportadas no trem. Essa referência a Adolf Eichmann, oficial nazista responsável pela deportação de inúmeros judeus para os campos de concentração, traduz o aspecto técnico que caracteriza o tipo autoritário e sua necessidade de “fazer coisas”, “com ampla indiferença em relação ao conteúdo do que será feito” (Adorno, 2019, p. 561). Efetivamente, além do caráter manipulador e mais perigoso, daquelas pessoas responsáveis pelo gerenciamento do horror, o nazismo contou com a indiferença e frieza de considerável parte da população:

Aqui vêm a propósito algumas palavras acerca da frieza. Se ela não fosse um traço básico da antropologia, e, portanto da constituição humana como ela realmente é em nossa sociedade; se as pessoas não fossem profundamente indiferentes em relação ao que acontece com todas as outras, excetuando o punhado com quem mantém vínculos estreitos e possivelmente por intermédio de alguns interesses concretos, então Auschwitz não teria sido possível, as pessoas não o teriam aceito. [...] O que contradiz, o espírito grupal da chamada *lonely crowd*, da massa solitária, na verdade constitui uma reação, um enturmar-se de pessoas frias que não suportam a própria frieza mas nada podem fazer para alterá-la (Adorno, 2022, p. 145).

A massa solitária é o triunfo do processo de desumanização. Agrupado e alienado, cada indivíduo enxerga no outro somente a possibilidade de alcançar uma vantagem. Tendo em vista que o apelo da propaganda e liderança fascistas têm um caráter irracional, um aspecto da adesão das pessoas ao nazismo é o engrandecimento do eu. Logo, não é acidental que em seus discursos a liderança fascista conceda pouca importância para as questões objetivas e se ocupe, de outro modo, em conseguir a identificação das massas, através dos expedientes que Adorno examinou em seu trabalho sobre o agitador fascista, tais como, “o inocente perseguido” e o “lobo solitário”. Em síntese: “A fim de conseguir corresponder às disposições inconscientes da audiência, o agitador, por assim dizer, simplesmente volta seu inconsciente para fora” (Adorno, 2015, p. 182). A propaganda fascista capturou esse elemento da época contemporânea que é a suscetibilidade do indivíduo impotente em submeter-se às autoridades externas.

A semiformação supera o indivíduo, sua resistência e as possibilidades de um desenvolvimento da personalidade no sentido da autodeterminação. Por isso, de acordo com Adorno, para contrapor a barbárie é necessário um trabalho no sentido de negar os pressupostos que forcem a obliteração da consciência. O que pode ser realizado através de uma educação política, direcionada para a contestação e para a resistência.

3.4. Emancipação e liderança democrática

A fim de compreender a visão de Adorno no tocante à educação para emancipação, analisaremos algumas considerações apresentadas no debate *Educação - para quê?* e na palestra *O que significa elaborar o passado*. Uma vez que as disputas em torno do significado da educação se relacionam com os interesses políticos, econômicos e sociais vigentes, é importante questionar o sentido da educação, visto que tantas vezes ele é suplantado por causa de interesses que emanam do exterior da escola.

Nessa perspectiva, em *Educação - para quê?* Adorno sinaliza que o “para quê” não é mais compreensível, tendo em vista o poder do existente e a força com que a heteronomia se

impõe naquele momento histórico. A duplicidade de sentidos do termo formação anuncia uma tensão, por um lado, a adaptação social, a exigência de preparar as pessoas para as obrigações da vida em sociedade, por outro, o desenvolvimento humano, a constituição da individualidade e a construção do pensamento crítico. Os dois sentidos deveriam ser complementares, contudo, uma vez que os interesses da dominação limitam a formação no sentido de uma adaptação cega, é necessário contrapor tal estado de coisas em direção à uma existência mais humana. Isto posto, o autor expõe a sua concepção inicial de educação: a produção de uma consciência verdadeira. E acrescenta: “Isso seria inclusive da maior importância política; sua ideia, se é permitido dizer assim, é uma exigência política” (Adorno, 2022, p. 154). E por que coloca a questão nestes termos? Para apontar um problema da democracia - a fim de corresponder ao conceito, além de funcionar, ela depende da existência de pessoas emancipadas. Entretanto, a democracia segue em seu desenvolvimento sem essas pessoas emancipadas.

Dessa forma, a minoridade das pessoas dentro da democracia confirma a sobrevivência do fascismo. Tendo em vista que a emancipação para Adorno é utilizada em referência ao conceito kantiano de maioridade, seu oposto, a minoridade, é o estado de tutela, descrita como a “falta de decisão e coragem de servir-se do entendimento sem a orientação de outrem” (Adorno, 2022, p. 185). É possível colocar a questão nos seguintes termos: a minoridade é condizente com o que Adorno denomina de “um realismo supervalorizado”, produto de uma adaptação violenta, que remete a uma cicatriz. A minoridade pressupõe que:

[...] as pessoas aceitam com maior ou menor resistência aquilo que a existência dominante apresenta à sua vista e ainda por cima lhes inculca à força, como se aquilo que existisse precisasse existir dessa forma (Adorno, 2022, p. 195).

A maioridade, por outro lado, está intimamente ligada à experiência. Para além daquele sentido mais estreito geralmente associado ao conceito de racionalidade ou consciência, ou seja, a capacidade formal de pensar, Adorno assinala que aquilo que caracteriza propriamente a consciência é o pensar em relação à realidade, ao conteúdo - “a relação entre as formas e estruturas do pensamento do sujeito e aquilo que este não é” (Adorno, 2022, p. 164). O sentido mais profundo de consciência se vincula, então, à capacidade de fazer experiências. Nesses termos, para o autor, a educação para a experiência é idêntica à educação para a emancipação. Contudo, a formação dentro de uma ordem totalitária exclui a possibilidade do indivíduo se relacionar com o que não é idêntico - “os homens não

são mais aptos à experiência, mas interpõem entre si e aquilo a ser experimentado aquela camada estereotipada a que é preciso se opor” (Adorno, 2022, p. 161).

Tendo em vista o cenário contemporâneo, no qual se manifesta uma “glorificação da heteronomia”, no debate *Educação e Emancipação*, Becker e Adorno avaliam que a questão da educação não emancipadora é um problema mundial. Ainda que a questão esteja diretamente relacionada ao campo pedagógico, Adorno considera que até mesmo na literatura pedagógica é possível observar a sabotagem do conceito de emancipação e a consequente contraposição aos pressupostos da democracia. Diante disso, o autor sublinha que a emancipação é uma categoria dinâmica, “um vir-a-ser”. Entretanto, a formação cultural contemporânea dissolve a perspectiva do porvir e a simples ideia de que as coisas possam ser de outra forma.

No texto *O que significa elaborar o passado*, Adorno explica que o esquecimento do passado, especificamente do nazismo alemão, indica muito mais um objetivo extremamente realista do que a força de mecanismos inconscientes. O apagamento da memória é acima de tudo uma condição da sociedade burguesa, no caso do nazismo, o esquecimento e a recusa de elaborar o passado contribuem para a sobrevivência das condições objetivas que tornaram possível o seu surgimento. Na medida em que as pessoas se relacionam apenas com aquilo que é imediato, sua impotência subjetiva aumenta. A elaboração do passado é condição para qualquer possibilidade de intervenção no presente. O processo de alienação do ser humano em relação ao tempo e à memória colabora com a sua sujeição política na medida em que ele não se reconhece enquanto um sujeito histórico. Como desdobramento, ao invés da democracia ter significado para o indivíduo na medida em que é o regime em que prevalece a vontade do povo e no qual poderá exercer sua cidadania, ela aparece como um sistema entre outros. “Justamente porque a realidade não cumpre a promessa de autonomia, enfim, a promessa de felicidade que o conceito de democracia afinal assegurara, as pessoas tornam-se indiferentes frente à democracia, quando não passam a odiá-la” (Adorno, 2022, p. 46-47).

A fim de combater tal estado de coisas, uma pedagogia democrática deve compreender o estudo da história, de modo a permitir a elaboração do passado. O esclarecimento acerca do que aconteceu deve estar no lugar do esquecimento. Adorno reconhece que num primeiro momento essa abordagem alcançará somente os que estiverem abertos para ela, depois, podemos imaginar que deste grupo surjam quadros de liderança que podem realizar uma ação mais abrangente ao público. E acrescenta que o modo que fazemos referência ao passado é essencial: “se permanecemos no simples remorso ou se resistimos ao horror com base na força de compreender até mesmo o incompreensível” (Adorno, 2022, p. 49).

Esse ato de elaborar o passado permite o contato e a tomada de consciência em relação ao que estava recalcado, portanto, o esclarecimento depende dele. Para que a democracia possa funcionar com pessoas emancipadas, é necessário que as pessoas compreendam o motivo de seu ódio pela democracia. Enquanto não houver tal compreensão os princípios antidemocráticos seguirão permeando a democracia, como podemos acompanhar no cenário político recente, visto que os líderes fascistas seguem aproveitando o descontentamento do eleitorado em relação à política. Desse modo, o exercício da democracia é invadido por um conteúdo irracional, ancorado na frustração, na intolerância e no ressentimento. No lugar da racionalidade e objetividade que deveriam caracterizá-lo, o discurso político é tomado pela linguagem do ódio.

No texto *Liderança democrática e manipulação de massas*, de 1951, Adorno discute a importância da liderança positiva. Ele explica que a ideia de líder nasceu com a democracia moderna, os líderes eram aqueles eleitos para agir e falar em nome dos partidos. Contudo, fatores como o crescimento numérico dos partidos e a institucionalização deles, fez com que os líderes passassem a representar o interesse de poucos. Na dinâmica da sociedade de massas, a liderança foi se tornando cada vez mais rígida e perdendo o contato com as pessoas. Assim, a liderança assume um caráter irracional e começa a revelar traços autoritários. Com isso, o verdadeiro funcionamento democrático da liderança desvaneceu.

O conhecimento de que a maioria das pessoas frequentemente age de maneira cega e de acordo com a vontade de figuras demagógicas ou instituições poderosas, contrariando ao mesmo tempo os princípios básicos da democracia e de seu próprio interesse racional, atravessa todos os tempos. [...] Hoje mais do que nunca, é função da liderança democrática tornar os seus sujeitos, o povo, conscientes de seus próprios desejos e necessidades contra as ideologias que são marteladas em suas cabeças pelos inumeráveis canais de comunicação dos interesses disfarçados (Adorno, 2018 p. 2).

Com base nas intenções da liderança fascista, de aproveitar o descontentamento das pessoas a fim de orientar o componente agressivo na direção oposta dos reais interesses políticos e econômicos delas, e considerando que diante da menoridade e impotência as pessoas tendem a se identificar com o poder, mas desprezar o seu conteúdo, o autor defende a importância do trabalho da liderança democrática. O foco central da ação pedagógica a ser realizada pela liderança é reconciliar as pessoas com o conteúdo de verdade oculto pela manipulação política e pela organização social. O elemento irracional deve ser considerado nas massas, mas não pode ser encarado como uma coisa dada e sim como algo que tem que ser combatido. A comunicação da liderança precisa se comprometer com a verdade e ao mesmo tempo operar no sentido da superação dos fatores subjetivos que tornam a verdade inaceitável. Nesta direção, Adorno aposta na eficácia da utilização de panfletos que versem

sobre as estratégias da liderança fascista. A fim de realizar um trabalho de conscientização, de modo que as pessoas conheçam as pretensões abertas e intenções ocultas dos estratagemas de manipulação, com os correspondentes mecanismos psicológicos que dão sustentação aos seus apelos. Ou seja, esclarecer os indivíduos sobre os pontos em que as disposições subjetivas e os estímulos antidemocráticos coincidem.

Trata-se de promover a auto-reflexão num mundo dominado pela ausência de introspecção. Para isso, a abordagem sugerida por Adorno deve combinar a integridade factual e objetiva com o esforço de promover o discernimento das disposições irracionais. O autor explica que a atuação da liderança democrática não tem a pretensão de mudar a base da personalidade:

Ela tem de se concentrar no esclarecimento das atitudes, ideologias e condutas, fazendo o melhor uso possível dos discernimentos revelados pela psicologia profunda, sem se aventurar em empreendimentos psicoterapêuticos (Adorno, 2018, p. 10).

Tal interpretação está em consonância com a que foi realizada por Reich (1988), quando apresentou o problema da submissão e suscetibilidade das massas ao apelo autoritário:

Ora, a tarefa do movimento verdadeiramente revolucionário e democrático consiste exatamente em orientar (e *não* em “dirigir” a partir de cima!) as massas humanas, que milênios de repressão tornaram apáticas, acríicas, biopáticas e submissas, para que elas aprendam a pressentir qualquer forma de opressão, e a livrar-se dela a *tempo*, de modo *definitivo e irresistível* (Reich, 1988, p. 207).

O esclarecimento é uma tarefa pedagógica que deve ser desenvolvido dentro e fora de instituições escolares, sua execução depende de alguns critérios e visa certos objetivos: 1. Requer uma liderança democrática empenhada na emancipação das pessoas. 2. Utiliza a conscientização para contrapor a irracionalidade e falta de introspecção que caracteriza a formação cultural contemporânea. 3. Se compromete com a integridade factual e objetiva. 4. Utiliza o referencial teórico da psicanálise.

Se a cultura de massa e o fascismo como radicalização dela fortalecem a liberação do id e a atitude irracional, a emancipação deve ser encontrada no caminho inverso, com o fortalecimento do eu, através da produção de uma consciência verdadeira. Paralelamente, essa transformação implica na orientação daquela energia pulsional que é utilizada pela dominação, de modo que ela esteja a favor da autonomia e da liberdade. Para Adorno, essa inflexão em direção ao sujeito seria um projeto a ser realizado pelo campo formativo na medida em que o autor reconhecia no indivíduo um núcleo impulsionador da resistência (Adorno, 2022, p. 167).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Narcisismo das pequenas diferenças” é o conceito utilizado por Freud (2021) para explicar a vantagem que um grupo social encontra ao permitir que a pulsão agressiva encontre uma saída na hostilização daqueles que se encontram fora do grupo. A mesma inclinação em direcionar a agressividade em direção ao out-group se expressa no *horror vacui*, expressão que Adorno e Horkheimer (1985) utilizaram para destacar que as formas de consciência paranoides tendem à formação de alianças. Conforme os autores, “um membro normal da sociedade substitui sua paranoia pela participação na paranoia coletiva e se agarra apaixonadamente às formas objetivadas, coletivas e comprovadas do delírio” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 162).

Observamos em nosso trabalho que a impotência e o sentimento de desamparo predis põem a adesão dos indivíduos ao movimento fascista e que a propaganda e a liderança utilizam a psicologia de massa como instrumento de manipulação. O conteúdo da propaganda é irracional a fim de promover a atitude irracional, o líder traz o seu inconsciente à tona para corresponder às necessidades inconscientes da massa. A caracterização da técnica psicológica fascista, realizada a partir da análise das palestras dos agitadores fascistas norte-americanos, demonstram a preponderância do apelo emocional.

O próprio material estudado indica uma abordagem psicológica, pois está concebido em termos mais psicológicos do que objetivos. Almeja convencer as pessoas *manipulando seus mecanismos inconscientes*, e não apresentando ideias e argumentos (Adorno, 2015, p. 138).

Em *Teoria Freudiana e o padrão da propaganda fascista*, Adorno (2015) analisa o ganho psicológico que o indivíduo alcança quando se torna integrante da massa, essa análise é realizada com o auxílio da psicologia de massa freudiana, sobretudo as considerações realizadas por Freud em *Psicologia das massas e análise do Eu*. Para Freud (2021), o vínculo que une os indivíduos da massa é libidinal, nas massas com líderes, como o Exército e a Igreja, ele afirma que os indivíduos estão ligados libidinalmente ao líder, por um lado, e aos integrantes do grupo, por outro. Desse modo, o que mantém a sua ligação é a pulsão erótica desviada da meta. No fascismo, a liderança é o elemento agregador essencial, através do conceito de identificação podemos compreender a influência que o líder exerce sobre a massa. Nesse ponto, Adorno aponta para a correspondência entre o apelo fascista e os aspectos regressivos da civilização ocidental, visto que o fascismo opera num terreno “já cultivado”

(Horkheimer; Adorno, 1973). Por isso, sua apropriação da psicanálise direciona para uma identificação mais arcaica, não o tipo de identificação realizada por um ego desenvolvido.

Para Adorno, esse modelo de identificação através da idealização, típico dos estados mais primitivos de formação do eu, constituiria um modelo coletivo por meio do qual a ideologia fascista foi capaz de mobilizar a energia libidinal das massas como ingrediente de sua política. E, por essa via, obteve sucesso no exercício de uma dominação que respondeu às necessidades irracionais subjetivas engendradas socialmente (Lastória, 2017, p. 97).

Já existia uma debilidade do eu proveniente do processo de socialização dentro de uma cultura totalitária que foi aproveitado em benefício da política fascista. Como afirma Adorno (2008a, p. 28): “O próprio Hitler representa muito mais o filho rebelde, neuroticamente fraco que vence exatamente por sua fraqueza neurótica”. Para conseguir a identificação, o líder representa essa figura débil, de igual modo, precisa compensar a impotência das pessoas e por isso precisa representar uma outra imagem oposta, que encarna a força e o poder que seus seguidores admiram e desejam atingir. Nessa direção, Adorno (2008a) reconhece na propaganda fascista uma estrutura mais geral denominada “pequeno grande homem”. Que dá conta de explicar a tentativa da propaganda em corresponder a ambivalência psíquica do indivíduo. Podemos observar que a personalidade com tendências autoritárias apresenta uma “natureza ciclista”, ao mesmo tempo que é submissa diante das autoridades e dos que considera superiores, demonstra uma necessidade de subjugar os mais fracos (Horkheimer, Adorno, 1973).

O estudo da personalidade autoritária aponta para a confusão e ignorância que são característicos da semiformação dentro da cultura de massas, uma formação que privilegia o momento adaptativo e sacrifica o desenvolvimento das potencialidades humanas. Em nossa tese, aproximamos algumas vezes as expressões “formas de orientação no escuro” (Adorno, 2019) e “golpear para os lados” (Adorno, 2022) utilizadas por Adorno para caracterizar a inaptidão para a experiência, a incapacidade de identificação e a paralisia da reflexão que mobilizam a pulsão agressiva das pessoas contra aqueles que são diferentes. Porque sob o princípio da racionalidade tecnológica, não há espaço para a diferença.

No mundo da produção em série, a estereotipia - que é um esquema - substitui o trabalho categorial. O juízo não se apoia mais numa síntese efetivamente realizada, mas numa cega subsunção. [...] Eis aí o segredo do embrutecimento que favorece o antissemitismo. Se no interior da própria lógica, o conceito cai sobre o particular como algo de puramente exterior, com muito mais razão, na sociedade, tudo que representa a diferença tem de tremer (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 166).

As reflexões sobre o campo formativo realizadas por Adorno (2022) nas décadas de 1950 e 1960, após o exílio norte-americano, apontam para a persistência do fascismo, visto

que a organização social mantém os pressupostos da barbárie que permitiram o horror fascista. Apesar de reconhecer a impossibilidade de que uma ação isolada do campo pedagógico seja capaz de transformar os princípios objetivos da organização econômica, Adorno propõe uma inflexão em direção ao sujeito, ou seja, uma abordagem subjetiva do problema da barbárie, um programa que vise a conscientização das pessoas e a autorreflexão crítica. A educação emancipadora tem como propósito combater a consciência coisificada, aquela que “se defende em relação a qualquer vir-a-ser, frente a qualquer apreensão do próprio condicionamento, impondo como sendo absoluto o que existe de um determinado modo” (Adorno, 2022, p.143). Por isso, a conscientização visa o combate do pensamento estereotipado e do funcionamento paranoico e projetivo que tende a recusar aquilo que não é idêntico, causando a rebelião das pessoas contra as minorias que sofrem dos mesmos males que elas na sociedade.

Podemos considerar, a importância de tal projeto diante da confusão e ignorância que Adorno testemunhou no século XX e que nas últimas décadas têm fortalecido a extrema-direita em vários países do mundo. Notamos que a irracionalidade segue ocupando um espaço primordial na propaganda fascista em nossa atualidade, que reforça cada vez mais a manipulação psicológica e chega a evitar as questões objetivas, as ideias e os argumentos. Como apontamos em nosso trabalho, em 2019 foi criada no país a CPMI das Fake News destinada, entre outras coisas, a investigar os ataques cibernéticos que atentaram contra a democracia e o debate público e a utilização de perfis falsos para influenciar os resultados das eleições de 2018.

Apenas a menção desse fato é suficiente para confirmar no presente o que Adorno afirmava no século XX: a democracia segue operando em oposição ao seu conceito, isto é, ela vigora mesmo na ausência de pessoas emancipadas. Portanto, ainda observamos a menoridade das pessoas, elas não são capazes de autodeterminação, por isso são guiadas por uma autoridade externa. Primeiro se identificam com a totalidade, a partir dos produtos da indústria cultural, que hoje exerce sua influência sobretudo por meio das mídias sociais e dos aparelhos celulares. Depois, mediante a padronização e os sentidos amolecidos pela indústria, eis que a confusão e ignorância a respeito das complexidades econômicas e sociais oferecem o terreno apropriado para os charlatões da política.

Na fase totalitária da dominação, a semicultura chama de volta os charlatões provincianos da política e, com eles, como uma *ultima ratio*, o sistema delirante, e o impõe à maioria dos administrados já amolecidos, de qualquer maneira pela grande indústria e pela indústria cultural” (Adorno; Horkheimer, 1985, p. 163).

Nesse contexto, percebemos a violência da formação cultural, que convida as pessoas a cuidarem somente de suas próprias vantagens como um sinônimo de inteligência. Para combater o isolamento e a alienação das pessoas é fundamental o papel da liderança democrática, a fim de convidá-las para o exercício de introspecção. Pois somente através do esclarecimento e da autorreflexão crítica haverá a possibilidade de contrapor o “realismo supervalorizado”, relacionado à minoridade - impossibilidade da pessoa se servir do próprio entendimento.

Nos processos escolares a minoridade é responsável pela ideia de que as coisas só podem existir da maneira que elas são. Com isso, ocorre o predomínio do conformismo. Para que os interesses privados e externos deixem de representar os imperativos fundamentais que regulam as práticas escolares é necessário que os profissionais da educação se aproximem e estejam disponíveis para a educação política. O que pode ocorrer a partir da formação continuada de professores, seja por meio de coletivos que visem a transformação social ou da organização dos sindicatos de professores e de cursos ofertados pelas universidades. Como sabemos, muitos professores estão sobrecarregados com jornadas duplas, além de salas de aulas lotadas. É certo que a mudança se instaura através de lutas. Contudo, a classe docente assiste à precarização das condições de trabalho, sobretudo na Educação Básica, mediante o distanciamento desses profissionais, pois a ruptura da coletividade e das formas de engajamento político é parte constituinte do processo. De fato, a alienação e o isolamento dos professores é um projeto econômico e político que deve ser enfrentado.

Na mesma direção, as disputas em torno da formação e dos objetivos da educação apontam para a necessidade de que a comunidade escolar (gestores, professores, demais funcionários, estudantes e pais) ocupe espaço nas decisões acerca das políticas públicas referentes à educação. Estamos vivenciando a implantação de escolas cívico-militares, a reforma do Ensino Médio e uma diversidade de projetos apresentados por parlamentares em todo o país que versam sobre a Escola sem partido. Não tivemos oportunidade de aprofundar todas essas questões neste trabalho, mas todas elas refletem o ciclo da barbárie se aprofundando ao redor e no interior das escolas. A educação para a emancipação é sinônimo de educação política no presente, como foi para Adorno na década de 1960. Para atingir de alguma maneira os princípios subjetivos da barbárie, precisamos enxergar além do presente e sermos capazes de elaborar o nosso passado, a fim de reconhecer a continuidade histórica e a possibilidade de um vir-a-ser. Cada um de nós precisa entender os limites impostos pelo nosso narcisismo e pela paixão pelo presente, a inflexão em direção ao sujeito depende da autocrítica em relação ao nosso conformismo. A energia da servidão voluntária, que garante

nossa autoconservação, poderia ser investida na resistência e na ideia de um porvir. Precisamos criticar e confrontar o princípio cultural descrito por Lasch (1983, p. 25): "Viver para o momento é a paixão predominante, viver para si, não para os que virão a seguir ou para a posteridade". Pois esse princípio se relaciona com o sentimento de impotência que mantém a realidade existente inalterada.

De qualquer modo, a ideologia dominante hoje em dia define que, quanto mais as pessoas estiverem submetidas a contextos objetivos em relação aos quais são impotentes, ou acreditam ser impotentes, tanto mais elas tornarão subjetiva essa impotência. Conforme o ditado de que tudo depende unicamente das pessoas, atribuem às pessoas tudo o que depende das condições objetivas, de tal modo que as condições existentes permanecem intocadas (Adorno, 2022, p. 38).

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. Sobre música popular. In: COHN, G (org). **Coleção “Grandes Cientistas sociais”**. Trad. Flavio R. Kothe. São Paulo: Ática, 1986, p. 115-146.

ADORNO, Theodor W. La técnica psicológica de las alocuciones radiofónicas de Martin Luther Thomas. In: ADORNO, Theodor W. **Escritos sociológicos II**. Vol. 1. Madri: Ediciones Akal, 2008a.

ADORNO, Theodor W. **Minima Moralia**: reflexões a partir da vida lesada. Trad. Gabriel Cohn. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008b.

ADORNO, Theodor W. Teoria da semiformação. In: PUCCI, Bruno; ZUIN, Antônio. A. S; LASTÓRIA, Luiz. A. C. N. (orgs). **Teoria crítica e inconformismo**: novas perspectivas de pesquisa. Campinas: Autores Associados, 2010.

ADORNO, Theodor W. Antissemitismo e propaganda fascista. In: ADORNO, Theodor W. **Ensaios sobre psicologia social e psicanálise**. Trad. Verlaine Freitas. São Paulo: Editora Unesp, 2015. p. 137-152.

ADORNO, Theodor W. A psicanálise revisada. In: ADORNO, Theodor W. **Ensaios sobre psicologia social e psicanálise**. Trad. Verlaine Freitas. São Paulo: Editora Unesp, 2015. p. 43-69.

ADORNO, Theodor W. Sobre a relação entre sociologia e psicologia. In: ADORNO, Theodor W. **Ensaios sobre psicologia social e psicanálise**. Trad. Verlaine Freitas. São Paulo: Editora Unesp, 2015. p. 71- 135.

ADORNO, Theodor W. Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista. In: ADORNO, Theodor W. **Ensaios sobre psicologia social e psicanálise**. Trad. Verlaine Freitas. São Paulo: Editora Unesp, 2015. p. 153-189.

ADORNO, Theodor W. **Liderança democrática e manipulação de massas**. 2018. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/adorno/index.htm>. Acesso em 2 out. 2024.

ADORNO, Theodor W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. Organizado por Virginia Helena Ferreira da Costa. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

ADORNO, Theodor W. **Aspectos do novo radicalismo de direita**. Trad. Felipe Catalani. São Paulo: Editora Unesp, 2020.

ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ALGEBAILLE, Eveline. **Escola pública e pobreza no Brasil: a ampliação para menos**. Rio de Janeiro: Ed. Lamparina, Faperj. 2009.

AMARAL, Mônica. **O espectro de Narciso na Modernidade: de Freud a Adorno**. São Paulo: Estação Liberdade, 1997.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e holocausto**. Trad. Marcus Penchel. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BOSCO, Francisco. Violência e sociedade do espetáculo. In: NOVAES, Adauto (org). **Mutações: fontes passionais da violência**. São Paulo: Edições Sesc, 2015.

BRASIL. Senado Federal. **Comissão Parlamentar Mista de Inquérito - Fake News**. Relatório final. Brasília, DF: Senado Federal, 2022. Disponível em: <<https://legis.senado.leg.br/atividade/comissoes/comissao/2292/mna/relatorios>>. Acesso em: 11 fev. 2023.

CARVALHO, Marcus Vinicius Corrêa. Mimese: sobre processos de conhecimento, representação artística e formação na história da educação. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 35, n. 73, p. 15-31, jan./fev. 2019.

CATINI, Carolina. Educação e empreendedorismo da barbárie. In: CÁSSIO, Fernando (org.). **Educação contra a barbárie: por escolas democráticas e pela liberdade de ensinar**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

COHN, Gabriel. Esclarecimento e ofuscação: Adorno & Horkheimer hoje. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, São Paulo, n. 43, p. 5-24, 1998.

COSTA, Virginia Helena Ferreira da. Estranho, alienação e inquietante em Dialética do Esclarecimento: uma antropologia entre Freud e Marx. **Sapere Aude**, Belo Horizonte, v. 6, n.11, p.149-165, 2º sem. 2015.

CROCHIK, Jose Leon. A forma sem conteúdo e o sujeito sem subjetividade. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 21, n.1, p. 31-46, 2010.

DUARTE, Rodrigo. Apresentação à edição brasileira. In: ADORNO, Theodor W. **As estrelas descem à Terra: a coluna de astrologia do Los Angeles Times: um estudo sobre superstição secundária**. Trad. Pedro Rocha de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

ECO, Umberto. **O fascismo eterno**. Trad. Eliana Aguiar. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

FREITAS, Verlaine. Adorno e Horkheimer leitores de Freud. **Remate de Males**, Campinas-SP, v. 30, n.1, p. 123-146, Jan./Jun. 2010

FREUD, Sigmund. O inquietante. In: **História de uma neurose infantil** (O homem dos lobos): além do princípio do prazer e outros textos. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a.

FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu**. São Paulo: Best Books Brasil, 2010b. Ebook.

FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão. In: FREUD, Sigmund. **Cultura, sociedade, religião**: O mal-estar na cultura e outros escritos. Trad. Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 233-297.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na cultura. In: FREUD, Sigmund. **Cultura, sociedade, religião**: O mal-estar na cultura e outros escritos. Trad. Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 305-410

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do Eu. In: FREUD, Sigmund. **Cultura, sociedade, religião**: O mal-estar na cultura e outros escritos. Trad. Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 137-232.

FROMM, Erich. Sobre o sentimento de impotência. **Dissonância**: Revista de Teoria Crítica, Campinas, v. 1, n. 1, p. 68-103, 27 jun. 2017.

HORKHEIMER, Max. Meios e fins. In: HORKHEIMER, MAX. Eclipse da razão. Trad. Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Editora Centauro, 2002.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. Temas básicos da sociologia. São Paulo: Editora Cultrix, 1973.

JANUÁRIO, Adriano. Educação e resistência em Theodor W. Adorno. São Paulo: Edições Loyola, 2020.

JAY, Martin. **As ideias de Adorno**. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Cultrix, 1988.

JAY, Martin. **A imaginação dialética**: história da Escola de Frankfurt e do Instituto de Pesquisas Sociais, 1923-1950. Trad. Vera Ribeiro. Revisão da Trad. César Benjamin. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

KANT, Immanuel. Resposta à pergunta: Que é “Esclarecimento”? In: **Textos seletos**. 2ª ed. Trad. Floriano de Sousa Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1985.

LAPOUJADE, David. Fundar a violência: uma mitologia? In: NOVAES, Adauto (org). **Mutações**: fontes passionais da violência. São Paulo: Edições Sesc, 2015.

LASCH, Christopher. A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio. Trad. Ernani Pavanelli. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

LASTÓRIA, Luiz A. Calmon Nabuco. **Ensaio de teoria crítica, ética e psicanálise**: a formação do sujeito contemporâneo em questão. São Paulo: Nankin, 2017.

LOURES, Luciene Fernandes; SAMPAIO, Thais Fernandes. Quem é o professor segundo o projeto escola sem partido? Um processo de silenciamento e depreciação docente. **Revista da FAEBA - Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 29, n. 58, p. 216–232, abr./jun. 2020.

MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial**. Trad. Giasone Rebuá. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

MARCUSE, Herbert. Algunas Implicaciones Sociales de la Tecnología Moderna. In: MARCUSE, Herbert. **Guerra, Tecnología y Fascismo-textos inéditos**. Medellín. Editorial Universidad de Antioquia, 2001.

NEUMANN, Franz. Angústia e política. **Dissonância**: Revista de Teoria Crítica, Campinas, v. 1, n. 1, p. 104-154, 27 jun. 2017.

NOVAES, Adauto. Onze notas sobre as *Fontes passionais da violência*. In: NOVAES, Adauto (org). **Mutações**: fontes passionais da violência. São Paulo: Edições Sesc, 2015

PUCCI, Bruno. Theodor Adorno, Educação e Inconformismo: ontem e hoje. In: PUCCI, Bruno; ZUIN, Antônio. A. S; LASTÓRIA, Luiz. A. (orgs). **Teoria crítica e inconformismo**: novas perspectivas de pesquisa. Campinas: Autores Associados, 2010.

REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

ROUANET, Sergio Paulo. **Teoria crítica e psicanálise**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

SAFATLE, Vladimir. Freud em Frankfurt: A função da psicanálise no pensamento de Theodor Adorno. In: KUPERMANN, Daniel (org). **Por que Freud hoje?** São Paulo: Zagodoni Editora, 2017. p. 63-89.

SAMPAIO, Maria das Mercês Ferreira; MARIN, Alda Junqueira. Precarização do trabalho docente e seus efeitos sobre as práticas curriculares. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 89, p. 1202-1225, 2004.

SIMMEL, Ernst (1946) **Antissemitismo e psicopatologia de massas** [Trad. Gabriel K. Saito]. *Lacuna: uma revista de psicanálise*, São Paulo, n. -10, p. 5, 2020. Disponível em: <<https://revistalacuna.com/2020/12/05/n-10-5/>>. Acesso em: 12 de dezembro de 2023.

SOUZA, José Tadeu Batista; GOMES, Ricardo Jorge Silveira. Fundamentalismo religioso e democracia no Brasil: entranhas de dois extremos. **Religare**, João Pessoa, v.18, n. 2, p. 517-537, dez. 2021.

WIGGERSHAUS, Rolf. **A escola de Frankfurt**: história, desenvolvimento teórico, significação política. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.